



AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS

**LETRAS LÁ E LETRAS AQUI: CONSTRUÇÕES
IDENTITÁRIAS NA FORMAÇÃO DE UMA LICENCIANDA
ENTRE BRASIL E SUÉCIA**

LAVRAS - MG

2020

AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS

**LETRAS LÁ E LETRAS AQUI: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NA
FORMAÇÃO DE UMA LICENCIANDA ENTRE BRASIL E SUÉCIA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Linguagens, Diversidade Cultural e Inovações Pedagógicas, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Tania Regina de Souza Romero
Orientadora

LAVRAS - MG

2020

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Reis, Amanda Cristina dos Santos.

Letras lá e Letras aqui: construções identitárias na formação de
uma licencianda entre Brasil e Suécia / Amanda Cristina dos Santos

Reis. - 2020.

143 p.

Orientador(a): Tania Regina de Souza Romero.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2020.

Bibliografia.

1. Intercâmbio. 2. Identidade docente. 3. Formação de
professores. 4. Narrativas autobiográficas. I. Romero, Tania Regina
de Souza. II. Título.

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do(a) autor(a) e de seu
orientador(a).

AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS

**LETRAS LÁ E LETRAS AQUI: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NA
FORMAÇÃO DE UMA LICENCIANDA ENTRE BRASIL E SUÉCIA**

**LANGUAGES THERE, LANGUAGES HERE: IDENTITY CONSTRUCTION
OF AN UNDERGRADUATE STUDENT IN BETWEEN BRAZIL AND SWEDEN**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Linguagens, Diversidade Cultural e Inovações Pedagógicas, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 29 de junho de 2020
Dra. Tania Regina de Souza Romero (UFLA)
Dra. Patricia Vasconcelos Almeida (UFLA)
Dra. Maria Eugenia Batista (UNIFESP)

Profa. Dra. Tania Regina de Souza Romero
Orientadora

LAVRAS-MG

2020

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Adaptação do esquemas de Sistemas Interpessoais	27
Figura 1 – Modelo de Interação Transcultural, adaptado e traduzido	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação de dados quantitativos de Avaliatividade nos excertos	41
Quadro 1 – Dados das colaboradoras de pesquisa	70
Quadro 2 – Resultados Gerais	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Atitude nos excertos analisados	42
Gráfico 2 – Afeto nos excertos analisados	42
Gráfico 3 – Apreciação nos excertos analisados	43

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1.1 Primeiro Artigo	10
1.2 Segundo Artigo	11
1.3 Apresentações em Congressos	11
LETRAS LÁ E LETRAS AQUI: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NA FORMAÇÃO DE UMA LICENCIANDA ENTRE BRASIL E SUÉCIA	15
1 INTRODUÇÃO	17
2 IDENTIDADES: INFLUÊNCIAS CULTURAIS NA DOCÊNCIA	21
3 A PESQUISA NARRATIVA: A AUTOBIOGRAFIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	24
4 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE: A CONSTRUÇÃO DA ATITUDE	26
5 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	28
6 O INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA SUÉCIA	30
7 RESULTADOS DA ANÁLISE DA AUTOBIOGRAFIA DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO	32
7.1 A estrutura da universidade	32
7.2 A abordagem dos professores	33
7.3 A organização das aulas	36
7.4 Outras observações quali-quantitativas	39
8 REFLEXÕES FINAIS SOBRE O ESTUDO	44
REFERÊNCIAS	45
ANEXO	47
UM ESTUDO IDENTITÁRIO DE UNIVERSITÁRIAS INTERCAMBISTAS SOB UMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL-CULTURAL	60
1 INTRODUÇÃO	60
2 A IDENTIDADE EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL	64
3 APORTE METODOLÓGICO	70
4 RESULTADOS DAS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS	73
4.1 Os relacionamentos interpessoais acadêmicos	73
4.2 O formato de ensino	76
4.3 Os novos caminhos profissionais e a necessidade de fomento e divulgação de programas de intercâmbio	78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	84

ANEXO A	86
ANEXO B	89
ANEXO C	125

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A princípio, é relevante explicitar que o presente trabalho é composto por dois produtos, desenvolvidos durante o Programa de Pós-Graduação em Educação na modalidade de Mestrado Profissional da Universidade Federal de Lavras – UFLA. Ainda como parte do desenvolvimento no mestrado, destaco duas apresentações de trabalho em eventos externos. Enquadra-se na área de Formação de Professores e segue a linha de pesquisa Linguagens, Diversidade cultural e Inovações pedagógicas do Programa, entre os anos de 2018 e 2020. Foi desenvolvido para obtenção do título de mestre em educação e insere-se no Projeto de Pesquisa Identidade do Docente de Línguas, liderado por minha orientadora professora Dra. Tania Regina de Souza Romero.

Nesse contexto, sob orientação, optou-se pela produção de dois artigos científicos, ao invés de uma dissertação, para divulgação em publicações científicas. Esses artigos serão apresentados adiante.

Este relatório, portanto, tem por finalidade apresentar a pesquisa que foi desenvolvida no Programa do Mestrado Profissional em Educação e está organizado em três seções, que fazem um breve resumo sobre os artigos e as apresentações de trabalho em eventos.

1.1 Primeiro Artigo

A autobiografia, objeto de estudo qualitativo deste artigo, foi elaborada como proposta da disciplina Linguagem e Identidade Docente para o projeto “Museu de mim”. Por meio da experiência de intercâmbio relatada na autobiografia, este artigo buscou responder às seguintes questões: (a) Quais são as principais diferenças identificadas na minha autobiografia entre ser estudante do curso de Letras em uma universidade pública no Brasil e na Suécia?; (b) Como essa experiência pode ter afetado minha identidade?; (c) Como minhas avaliações são realizadas linguisticamente?

Por meio destas questões, objetivou-se identificar as principais diferenças entre estudar os cursos de Letras em uma universidade no Brasil e uma universidade na Suécia mencionadas na autobiografia; identificar e categorizar os significados construídos resultantes dos aspectos positivos e das inquietações observados na experiência de intercâmbio; reconhecer as influências dessa experiência na identidade docente.

1.2 Segundo Artigo

Neste trabalho, não é mais enfocada a própria experiência formadora, mas a experiência formadora de outras estudantes, com base em intercâmbio internacional. Colaboradoras ingressas e formadas no curso de Letras foram entrevistadas e questionadas sobre suas experiências internacionais, a fim de compreender as seguintes questões: (a) Quais são as principais dificuldades identificadas pelas colaboradoras ao estudar em outro país?; (b) Quais foram os possíveis efeitos surtidos em suas identidades?; (c) Como o intercâmbio contribui para a formação dessas (futuras) professoras de línguas, na visão delas?

A partir desses questionamentos, buscou-se analisar especificamente possíveis efeitos identitários em estudantes de Letras que fizeram intercâmbio durante a graduação, a fim de compreender a relevância da experiência internacional na formação identitária.

1.3 Apresentações em Congressos

Como uma das exigências para desenvolvimento acadêmico no mestrado, foram apresentados trabalhos em dois eventos diferentes: *I ENALTE: ENCONTRO SOBRE NARRATIVAS DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS E TECNOLOGIAS* (2018 - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG) e *21º INPLA: INTERCÂMBIO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA* (2018 - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP). Os trabalhos são relacionados à pesquisa realizada durante a participação no Programa de Pós-Graduação em Educação. A apresentação em eventos possibilitou a troca de conhecimentos e a divulgação do estudo desenvolvido no Programa.

A seguir, estão os resumos publicados nos cadernos de resumo dos eventos e seus respectivos certificados.

RESUMO ENALTE¹

Intercâmbio e Identidade: uma perspectiva autobiográfica docente

Comunicação

Amanda Cristina dos Santos Reis (UFLA)

¹ Caderno de resumos *I ENALTE: ENCONTRO SOBRE NARRATIVAS DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS E TECNOLOGIAS* (2018, p.26). Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/enalte/>>

Partindo da ideia de que as experiências de vida, sejam elas pessoais, culturais ou profissionais, evidenciam uma formação identitária, um intercâmbio contribuiu, consideravelmente, para que eu pudesse me reconstituir nesse quesito enquanto professora. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca apresentar um olhar crítico-reflexivo sobre os efeitos de um intercâmbio internacional na minha identidade docente. Para fundamentar esse estudo, pautei-me em BARCELOS (2016), ao relacionar identidade às experiências, uma vez que quanto mais conectadas às emoções, mais influenciadoras serão no desenvolvimento identitário. Além disso, ela destaca a importância de entender a identidade como dinâmica e variada. Ou seja, diz respeito ao caráter identitário que assumimos em determinados contextos, como no papel familiar, por exemplo, ou no caso da prática docente, foco deste trabalho. Dessa forma, para chegar a essas percepções, recorri à PAIVA (2008), que apresenta a pesquisa narrativa como forma de coletar uma história a fim de entender determinado fenômeno. Com base nesses pontos teóricos, irei utilizar a autobiografia como forma de acessar informações da minha própria história e como alternativa de ressignificar a minha identidade docente sob um viés reflexivo e emotivo. Assim, ao utilizar a linguagem autobiográfica e ao voltar nas memórias, será possível abrir um espaço para se pensar de forma prática e retomar o efeito social, pessoal, profissional, político, dentre outros fatores que recaem na minha bagagem como professora, e como isso pode implicar em minhas ações futuras. Portanto, como resultado parcial, tendo em vista que minha autobiografia teve o foco na experiência de estudar em um curso de Letras em um país europeu, pude ter um olhar para diferentes perspectivas de formação de professores, além de viver em um contexto cultural e educacional diferenciado. Observei também as mudanças na minha postura de pensamento e comportamento, bem como a relevância de tal experiência no meu desenvolvimento profissional, se atentando aos pontos negativos e positivos nas linhas e entrelinhas autobiográficas. Assim, espero que a presente comunicação motive interações prático-reflexivas na área de formação de professores.

Palavras-chave: Intercâmbio; Identidade docente; autobiografia.

RESUMO INPLA²

Intercâmbio: Impactos Na Identidade Docente

Pôster [ID: 3982326439918514183]

Amanda Cristina Dos Santos Reis (UFLA)

Há estudos que confirmam que a prática docente está muito ligada à formação identitária do indivíduo. Nesse contexto, pode-se inferir que um intercâmbio internacional possui um grande impacto na vida de um professor que teve a possibilidade de vivenciar tal experiência, fazendo com que a ação docente se reconstrua. Tendo em vista tal questão, o pôster em pauta objetiva apresentar as reflexões sobre os impactos de um intercâmbio internacional na identidade docente. A fim de fundamentar esse momento reflexivo, utilizou-se de ROMERO (2010) ao selecionar diversas autobiografias como alternativa de ressignificar a identidade docente sob um olhar crítico-reflexivo. Além disso, ao utilizar a autobiografia, pode-se considerar que a busca consciente pela identidade docente por meio desse método pode ser

² Caderno de resumos **21^o INPLA: INTERCÂMBIO DE PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA** (2018, p.61-62). Disponível em: <http://corpuslg.org/inpla/2018/wp-content/uploads/2019/06/book_of_abstracts_inpla_2018_hand-edited_with_cover.pdf>

um caminho gratificante ao mesmo tempo que pode ser árduo, uma vez que o professor volta em suas memórias e acaba por lidar com as emoções (Barcelos, 2016, 2017) empreendidas nesse processo. Na autobiografia em estudo, é enfocada a experiência de estudar em um curso de Letras em um país europeu, que me permitiu um olhar para diferentes perspectivas de formação de professores, além de viver em um contexto cultural e educacional diferenciado. Com isso, por efeito do intercâmbio, percebi uma mudança de comportamento e pensamento, além de como essa experiência foi significativa na minha prática docente. Assim, espera-se como resultado que o estudo presente no pôster induza a interações práticas e crítico-reflexivas na área de formação de professores, levando em consideração a troca de experiências vividas pelos docentes.

Exchange: The Impact On Teacher Identity

There are studies that confirm that the teaching practice is closely linked to the identity formation of the individual. In this context, it can be inferred that an international exchange has a great impact on the life of a teacher who had the possibility to have such experience, causing the teaching action to be rebuilt. In view of this issue, the poster aims to present the reflections on the impacts of an international exchange on the teaching identity. In order to substantiate this reflexive moment, ROMERO (2010) was used to select several autobiographies as an alternative to re-signify the teaching identity under a critical-reflective look. In addition, in using autobiography, one can consider that the conscious search for teacher identity through this method can be a rewarding path while it can be arduous, once the teacher goes back in his memories and ends up dealing with the emotions (Barcelos, 2016, 2017) undertaken in this process. In the autobiography under study, it is focused the experience of studying in a course of Languages and Literature in a European country, that allowed me to a look at a different perspectives of teacher training, besides living in a different cultural and educational context. As a result of the exchange, I noticed a change in behavior and thinking, as well as how this experience was significant in my teaching practice. Thus, it is expected as a result that the study present in the poster induce practical and critical-reflexive interactions in the area of teacher training, taking into account the exchange of experiences by teachers.

CERTIFICADOS



FALE **UFMG**
FACULDADE
DE LETRAS



ENALTE
2018
ENALTECER
HISTÓRIAS
PARA
APRENDER

CERTIFICADO

Certificamos que Amanda Cristina dos Santos Reis participou do I Encontro sobre Narrativas de Aprendizagem de Línguas e de Tecnologias - I ENALTE - no dia 31 de agosto de 2018, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e apresentou o trabalho intitulado "Intercâmbio e Identidade: uma perspectiva autobiográfica docente".

Belo Horizonte, 05 de setembro de 2018.



Ronaldo Corrêa Gomes Junior



Luciana de Oliveira SILVA

Coordenação do I ENALTE



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM
21º InPLA (Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada)

Certificado

Certificamos, para os devidos fins, que **Amanda Cristina Dos Santos Reis** (*UFLA Universidade Federal de Lavras*) apresentou o pôster **Intercâmbio: Impactos Na Identidade Docente** no 21º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada (InPLA), organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), de 10 a 13 de dezembro de 2018.

A comissão organizadora

Tony Berber Sardinha
Tony Berber Sardinha
Beth Brait
Maximina Freire

<http://corpuslg.org/inpla/2018>

(ID subs/3982326439918514183)

LETRAS LÁ E LETRAS AQUI: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS NA FORMAÇÃO DE UMA LICENCIANDA ENTRE BRASIL E SUÉCIA

Amanda Cristina dos Santos Reis

RESUMO

Partindo do entendimento de que um intercâmbio internacional pode causar mudanças no desenvolvimento identitário de um futuro professor, este estudo repensa essa experiência intercultural para identificar possíveis modificações no docente em formação. Assim, por meio de uma pesquisa qualitativa, a presente investigação tem por objetivo utilizar a autobiografia da pesquisadora-narradora para identificar as influências do intercâmbio e ressignificar a própria identidade docente sob um olhar crítico-reflexivo. Para embasar o estudo, pautei-me, principalmente, nas elaborações teóricas sobre identidade docente conforme Barkhuizen (2016), Barcelos (2017), Block (2009) e Hall (2006). Considerando que esta é uma pesquisa narrativa, voltada para a formação de professores, baseei-me nas fundamentações de Bruner (2014,1990), Brockmeier e Carbaugh (2001), Nóvoa (2013) e Souza (2016). Ademais, para fundamentar a interpretação dos dados no âmbito linguístico, valho-me dos princípios da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), especificamente pelo sistema da Avaliatividade. Com base nos objetivos, na base teórica e na análise deste estudo, pude ter um entendimento de diferentes perspectivas de formação inicial de professores ao viver em um contexto cultural e educacional diferente do Brasil. Os resultados da pesquisa mostraram que o intercâmbio me proporcionou mudanças de identidade tanto pessoais quanto profissionais, por meio das quais as experiências me tornaram mais adaptável a novos contextos e influenciaram a minha atual prática docente, evidenciando, principalmente, a minha escolha por métodos afetivos de ensino e a minha preocupação com a qualidade de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Intercâmbio. Identidade docente. Formação de professores. Narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

Starting from the point of view that an international exchange program can cause changes of identity development in the life of a teacher-to-be, this research rethink at this intercultural experience to identify possible modifications to the teacher in training. Thus, through a qualitative research, the present investigation aims to use the autobiography of the researcher-narrator to identify the influences of the exchange and to re-signify my teaching identity under a critical-reflective view. To support the study, I focused mainly on the theoretical elaborations on teacher identity according to Barkhuizen (2016), Barcelos (2017), Block (2009) and Hall (2006). Considering that this is a narrative research aimed at teacher training, I have based it on the foundations of Bruner (2014, 1990), Brockmeier and Carbaugh (2001), Nóvoa (2013) and Souza (2016). In addition, to approach linguistically the interpretation of the data, I make use of the principles of Systemic-Functional Linguistics (LSF), specifically through the use of Appraisal System. Based on the objectives, theoretical basis and analysis of this study, I was able to have an understanding of different perspectives of teacher initial education living in a cultural and educational context different from Brazil. In this way, the research results showed that the exchange brought me both personal and professional changes, in which the experiences made me more adaptable to new contexts and influenced my current teaching practice, mostly showing my choice for affective methods of teaching and my concern about the quality of teaching-learning.

Keywords: Exchange program. Teaching identity. Teacher education. Autobiographical narratives.

1 INTRODUÇÃO

Uma experiência de intercâmbio pode ser transformadora tanto na vida pessoal quanto na vida profissional. Por isso, este estudo reflete sobre a identidade do futuro professor em sua trajetória de formação inicial, com base em uma oportunidade de intercâmbio acadêmico, e o quanto a metamorfose identitária decorrente dessa vivência pode influenciar na docência. Sob esse viés, é importante destacar que, tendo em vista o tema e os enfoques teóricos que vemos adiante, esta pesquisa configura-se como necessária no contexto de formação inicial de professores, uma vez que traz à tona os significados construídos por uma ex-intercambista, agora na qualidade de pesquisadora da própria experiência formadora, gerando reflexões sobre como o intercâmbio internacional pode afetar diretamente a prática docente. Além disso, a pesquisa também é uma forma de trazer luz às discussões e avaliações de programas de intercâmbio cada vez mais populares e incentivados no país, em vista dos propósitos de globalização e internacionalização hoje enfatizados.

Como investigadora da própria experiência, vale apontar que sou uma jovem professora de Língua Portuguesa que já atuou na rede pública de ensino e atuo há dois anos e meio na rede privada. Nesse lugar que ocupo, percebo que exerço papéis que se adequam a determinado contexto, ou seja, assumo identidades diferentes com base na minha formação pessoal, interpessoal e profissional (BARCELOS, 2017). Em meio a esse pensamento, percebo que o meu intercâmbio de mobilidade acadêmica para a Suécia, que será mais detalhado adiante, me transformou, influenciando fortemente na pessoa e profissional que sou hoje, me levando a desenvolver esta pesquisa.

Esse processo de intercâmbio começou durante o sétimo período do curso de Letras, quando fui agraciada com uma bolsa de intercâmbio para a Suécia pelo *Programa Euro Brazilian Windows Plus* (EBW+). Esse programa é uma versão do Erasmus Mundus voltada para estudantes brasileiros. O Erasmus Mundus foi criado em 1987, a fim de aproximar as universidades da União Europeia, de forma pedagógica, administrativa e filosófica (BLOCK, 2009). De acordo com o website do projeto EBW+, o programa, em relação ao Brasil, visa

o enriquecimento mútuo e melhor entendimento entre a Europa e o Brasil através do intercâmbio de pessoas, conhecimentos e competências no que diz respeito ao Ensino Superior; o aumento da cooperação internacional entre Instituições de Ensino Superior brasileiras e de países europeus, contribuindo assim para a promoção do desenvolvimento socioeconômico

deste país; a promoção da transparência e do reconhecimento de estudos e qualificações em nível internacional. (EBW+, Informações Gerais, s/p)³

Inserida nesse contexto, ao ser contemplada por esse programa e desembarcar em um lugar completamente novo para mim, percebo, hoje, que despertei um olhar crítico para os aspectos culturais e educacionais que se diferenciavam da universidade que estudei no meu país e que refletem no meu papel como professora. Levando em conta que experiências educacionais como a que tive podem ter significado especialmente relevante em minha identidade docente (BLOCK, 2009; NÓVOA, 2013; SOUZA, 2016; BARKHUIZEN, 2017; BARCELOS, 2017), vejo como crucial compreender e refletir sobre os possíveis impactos resultantes dessa vivência.

Nessa perspectiva, em 2018, rememorei minhas experiências educacionais e culturais na Suécia por meio de uma autobiografia, instrumento reflexivo sugerido na disciplina intitulada *Linguagem e Identidade Docente*, do Programa de Mestrado em Educação do qual faço parte, para desenvolver o trabalho intitulado *Museu de Mim*, cuja proposta foi relembrar experiências impactantes e refletir sobre possíveis transformações identitárias. O resultado positivo do trabalho me fez querer aprofundar no estudo da autobiografia, e me inserir no Grupo de Pesquisa *Identidade do Docente de Línguas* (IDOLIN)⁴.

É importante destacar que este estudo foi motivado pela necessidade de refletir sobre os programas de internacionalização, considerando especialmente que poucos da área de Humanidades, na qual a educação se insere, são contemplados com oportunidades de intercâmbio. Tais reflexões me parecem importantes no cenário brasileiro, observando-se o aumento de intercâmbios internacionais e igualmente porque o próprio programa *Erasmus*, como Block (2009) menciona, aborda muito pouco a questão de identidade, focando mais em estereótipos de nacionalidade dos participantes e no que aprenderam sobre a cultura do país acolhedor. Por mais que essas características possam ser comuns no programa, atenta-

³EBW+ - Euro Brazillian Windows Plus, Informações Gerais. Disponível em: <https://ebwplus.up.pt/general_information>. Acesso: 20/10/2018.

⁴O projeto, liderado pela Profa. Tania R. S. Romero, tem o objetivo de discutir e refletir sobre o processo de construção da identidade do docente de línguas materna e adicionais. Assim, são tematizadas experiências pessoais, influências de outros e possíveis contingências contextuais e sociais vivenciadas por professores em formação inicial e continuada que possam ter impactado a forma de entender, conceituar e praticar ações docentes, especialmente no que concerne a área de línguas.

se à necessidade de se abordar a questão da identidade como um dos fatores que potencialmente sofrem transformações em um contexto de intercâmbio.

Além desses fatores, a pesquisa é motivada pelos possíveis efeitos que as experiências de intercâmbio podem trazer para a educação, visto que existem poucos estudos que tematizam a questão. Posso citar, como exemplo de pesquisas que surgem nessa área no Brasil, o trabalho realizado por Cruvinel (2016), que busca analisar relatos de professores que tiveram uma experiência de formação nos Estados Unidos, a fim de investigar as implicações em suas formações identitárias decorrentes da experiência no exterior. Em sua tese, a autora conclui que a reconstrução de identidades de professores a partir da experiência de intercâmbio por eles vividas foi de fundamental importância para manter a motivação, tanto no campo intelectual quanto no profissional.

Em nosso próprio programa⁵, dois estudos foram desenvolvidos nesse âmbito. Um deles é o trabalho sobre identidades baseado em experiência de intercâmbio (EMILIORELI, 2017), que busca compreender os efeitos de um intercâmbio que levaram os participantes dessa experiência a se tornarem professores, a partir de suas transformações identitárias. O outro foi empreendido por Esparza Paillao (2018), uma professora chilena que vive no Brasil há 19 anos, e que usa a narrativa autobiográfica para compreender o seu processo de aprendizagem de línguas adicionais e a influência desse processo na sua prática, como professora de línguas adicionais.

Sob um viés um pouco diferente, Périco e Gonçalves (2018) realizaram uma pesquisa, por meio de questionários, para identificar as dificuldades de estudantes na adaptação e readaptação provenientes da experiência de intercâmbio. É um estudo descritivo com abordagem quantitativa, em que mais de quinhentos questionários foram respondidos por ex-intercambistas. Por meio dos dados coletados, observou-se que os intercambistas passam por uma transformação identitária cultural, se adaptam ao país de destino e sentem dificuldades ao retornarem ao Brasil. As dificuldades relatadas em relação ao retorno que mais se destacaram no estudo foram o desejo de não ter regressado ao país, a dificuldade de readaptação na vida diária, o padrão de gastos no país e a sensação de não pertencimento à sociedade. Essas dificuldades foram observadas por diferentes colaboradores, que viveram entre um a três semestres no exterior.

Tendo em vista as motivações de pesquisa explicitadas e os estudos realizados sobre experiências internacionais, o presente artigo tem por objetivo narrar e refletir sobre as

⁵Programa de Mestrado Profissional em Educação (Universidade Federal de Lavras - UFLA)

possíveis influências identitárias resultantes da experiência de intercâmbio acadêmico em uma universidade na Suécia. Partindo desse objetivo, as finalidades específicas do estudo são identificar as principais diferenças entre ser estudante do curso de Letras em uma universidade pública no Brasil e na Suécia, mencionadas na minha autobiografia, identificar e categorizar os significados construídos resultantes dos aspectos positivos e das inquietações observados na experiência de intercâmbio e reconhecer as influências dessa experiência na identidade.

Para tanto, com base na leitura da autobiografia, as seguintes perguntas de pesquisa norteiam o estudo (a) Quais são as principais diferenças identificadas na minha autobiografia entre ser estudante do curso de Letras em uma universidade pública no Brasil e na Suécia?; (b) Como essa experiência pode ter afetado minha identidade?; (c) Como minhas avaliações são realizadas linguisticamente?

Dessa forma, com o intuito de embasar a pesquisa, inicialmente, pautei-me em referenciais teóricos para conceituar identidade e entender a sua relação com a atuação do professor. Os autores em destaque nessa discussão são Hall (2006), Barkhuizen (2017) e Barcelos (2017). O embasamento em Hall (2006) induz a compreender a identidade em contextos culturais e globais. Especificamente no que tange à identidade docente, Barkhuizen (2016) ressalta a identidade na vida de professores como dinâmica e em constante mutação. Seguindo na mesma direção, Barcelos (2017) considera que identidade é influenciada pelas experiências vivenciadas, além de enfatizar a importância das emoções na relação com a construção identitária.

Por se tratar de uma pesquisa narrativa, também é importante ressaltar que me fundamentei em Bruner (1990), Brockmeier e Carbaugh (2001), e Barcelos (2017). Bruner (1990) desenvolve a discussão sobre o quanto a condição humana é imperfeita, em que a narrativa se torna um instrumento para lidar com essa condição. Brockmeier e Carbaugh (2001) abordam a importância da narrativa como forma de entender o mundo e a si mesmo, por meio das experiências, e Barcelos (2017), de modo similar, identifica a narrativa como uma pesquisa que nos permite uma maior compreensão de nós mesmos por meio do nosso olhar para nossas histórias. No caso do meu estudo, a autobiografia possibilitou gerar minha própria história, em contexto específico, proporcionando uma avaliação tanto sob um viés emocional quanto social. Por fim, apoio-me em Nóvoa (2013) e Souza (2016), que ressaltam a relevância de se refletir sobre a formação de professores com base em experiências de vida.

Além da base teórica mencionada, é importante destacar a função da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) nesta pesquisa, fundamentado principalmente em Martin e White (2005), Fuzer e Cabral (2014) e Almeida (2018). Por meio do Sistema de Avaliatividade, a LSF propõe-se como aporte linguístico para referendar as interpretações sobre a minha formação identitária a partir da experiência de intercâmbio.

A fim de responder às perguntas de pesquisa, o trabalho está organizado de forma a apresentar, primeiramente, a perspectiva teórica, que aborda as conceituações referentes à identidade docente e à pesquisa narrativa e sua relação com a formação do professor, seguida de uma breve contextualização sobre a LSF. Em seguida, explico o aporte teórico-metodológico, caracterizando a pesquisa narrativa autobiográfica e explicitando o modo de categorização dos dados, dando encaminhamento, portanto, para a análise e discussão dos excertos selecionados na minha autobiografia. Por fim, finalizo o trabalho com considerações referentes ao estudo.

2 IDENTIDADES: INFLUÊNCIAS CULTURAIS NA DOCÊNCIA

Para embasar este estudo, inicialmente, pautei-me em referenciais teóricos para conceituar identidades e entender a sua relação com a atuação do professor. Hall (2006), especificamente, evidencia uma identidade formulada a partir da interação entre a sociedade e o sujeito, sendo esse último “formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11). De acordo com o autor, esse sujeito, reformulado a partir da interação com o mundo, sai de um contexto de estabilidade e entra em crise, afetando a identidade.

Outro ponto relevante destacado pelo autor é a pluralidade identitária, em que o sujeito “é composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (HALL, 2006, p. 12). Ou seja, as pessoas manifestam identidades diferentes dependendo do momento ou situação, deixando claro que identidades não são unificadas. Se pensarmos em um professor, como exemplo, podemos compreender que ele irá assumir uma identidade em sala de aula, enquanto professor, e outra identidade ao ensinar o filho em casa, como pai. De acordo com o autor, isso determina que identidades são múltiplas em um indivíduo.

Considerando que o foco deste trabalho é a experiência de intercâmbio, também foi importante estudar sobre a questão de identidades em contexto de migração. Para Block (2009),

é na experiência de migrantes adultos que a identidade e o senso de si são mais colocados em risco, até porque a maioria ou todos os sistemas de apoio anteriores em termos de história, cultura e linguagem foram removidos e devem ser rapidamente substituídos por novos. É no redemoinho resultante desse vácuo relativo que os indivíduos são forçados a se reconstruir e se redefinir, tanto para seu próprio senso de segurança ontológica quanto para as posições atribuídas a eles por outros em seu novo ambiente (BLOCK, 2009, p. 75, tradução nossa⁶).

Nesse sentido, uma vez dada essa reconstrução de identidade em um ambiente em que nossa cultura não é predominante, marcas irreversíveis podem ser geradas na nossa identidade, justificando a ideia do autor quando ele afirma que a identidade e o senso de si são fatores colocados em risco. O autor também menciona o fato de que quanto a experiência de intercâmbio pode agregar à identidade nacional, em oposição ao desenvolvimento de uma maior sensibilidade intercultural.

Nessa vertente, Barkhuizen (2017) conceitua identidades de professores de línguas (*Language Teacher Identity - LTI*) em cinco partes - cognitivas, sociais, emocionais, ideológicas e históricas - de modo a sintetizar o conceito. Nas palavras do educador, voltadas para essas cinco classes identitárias, a LTI é construída conforme as emoções, e fazendo história, mas também são revistas, ao mesmo tempo que podem ser reconhecidas e valorizadas, por si e pelos outros. Além disso, o autor também defende que a LTI é dinâmica e múltipla e pode mudar ao longo do tempo nas interações sociais com professores, aprendizes, gestores, entre outros indivíduos que fazem parte da comunidade educacional.

Ao relacionar o conceito de LTI à prática docente, é possível perceber a propositura da identidade de se pensar sobre o que desejamos ser e o que temos ser (BARKHUIZEN, 2017), posto que o professor, em sua pluralidade, se ancora em experiências para ser o que quiser. Além disso, o autor aborda o fato de que identidade não é algo que o professor possui,

⁶It is in the adult migrant experience that identity and one's sense of self are most put on the line, not least because most oral previous support systems in terms of history, culture and language have been removed and must rapidly be replaced by new ones. It is in them maelstrom resulting from this relative vacuum that individuals are forced to reconstruct and redefine themselves, both for their own sense of ontological security and the positions ascribed to them by others in their new surroundings (BLOCK, 2007, p. 75).

como um objeto, mas é algo que ele vive ou produz. Esses fatores evidenciam que a identidade é sempre plural, uma vez que professores fazem uso de diferentes versões de si, ou seja, ela é desenvolvida dinamicamente, em diferentes contextos.

Nessa mesma perspectiva teórica, de acordo com Barcelos (2017), as identidades são construídas a partir de experiências, sejam elas pessoais, profissionais ou culturais. Apesar disso, Barcelos (2017) ressalta que o

relacionamento orgânico entre os indivíduos e o meio ambiente, no qual moldamos e somos moldados pelas avaliações dos outros sobre nossos comportamentos, formamos ideias sobre nossas identidades com base no que os outros pensam de nós e como eles nos tratam (BARCELOS, 2017, p. 146, tradução nossa⁷).

Essa percepção evidencia também a importância do outro em nossa trajetória identitária. Ademais, a autora aborda a relação das emoções com a identidade que, em proporção, quanto mais as ideias, sejam pessoais ou provenientes de outrem, estejam ligadas às emoções, mais atuantes são na identidade. Isto posto, a autora advoga, assim como Barkhuizen (2017), que as identidades, as crenças e as emoções são dinâmicas e múltiplas, que podem funcionar como uma ferramenta que auxilia na autocompreensão docente.

Além dessas questões, de acordo com Norton (2012), ressaltado por Reichmann e Romero (2019), é importante pontuar que os estudos de identidade não abordam apenas influências e contextos sociais passados, mas também podem explorar possibilidades futuras. Para as autoras, esses estudos são relevantes, uma vez que em seu aspecto cognitivo e afetivo, os professores podem ter a capacidade de lidar com as complicações, inseguranças e alegrias no que se idealiza a profissão docente. Complementarmente, Romero e Casais (2019, p. 5) reforçam que “a identidade não é somente dada por estruturas sociais, mas também é resultante de negociações sociais que fazemos sobre como desejamos nos posicionar no presente e projetar nosso futuro”. Nesse sentido, a transformação identitária de um professor também leva em conta potencialidades vindouras.

A seguir, passo a apresentar um panorama teórico sobre a pesquisa narrativa e a sua contribuição na formação de professores.

⁷In this organic relationship between individuals and the environment, in which we both shape and are shaped by others' evaluations of our behaviors, we form ideas about our identities based on what others think of us and how they treat us (BARCELOS, 2017, p. 146).

3 A PESQUISA NARRATIVA: A AUTOBIOGRAFIA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Para melhor compreender a importância de um estudo narrativo, pautei-me inicialmente em Bruner (1990), que discute narrativas, em especial as autobiográficas. Para o autor, é importante entender experiências e atos não moldados por seus estados intencionais, além de saber que a forma desses estados intencionais é realizada por meio da participação nos sistemas simbólicos da cultura que o ser humano pressupõe entender como suas (BRUNER, 1990). O autor ainda afirma que a narrativa pode ser o meio de nos entendermos com as surpresas e estranhezas da condição humana, para nos conciliarmos com a nossa percepção imperfeita dessa condição (BRUNER, 2014).

Brockmeier e Carbaugh (2001) apontam o estudo da narrativa não apenas ligado às vidas singulares de cada um, mas sim como um campo de possibilidades para a construção da identidade humana. Os autores argumentam que abordagem narrativa é muito produtiva para o estudo da memória autobiográfica e da identidade, e que podem ser desenvolvidas quando são relacionadas à linguagem e ao discurso.

Com base nessas linhas teóricas, a autobiografia serve como forma de retomar a própria história, para si próprio ou para compartilhar com o próximo, potencialmente levando ao autoconhecimento e à conscientização (ROMERO E CASAIS, 2020). Barkhuizen (2017) já apontava que as histórias que contamos sobre nós mesmos influenciam na nossa forma de viver. Logo, as narrativas se tornam uma ferramenta para o desenvolvimento de pensamento crítico-reflexivo de um professor.

Sob esse viés, Barkhuizen e Benson (2008) acreditam que os professores são natos contadores de histórias e que há uma tendência dos docentes em desenvolver atividades profissionais envolvendo narrativa. Porém, eles problematizam o fato de que as narrativas podem variar culturalmente de indivíduo para indivíduo e que os professores podem estar menos ou mais dispostos a contar a própria história para buscar sentido em suas experiências. Portanto, em uma pesquisa narrativa, o professor deve se sentir apto a contar as suas experiências e estar ciente de compartilhar suas impressões, buscando os significados por meio de sua história. Para Barcelos (2017), a narrativa pode ser um momento de reviver a própria história e desenvolver o autoconhecimento, mostrando como a identidade foi transformada por meio de experiências, emoções e crenças.

Para contextualizar a questão da formação de professores e a relação da prática docente com a identidade, amparei-me em Nóvoa (2013) e Souza (2016). Sob a perspectiva

de Nóvoa (2013), a identidade docente é destacada não como um dado adquirido ou como um produto a ser estudado, mas sim como uma construção identitária a ser vivida, considerando a singularidade de cada professor. Inclusive, é relevante a relação que o autor faz da identidade com autonomia do professor em sala de aula e de como controlamos o nosso trabalho, propondo a reflexão sobre a importância de dar atenção não somente ao conhecimento da disciplina lecionada, por exemplo, mas também, talvez como foco principal, revelar o conhecimento de si próprio.

Nesse contexto, de acordo com autor, as experiências registradas em autobiografias se tornam uma possibilidade de evidenciar as fragilidades e as potencialidades da profissão docente. Desse modo, de acordo com Nóvoa (2013), a “qualidade heurística” de abordagens autobiográficas está, em grande parte, na possibilidade de conciliar vários olhares disciplinares, de propor um entendimento plurifacetado e de criar novos conhecimentos entre diversos saberes.

Outro fator discutido pelo autor é a problematização de pesquisa que urge a necessidade da autobiografia como forma de renovar o conhecimento científico. A autobiografia ajuda como um suporte sólido ao repensar a prática docente, passando para o papel a origem das práticas e reflexões. Conforme Reichmann e Romero (2019) salientam, a autobiografia oferece subsídios para que se possa compreender os traços identitários de um professor, de acordo com sua própria voz e interpretação, e para que, dessa forma, possa estimular transformações.

Souza (2016), de maneira análoga, faz, inicialmente, um resgate histórico para evidenciar a importância das singularidades do professor e como ele vive sua formação. Um dos fatos mencionados pelo autor é o ensino à parte do "mundo dos docentes" (2016, p. 16), ou seja, pautado em técnicas e normas da profissão, podendo isolar as vivências do autor. Desse modo, ele menciona a questão da crise identitária, em que a identidade pessoal e profissional é dividida na prática docente, em meio a contextos como a desvalorização do profissional e a crise do trabalho, que advém de um contexto de Pós-Guerra, mas que nunca deixou de ser tão atual. Por meio dessa discussão, o autor afirma que

Investir na formação inicial de professores, num contexto de incertezas, requer a busca de possibilidades que potencializem uma escuta sensível da voz do professor em processo de formação inicial, bem como a adoção de aspectos epistemológicos e metodológicos, no sentido de melhor entender o entrecruzamento do aprendizado constante e contínuo dos saberes, da identidade e da profissionalização, numa estreita relação com as

subjetividades e singularidades das histórias de vida, através da abordagem biográfica (SOUZA, 2016, p. 25).

O autor ressalta, então, a formação enquanto processo, não apenas sob um viés técnico, mas a partir de autonomia, criatividade e iniciativa, dando ênfase nas experiências formadoras que marcam as histórias de vida. Diante dessa abordagem, observa-se a necessidade de trazer à tona as individualidades do profissional docente. Por esse motivo, Souza (2016) aponta a emergência em estudar identidade para contribuir na reconstrução do perfil docente, em meio às adversidades da profissão.

Uma vez discutida a base teórica, passo a apresentar uma seção que aborda a Linguística Sistêmico-Funcional, posto que surge a necessidade de se compreender a sua função na análise linguística da presente pesquisa.

4 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE: A CONSTRUÇÃO DA ATITUDE

Nesta seção, a Linguística Sistêmico-Funcional é elucidada, a fim de melhor compreender sua função na análise linguística adiante. Para isso, recorro ao Sistema de Avaliatividade, que deriva dos estudos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), especificamente no âmbito da Metafunção Interpessoal, uma vez que nessa perspectiva a linguagem é entendida como ferramenta de produção e troca de significados no âmbito social, a fim de realizar determinadas funções sociais (FUZER; CABRAL, 2014). Nesse entendimento, é importante destacar estudos à luz da Avaliatividade e suas ramificações, como em Nunes e Cabral (2018), Lobato e Nogueira (2013), e Osias (2012), que, mesmo voltados especificamente para a esfera linguística, contribuem para a compreensão de análises textuais sob o aparato do Sistema de Avaliatividade.

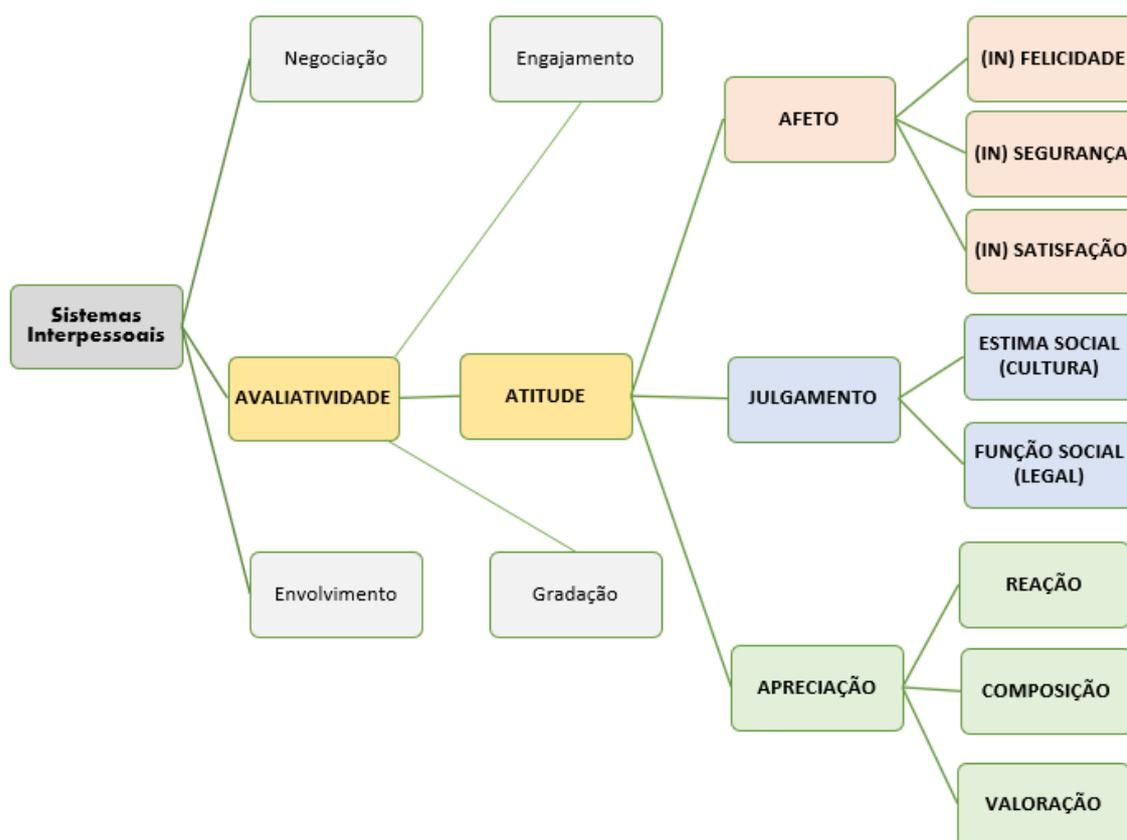
A LSF é um estudo linguístico que está preocupado com a construção de significados diante do contexto que se insere um indivíduo, ou seja, é o fator que estuda a comunicação satisfatória entre os indivíduos em contextos diferenciados (SANTOS, 2014). As metafunções, por sua vez, “são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 32).

Nesse contexto, para analisar escolhas gramaticais e lexicais, optei pelo Sistema da **Avaliatividade**, desenvolvido a partir da LSF, que trata da interpretação de significados

semântico-discursivos no âmbito da metafunção interpessoal. Este sistema está relacionado à subjetividade dos mecanismos de avaliação na escrita/fala, ao modo como quem escreve/fala posiciona seu interlocutor a fazer o mesmo, à construção de significados pautados em sentimentos e valores (emoção, gostos e avaliações normativas) e à forma como identidades são interpretadas (MARTIN; WHITE, 2005).

Como é possível observar na figura abaixo, o Sistema de Avaliatividade é subdividido nos subsistemas de **engajamento**, **atitude** e **gradação**. Segundo Martin e White, enquanto o engajamento lida com as opiniões no discurso e a gradação atende à intensidade dos sentimentos, a atitude se relaciona aos sentimentos quando se trata da reação diante das emoções, dos julgamentos de comportamento e do valor das coisas. Para esclarecer, o que está na categoria **afeto** irá se relacionar diretamente às emoções e o que está na categoria de **apreciação**, pode estar relacionado ao valor das coisas. Vemos um resumo na figura abaixo.

Figura 1 - Adaptação do esquema de Sistemas Interpessoais



Fonte: Martin & White (2005, p.38)

Dessa forma, optei pelo sistema de atitude para empreender a análise da minha autobiografia, pois o aporte dos três recursos (engajamento, atitude e gradação) resultaria em uma análise extensa, além de que é o recurso que se mostra mais apropriado para o que eu intencionei identificar na minha autobiografia, conforme as perguntas de pesquisa.

Para Martin e White (2005), a atitude é dividida em três regiões de sentimento, ‘afeto’, ‘julgamento’ e ‘apreciação’, que são caracterizadas como, respectivamente, a região que ajuda a interpretar reações emocionais; que avalia comportamentos que se baseiam em princípios normativos; e que analisa o valor das coisas. Essas regiões de sentimento separam categorias para ajudar na análise de determinado texto/fala. Martin e White (2005) criam exemplificações a partir dessas categorias e, nessa parte, podemos ver que **afeto** pode ser dividido em *(in)felicidade*, *(in)segurança*, *(in)satisfação* para que possamos identificar os sentimentos e as emoções no discurso, no meu caso, na minha autobiografia. O **julgamento** é organizado em *estima social*, ligado à cultura, e *função social*, referente ao legal, que está relacionado aos sentimentos sobre os modos de comportamento, ou seja, sobre os aspectos éticos e morais impostos pela igreja e pelo Estado (ALMEIDA, 2018). Por outro lado, enquanto afeto e julgamento avaliam os sentimentos e as percepções de si mesmo e do outro, Almeida (2018) explica a **apreciação** no campo das proposições, ou seja, a parte que faz asserções sobre o valor das coisas e o senso de beleza, por exemplo; é dividida por *reação*, *composição* e *valoração*.

Para finalizar esta seção, é importante destacar que

o sistema de Avaliatividade compreende todos os recursos da linguagem para realizar avaliações. Ele exerce a função de realizar, no discurso, os posicionamentos atitudinais dos falantes/escritores e isso acontece quando opiniões ou valores sobre eles mesmos, sobre outras pessoas ou sobre coisas, objetos e situações são emitidos. Portanto, cabe a esse sistema explicar como o fenômeno se dá na linguagem, ou melhor, como todo esse processo acontece: quem avalia? O que avalia? E como avalia – quais os recursos léxico-gramaticais utilizados (ALMEIDA, 2018. p. 187).

Nesse sentido, tendo, por fim, ALMEIDA (2018) explicado resumidamente a função do Sistema de Avaliatividade no processo de avaliações na linguagem, passo a detalhar a abordagem metodológica deste estudo, para o encaminhamento da análise dos dados.

5 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Tendo uma história de experiência pessoal como corpus de análise, o presente estudo se caracteriza como uma pesquisa narrativa. Segundo Creswell (2014), a pesquisa narrativa como método

"começa com as experiências expressas nas histórias vividas e contadas. [...] Os procedimentos para implantar esse tipo de pesquisa consistem em focar no estudo de um ou dois indivíduos, reunir dados por meio da coleta das suas histórias, relatar as suas experiências individuais e ordenar cronologicamente o significado dessas experiências" (CRESWELL, 2014, p. 68).

Desse modo, a interpretação parte da categorização das minhas experiências, de acordo com os significados construídos, tendo as perguntas de pesquisa como orientadoras.

É importante ressaltar que a análise apresenta um cunho crítico-reflexivo, voltado para o contexto deste estudo. Segundo Libâneo (2012), as características do professor crítico reflexivo se baseiam na relação da teoria e prática, na ação de uma realidade social construída, na preocupação com a assimilação de contradições e na reflexividade sociocrítica e emancipatória. Para Freire (1970), a análise de reflexão crítica parte da capacidade de avaliar as realidades social, histórica e cultural, criando possibilidades de transformação ao inclinar os professores a uma maior autonomia de suas ideias e ações. Portanto, enquanto professora, faço minha análise seguindo esses preceitos.

Sob esse viés metodológico, se inicia um processo de compreensão do próprio investigado, ou seja, esse estudo possibilitará uma pesquisa por meio do movimento conhecido por investigação-formação, que “é compreendida como o processo de pesquisa o qual os participantes se formam, ao mesmo passo em que se questionam a respeito de seus projetos de vida – formação.” (CRUZ, 2016, p.18).

Além disso, para auxiliar na construção dos significados, é utilizada a perspectiva do sistema de Avaliabilidade, pois é um recurso da LSF que permite compreender a construção linguística de significados interpessoais, no caso, identitários, a partir de afetos e princípios (MARTIN; WHITE, 2005; FUZER; CABRAL, 2014; ALMEIDA, 2018).

Com base nesse contexto teórico-metodológico, é necessário considerar que este estudo adota uma abordagem qualitativa, uma vez que se resume no conhecimento relativo, agindo de forma subjetiva e justificável (NUNAN, 1992), a partir da análise interpretativa da experiência de intercâmbio.

A análise do corpus é organizada de modo a responder cada uma das três perguntas de pesquisa previamente definidas, como já explicitadas na introdução. Antes de proceder a

análise, o texto foi categorizado com base nas teorias de identidade e formação de professores. Foram selecionados sete excertos da autobiografia de 13 laudas que se mostram relevantes para responder às perguntas de pesquisa. Os excertos são enumerados na análise, para facilitar a observação das ocorrências, e o nome dos professores que surgem na autobiografia são protegidos, sendo referidos a eles a primeira letra de seus nomes. Dessa forma, as perguntas de pesquisa foram respondidas a cada excerto evidenciado na análise, ou seja, a cada trecho selecionado, foram identificadas as diferenças de se estudar em cada país, observado como a experiência pode ter afetado a identidade e realizada uma análise linguística.

Tendo a abordagem metodológica explanada, passo a apresentar as seções que expõem o contexto de intercâmbio e a análise de dados do trabalho.

6 O INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA SUÉCIA

Antes de apresentar a análise dos dados, a partir dos trechos da minha autobiografia, com a finalidade de compreender os impactos do intercâmbio na minha identidade, é importante contextualizar brevemente a minha experiência no país e o conteúdo programático do curso que fiz na Suécia. Foram cinco meses e meio na Suécia, sendo todo esse tempo reservado, principalmente, para os meus estudos na Universidade de Uppsala.

Em relação à minha experiência de estudo, o *English, Basic Course A1*⁸ é oferecido pela Faculdade de Línguas do Departamento de Inglês da Universidade. É um curso independente, voltado para estudantes de períodos iniciais de Letras, mas também era aberto para alunos de outras áreas. Era uma turma consideravelmente grande (*lecture*), de em média 100 alunos, então não foi possível conhecer a nacionalidade de todos. Nas turmas menores (*socratic circles*), de em média 20 alunos, enfocada adiante, eu percebi que era a única estrangeira em uma turma de suecos⁹. Conheci, de fato, apenas duas meninas, que eram as

⁸Syllabus for English A1. Disponível em: <<http://www.uu.se/en/admissions/master/selma/kursplan/?kpid=25911&type=1>>. Acesso: 06/05/2019.

⁹ Roberson (2013) esclarece que *lecture* é um sistema de aula similar a uma palestra, em que o objetivo principal do professor, como propósito de aprendizagem, é passar informações aos estudantes e criar um ambiente para resolução de dúvidas. Por outro lado, o autor também explica sobre *socratic circles*, que possuem um formato mais voltado para conversação e questionamento dos alunos, trabalhando com materiais que sirvam de base para discussões.

únicas pessoas com quem eu tinha mais contato na classe e que me ajudavam com a correção de meus textos, pois a maioria dos suecos eram mais reservados.

O curso era dividido em módulos, a saber: I- Estrutura da Língua (8 créditos); II- Escrita Acadêmica em Inglês (7 créditos); III- Introdução à Linguística Inglesa (5 créditos); IV- Literatura (10 créditos). Assim, eu pude participar dos módulos II, III e IV, pois só tinha os requisitos para essas disciplinas. O módulo II durou três meses e focava na nossa aprendizagem de escrita em contextos formais e acadêmicos. O módulo III, realizado na sequência, durou dois meses, e introduzia os conceitos e teorias sobre linguística, como fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, análise do discurso e sociolinguística. O módulo IV, por sua vez, durou cinco meses e se concentrava na leitura e análise de textos literários de língua inglesa.

É importante observar que a quantidade de créditos para cada módulo é diferente. Isso auxilia na articulação dos módulos, evitando coincidir horários e datas de provas no mesmo dia, e proporcionava tempo a mais de estudo para cada disciplina. Além disso, as formas de avaliação variavam de acordo com o módulo. Enquanto os módulos II e IV avaliavam os alunos com produção e análise de textos, respectivamente, ao longo do curso, o módulo III avaliava com uma única prova final ao encerrar a disciplina.

Além desses aspectos, é relevante informar que escrevi a biografia cerca de um ano após minha chegada da Suécia. Foi uma experiência de nostalgia e de esclarecimento, mas também angustiante, em que tive a oportunidade de repensar minha experiência com base em estudos de identidade. Nesse contexto, entre idas e vindas, pois foi um processo difícil contar a minha própria história, levei um tempo aproximado de cinco meses para chegar a uma autobiografia de 13 laudas. Não tracei apenas minhas experiências do meu intercâmbio, observando a diferença entre os países, mas abordei brevemente o meu percurso até chegar à oportunidade que foi tão importante em minha vida.

Tendo apresentado os principais aspectos do programa de estudos do curso e o contexto de realização da minha autobiografia, antes da análise a ser apresentada neste artigo, categorizei os excertos retirados da minha autobiografia de acordo com as perguntas de pesquisa. A análise linguística, empreendida a partir do Sistema de Avaliatividade, permitiu identificar as diferenças entre os países, os significados construídos e como a experiência afetou minha identidade.

A partir dessa seleção de excertos e dos significados construídos, analiso trechos da autobiografia, de modo a interpretar as percepções e a refletir sobre os efeitos na identidade e nas mudanças resultantes da experiência.

7 RESULTADOS DA ANÁLISE DA AUTOBIOGRAFIA DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO

As discussões nessa seção visam responder às perguntas de pesquisa. Para isso, é importante saber que as perguntas de pesquisa serão respondidas à medida que os excertos são apresentados, em diferentes seções: 7.1 A estrutura da universidade; 7.2 A abordagem dos professores; 7.3 A organização das aulas; 7.4 Outras observações quali-quantitativas. A cada excerto, primeiramente, são identificadas as diferenças de se estudar em cada país. Seguem-se reflexões de como a experiência pode ter afetado a identidade, tanto sob um olhar pessoal quanto pela perspectiva docente. Para finalizar a análise de cada excerto, é feita uma análise linguística, por meio das marcas de Avaliatividade, que compõem a construção de significado.

7.1 A estrutura da universidade

Nesta seção, podemos observar a minha relação com a estrutura da universidade sueca. Começo selecionando os trechos da autobiografia a partir da parte que se relaciona à universidade e ao curso, apesar da narrativa ser iniciada com a minha trajetória de vida até chegar o dia de viajar para vivenciar o intercâmbio. A primeira diferença notável em minha autobiografia em relação a esses aspectos, como pode-se observar no excerto 1 abaixo, foi sobre a estrutura da universidade e do departamento do curso, que muito se diferem da estrutura da minha universidade de origem no Brasil.

Excerto 1

*Diferente do campus em que eu fiz minha graduação no Brasil, os departamentos da universidade em Uppsala eram divididos pela cidade, não eram todos concentrados em um único lugar. Isso era um pouco confuso (Ap-C). Lembro-me até que **fiquei insegura (Af-Inseg)** de entrar no prédio do departamento de inglês pela primeira vez, pois as portas dos prédios não ficam abertas como na minha universidade de origem, pois por conta do frio intenso, as portas ficavam fechadas. Achei que fosse algum*

tipo de prédio restrito a funcionários da universidade. Eu só entrei porque uma aluna sueca surgiu e me perguntou se eu sabia se seria ali o prédio. Daí entramos juntas na aula, o que me deu segurança e alívio (Af-Seg).

As diferenças de se estudar em universidades de países distintos começam pela estrutura. De início, já me sentia confusa e insegura ao ter que lidar com os prédios, pois não era o tipo de situação que eu estava acostumada. Na minha universidade de origem no Brasil, eu sabia que os departamentos se encontravam em um mesmo núcleo, eu apenas precisava parar alguém na universidade para pedir informação. Na universidade da Suécia, isso não bastava, pois eu tinha que me localizar nos mapas da cidade, que me foram fornecidos no meu primeiro dia em Uppsala. Em termos de teoria de identidade, essas diferenças me colocam em uma situação em que, para poder me localizar espacialmente, eu fui forçada a me reconstruir em um novo contexto (BLOCK, 2009), com a intenção de criar uma zona de segurança e autoconfiança.

Ainda nesse trecho, podemos notar marcas linguísticas de emoção e de valor. No trecho *Isso era um pouco confuso*, podemos interpretar como Apreciação de Composição, dentro do sistema de Atitude na Avaliatividade. Eu nunca tinha me deparado antes com uma universidade estruturada daquela forma, então eu reagi de forma receosa e insegura sobre aquele lugar, tentando resgatar referências da minha universidade de origem para que eu pudesse compreender o novo lugar no qual eu me encontrava. Por outro lado, os trechos *fiquei insegura (...)* *o que me deu segurança e alívio* demonstram uma relação de Afeto, de Insegurança e Segurança, respectivamente, o que mostra que, em um único momento, as emoções poderiam variar intensamente.

A seguir, passo a analisar, principalmente, os excertos sobre a minha relação com os professores em ambas universidades.

7.2 A abordagem dos professores

No trecho a seguir, minhas emoções são evidenciadas ao me deparar com as dificuldades iniciais no curso, principalmente em relação às minhas habilidades na língua.

Excerto 2
Dada as circunstâncias, me senti muito mal, com um sentimento de inferioridade e incompetência absurda (Jul-ES), ao conversar com a

responsável do departamento. **Cheguei até a pensar que o programa de intercâmbio tinha cometido um erro ao me selecionar nesse processo seletivo. Eu não conseguia formar frases, falava de forma muito enrolada (Jul-ES).** Lembro da expressão confusa da coordenadora olhando para mim, tentando entender o que eu falava. (...) Ao final da reunião, ela disse que estava preocupada comigo, pois o *English, Basic Course A1* seria um curso mais avançado, com apenas suecos, e ela estava receosa de eu não dar conta do curso por conta do meu nível de inglês. Ela chegou a essa conclusão naquele momento de reunião, observando minha forma de falar. **Eu fiquei muito tensa e desanimada (Af-Inseg).** Não recebi motivação. De certa forma, foi um alerta para que eu pudesse ficar mais atenta e dedicada ao curso, mas foi um primeiro contato que me desmotivou, que me desesperou. Nesse momento, **senti falta (Af-Infel)** dos meus professores no Brasil. Em uma situação dessas, acredito que eles não diriam que eu não daria conta, mas iriam me ajudar a encontrar alternativas para superar as dificuldades.

Apesar do fato de minhas habilidades de comunicação estarem em destaque nesse trecho, a diferença que fica clara é a abordagem dos professores em cada universidade. Essa diferença denota uma possível influência na minha transformação identitária, uma vez que a professora na Suécia foi assertiva sobre o meu nível de inglês, me fazendo entrar em conflito com a minha identidade de aluna. Naquele momento, eu deixava de lado toda a minha história e me via de uma forma diferente no contexto estrangeiro (BLOCK, 2009). Eu criei uma ideia nova sobre minha identidade com base no que a coordenadora pensava a respeito da minha capacidade - eu não era mais a aluna destaque, que conseguiu um intercâmbio, mas sim uma aluna com graves problemas de comunicação - fazendo com que eu sentisse falta da relação de afeto (BARCELOS, 2017) dos meus professores no Brasil. Nesse caso, a autobiografia me ajudou a retomar minhas memórias em relação ao intercâmbio e perceber o quanto eu tive que lidar com insatisfações nas relações pessoais (BRUNER, 2014).

Sob o viés linguístico, mais uma vez identifico Afeto de Insegurança, quando relato as dificuldades para falar inglês. Além disso, demonstro Infelicidade quando menciono que *senti falta* dos professores.

Na narrativa, também surgiram opiniões sobre as características dos professores:

Excerto 3

Enquanto o professor G era mais simpático e receptivo (Jul-ES), a professora M era mais fechada e dura (Jul-ES). (...) O professor R explicava muito bem (Jul-ES), fazia relação com vários assuntos e, dessa forma, eu me sentia mais esperta (Jul-ES).

Pode-se dizer que há uma relação entre a forma de os professores se colocarem e o efeito, positivo ou negativo, que causam em mim. Neste excerto, é importante observar que eu é quem os avalio, ou seja, é sempre como eu os percebo e, juntamente, como esses comportamentos causam reações em mim. Então, se eu percebia *G* como receptivo, eu me sentia mais à vontade para me aproximar e interagir na aula. *R* quando explicava bem, me fazia me sentir mais confiante. Por outro lado, *M* acabava me afastando e me deixando frustrada com os estudos, visto que eu a via como uma mulher mais fechada e ríspida. Esse comportamento de *M* e a forma como eu a avalio desperta em mim o sentimento de incapacidade para lidar com a disciplina durante o intercâmbio.

É necessário destacar que não faço uma comparação entre os professores do Brasil e da Suécia, mas aponto as individualidades dos professores da universidade sueca, pensando na questão da profissionalização docente sob o viés identitário (SOUZA, 2016). Eu não avaliei as minhas próprias potencialidades e fragilidades, mas sim as de outros profissionais. Ao julgar o professor de literatura na minha autobiografia, observei o quanto não aprendi apenas conteúdos literários, mas também por meio da minha experiência com eles, pude destacar as minhas crenças sobre o que seria um bom professor, marcando a minha história de vida a partir de uma experiência formadora. (SOUZA, 2016).

Nesse caso, na perspectiva da Avaliatividade, podemos observar nos trechos destacados marcas de Julgamento de Estima Social, em que aponto a forma como os professores se comportam. Isso reforça a influência das ações dos docentes na minha trajetória identitária profissional, pois aprendo que não é só o conteúdo da aula que proporciona efeitos na vida escolar de um aluno. A atitude do professor e como isso será interpretado poderá afetar como o aluno irá lidar com os estudos.

Naquele momento do intercâmbio, eu ainda não era professora, era uma estudante ao final da formação inicial docente. Logo, eu não me via ainda na profissão e era mais fácil apontar nos outros pontos positivos e negativos. Porém, eu já era professora quando escrevi a autobiografia, o que acredito que me fez escrever com um olhar mais crítico em relação à docência no intercâmbio, tendo como referência os meus professores do Brasil e da Suécia. No excerto 4, a seguir, relato como o comportamento desses professores me afetaram:

Excerto 4

*Toda vez que eu perguntava, ela, de certa forma, era um pouco grosseira comigo. Eu percebia que ela não tinha muita paciência e, **acredito eu, que o motivo é que eu não tinha o mesmo rendimento que os alunos suecos (Af-Inseg)**. Os alunos de lá apresentavam pouquíssimos erros textuais e*

tinham uma facilidade muito grande de conversação. Eu, por outro lado, escrevia mal, falava mal, era tímida, estava desconfortável por não estar no meu país de origem (Af-Inseg). Além disso, ela tinha um sotaque irlandês muito forte, o que não facilitava na minha compreensão de suas explicações. Teve uma vez que ela disse “Amanda, eu já te disse que você não deve escrever isso entre parênteses”, em um tom impaciente. Outra vez, ela disse “Nós não falamos português, não vivemos no Brasil. Seja mais clara quanto aos conteúdos referentes ao seu país utilizados no seu texto”. Esses tons mais agressivos eram tão evidentes que, algumas vezes, alguns alunos suecos intervinham a meu favor, para me ajudar a explicar o que eu de fato queria mostrar para a professora. Eu saía da aula me sentindo muito inferior aos outros alunos (Af-Inseg).

Mais uma vez, não faço comparações, mas deixo claro como me senti ao ser tratada da forma que fui pela professora na Suécia. Eu tive que lidar com as identidades que vivem no país estrangeiro, interagir com um novo mundo, me tirando de uma zona de estabilidade e me fazendo entrar em crise (HALL, 2006). Além disso, minha infelicidade com a professora me faz projetar possibilidades futuras (NORTON, 2012) em relação à docência, pois crio o desejo de ser uma professora que se aproxima e auxilia o aluno a superar e a lidar com suas dificuldades, dando-lhe apoio necessário para tal.

Linguisticamente, no campo das emoções, mais uma vez o Afeto de Insegurança se destaca. O comportamento da professora me gerou emoções que afetaram meu aprendizado e minha forma de agir. Dessa forma, eu não só julguei a professora (*M. era mais fechada e dura*), como também a minha capacidade diante dos desconfortos (*Eu saía da aula me sentindo muito inferior aos outros alunos*) que me fizeram apropriar para mim, naquele contexto cultural, como eu gostaria e não gostaria de ser como professora (BARKHUIZEN, 2017).

A seguir, são analisados os excertos referentes à disposição das aulas.

7.3 A organização das aulas

Na minha autobiografia, além das observações sobre os professores e a universidade, também me referi ao funcionamento das aulas:

Excerto 5

Quando tínhamos que ler livros maiores, como foi o caso de Jane Eyre e Frankenstein, o professor nos dispensava da aula, para que pudéssemos ler toda a obra a tempo. Então, tínhamos duas semanas para ler o livro, com tranquilidade. Eu achei isso interessante (Ap-R), pois dessa forma

todos os alunos conseguiram ler o livro inteiro, tornando o encontro produtivo com as discussões. Além disso, suas aulas não eram cansativas, cheias de teorias (Ap-C). Ele sempre aplicava a teoria contextualizada à obra, se fosse necessário. A aula era muito mais prazerosa, dessa maneira (Ap-C). Isso é muito diferente do Brasil, uma vez que temos que ler inúmeros conteúdos em uma semana. Muitos alunos não leem e a aula acaba ficando menos produtiva. Fico incomodada (Af-Insat) com isso: a falta de articulação das disciplinas e a falta de otimização do nosso tempo para uma aprendizagem com o máximo de aproveitamento possível.

A diferença, nesse trecho, é sobre a organização das tarefas pedidas aos alunos. Antes, é relevante destacar que quando eu menciono em minha autobiografia “Isso é muito diferente do Brasil”, pode dar a entender que estou opinando sobre as aulas no Brasil, como um todo. Nesse sentido, é válido destacar que avalio apenas as minhas experiências em duas universidades específicas, sem pretensão de generalizar as características das aulas do ensino superior tanto em um país quanto em outro. Portanto, enquanto na universidade que estudei na Suécia há uma preocupação com a quantidade de conteúdos lidos, articulados nas disciplinas cursadas, na universidade que estudei no Brasil as leituras são sugeridas sem levar em consideração as outras disciplinas no curso, levando o aluno a uma sobrecarga de atividades. Em vista disso, passo a considerar, enquanto professora, que os alunos possuem uma rotina de estudos intensa, que não está ligada somente a uma disciplina. É importante ponderar quais atividades serão passadas para casa e como elas devem ser executadas, a fim de proporcionar um maior aproveitamento dos estudos, sem sobrecarregar os estudantes. Essa preocupação com a qualidade de se preparar para uma aula também evita estresses provenientes de uma carga pesada de estudos.

Essa questão me fez repensar a prática docente, influenciando o meu olhar e o meu agir diante da sala de aula hoje, uma vez que retomo o intercâmbio para refletir sobre a prática que adoto enquanto professora (NÓVOA, 2013). Nesse momento, comecei a substituir meu conhecimento prévio sobre ensino por novas experiências, associando à universidade do meu país e modificando o senso sobre minha profissão e o contexto no qual eu me insiro, a partir da minha interação social com os professores, os aprendizes e a estrutura daquela universidade (BARKHUIZEN, 2017).

Referente a essa experiência, podemos observar a *Apreciação de Reação (Eu achei isso interessante)* e de *Composição (suas aulas não eram cansativas, cheias de teorias (...))* *A aula era muito mais prazerosa, dessa maneira*). Em ambos os aspectos, as marcas linguísticas reforçam que a estrutura de aulas de literatura na Suécia foi satisfatória, fazendo

um contraponto às aulas na universidade do Brasil, que, por outro lado, observou-se Afeto de Insatisfação (*Fico incomodada*).

No que diz respeito à dinâmica das disciplinas na Universidade de Uppsala, no excerto 6, menciono na minha autobiografia o fato de elas terem uma organização diferente da universidade do Brasil:

Excerto 6

*Outra coisa que me chamou atenção na estruturação do curso foi em como as disciplinas eram organizadas. Nós não tivemos as três disciplinas exatamente ao mesmo tempo. Primeiro, começamos Escrita Acadêmica e fomos quase até o final do ano. Durante uns dois meses, tínhamos duas aulas por semana. Depois disso, reduziu para um encontro semanal com um grupo menor de alunos. Também foi a primeira disciplina que se encerrou, com uns dois meses antes de acabar o ano. Em literatura, os aulões eram esporádicos, enquanto as aulas com o professor R eram semanais, com algumas pausas para as leituras de livros. A disciplina de linguística começou apenas nos três últimos meses do ano, como se fosse uma disciplina intensiva. Tínhamos um encontro semanal. **Essa estrutura me chamou atenção, pois no Brasil é diferente, as aulas são simultâneas (Ap-C): todas as disciplinas se iniciam juntas e se encerram juntas. Eu não sei se era essa a intenção, mas acredito que o curso na Suécia era organizado dessa forma para que os trabalhos e avaliações não pesassem (Ap-V), pois eram realizadas em momentos diferentes. Achei um aspecto muito positivo (Ap-V), nesse sentido.***

Mais uma vez, surge na autobiografia a expressão “no Brasil é diferente” quando me refiro à minha experiência. Destaco novamente que a observação se relaciona à minha experiência nas universidades específicas em cada país. Nesse caso, a diferença identificada é quanto à duração e à organização das disciplinas, pois na universidade da Suécia as disciplinas poderiam ter duração diferente e poderiam ser em períodos distintos, enquanto na universidade do Brasil sempre se iniciavam e se encerravam juntas.

Percebe-se também que na universidade da Suécia eram exigidas menos disciplinas por semestre, proporcionando um maior tempo para reflexão e dedicação aos estudos. Assim, essa experiência em um contexto universitário diferenciado pode transformar a identidade docente. O professor em formação se depara com variadas perspectivas socioeducacionais e com os efeitos que a estrutura e a organização de uma instituição pode gerar na qualidade de ensino-aprendizagem, uma vez que a identidade de professores é construída não só no interior do indivíduo no que tange o teor emocional, ideológico e histórico, mas também fora dele, no mundo social, material e tecnológico (BARKHUIZEN, 2017).

Nesse sentido, as marcas linguísticas evidenciam mais uma vez na narrativa a Apreciação, de Composição (*Essa estrutura me chamou atenção, pois no Brasil é diferente, as aulas são simultâneas*) e de Valoração (*Eu não sei se era essa a intenção, mas acredito que o curso na Suécia era organizado dessa forma para que os trabalhos e avaliações não pesassem (...) Achei um aspecto muito positivo*). Essas marcas demonstram as vivências que me transformaram e potencializaram minha particularidade como docente (SOUZA, 2016), ou seja, experiências as quais eu avalio de forma positiva e me fazem querer trabalhar em prol de um ambiente articulado que promova um ensino efetivo e frutivo.

7.4 Outras observações quali-quantitativas

Quase ao final da narrativa (excerto 7), eu menciono que a experiência de intercâmbio me modificou, principalmente nas relações com meus amigos e familiares:

Excerto 7

Eu havia mudado e não conseguia ter mais as mesmas percepções de antes. Eu não conseguia conversar mais sobre os mesmos assuntos, pois nossas realidades tinham sido tão diferentes, que as conversas divergiam. É como se eu não tivesse mais espaço nesses grupos sociais (Jul-ES). Tanto é que não demorou muito para que o meu namoro chegasse ao fim e para que alguns amigos se afastassem. Ainda não entendo bem o porquê isso aconteceu, mas acredito que tenha relação com a pessoa a qual me tornei (Jul-ES).

Nessa parte, as diferenças identificadas advêm de um novo caminho. Não avalio os lugares, os professores ou a estrutura da universidade, mas avalio a mim mesma. Eu me tornei uma pessoa diferente após a experiência de estudar fora. O que mudou em minha identidade ainda é um pouco confuso, mas o excerto denota uma diferença de realidade das pessoas com as quais eu convivo no Brasil, fazendo com que eu me sinta deslocada, com sensação de não pertencimento.

Sob esse viés, até o momento, vemos que as experiências vividas no intercâmbio são capazes de afetar a identidade, principalmente a identidade docente, mas é importante destacar que não é apenas uma experiência com consequências no âmbito acadêmico e profissional, mas também no campo social. Isso se manifesta linguisticamente no trecho acima pelo Julgamento positivo de Estima Social nas minhas relações pessoais, quando voltei

para o Brasil, reforçando o meu sentimento de não pertencimento, ou seja, no trecho “Eu havia mudado”, o Julgamento Positivo é evocado pela semântica discursiva de Estima Social no âmbito da Capacidade (mature) e Tenacidade (brave) de olhar para sua realidade local e não se ver pertencente a ela.

Em síntese, respondendo à primeira pergunta de pesquisa, as diferenças entre estudar Letras em uma universidade pública no Brasil e na Suécia que foram identificadas estão relacionadas à estrutura da universidade, à abordagem dos professores e à organização das aulas. Essas diferenças demonstraram que estudar Letras em uma universidade fora do país pode ensinar a ser mais independente para aprender com situações adversas e ajudou a me desenvolver na profissional que sou hoje, uma vez que comparo universidades de dois países e me espelho no que há de melhor em cada uma. A exemplo disso, hoje busco ser uma profissional que recorre à afetividade nas relações com os alunos, como aprendi com os meus professores no Brasil, mas ao mesmo tempo preocupada com a quantidade-qualidade das atividades propostas, como se destacou na universidade da Suécia.

Complementarmente, em relação à segunda pergunta de pesquisa, os excertos demonstraram que tanto ao chegar na Suécia quanto retornar ao Brasil, as relações sociais e convívio na universidade me colocaram em situações desconfortáveis. À luz de Block (2009), por mais que eu estivesse vivendo uma experiência nova e empolgante, a minha identidade era colocada em risco, pois o tempo todo eu estava me apoiando em uma nova linguagem, história e cultura, me forçando a me reconstruir para proteger a minha existência e a me adaptar em novos ambientes. Isso me fez mais flexível e mais adaptável, diante das circunstâncias, e conseqüentemente me tornou mais confiante para enfrentar contextos diferentes, incitando o meu desejo de viver experiências de intercâmbio novamente. Além disso, as experiências no intercâmbio me influenciaram como docente, pois em muitos momentos me deparei com abordagens que me agradaram e foram positivas para a minha formação.

Fundamentada no Sistema de Avaliatividade que permite analisar significados interpessoais construídos no âmbito semântico discursivo da LSF, em resposta à terceira pergunta de pesquisa, sobre como minhas avaliações são realizadas linguisticamente, foram observadas a quantidade de ocorrências linguísticas, conforme a indicação numérica nos excertos. No Quadro 1 abaixo é possível observar esse aspecto quantitativo.

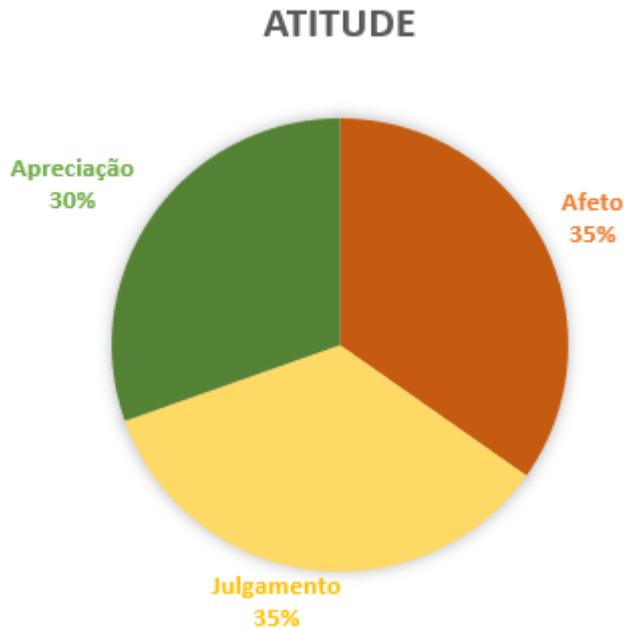
Quadro 1- Relação de dados quantitativos de Avaliatividade dos excertos

			Suécia	Brasil
	Julgamento	Estima Social	8	0
Excertos (7)	Afeto	Insegurança	5	0
		Segurança	1	0
		Infelicidade	1	0
		Insatisfação	0	1
	Apreciação	Composição	3	1
		Valoração	2	0
		Reação	1	0

Ao observarmos o quadro, percebe-se que a maior parte das ocorrências se refere à universidade da Suécia. Isso denota que as principais impressões a partir da autobiografia foram sobre a universidade sueca, o que indica a transformação identitária docente a partir das experiências no novo contexto.

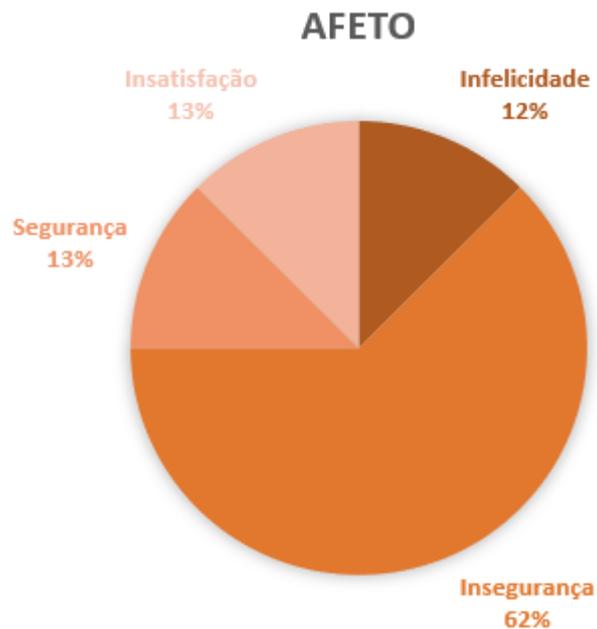
Além disso, na perspectiva da Atitude, como um todo, percebemos que as relações de Julgamento e Afeto se destacam em 23 ocorrências nos 7 excertos analisados, mas com uma diferença mínima referente às relações de Apreciação. No Gráfico 1 a seguir é possível ter essa percepção de forma mais clara.

Gráfico 1: Atitude nos excertos analisados



De maneira específica às categorias de cada relação de Atitude, foram elaborados gráficos para melhor se compreender a incidência de cada marca linguística. Nas relações de Julgamento, as ocorrências foram unânimes em Estima Social, não sendo necessária a ilustração. Porém, os Gráficos 2 e 3, a seguir, sintetizam os tipos de afeto e apreciação, respectivamente, identificados nos excertos.

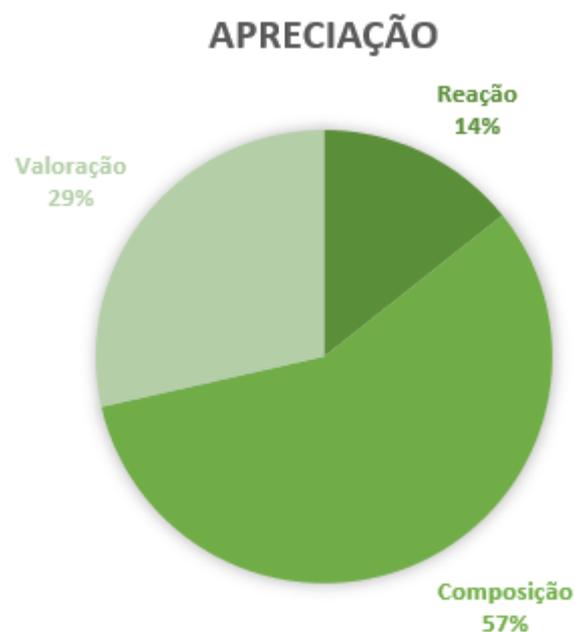
Gráfico 2: Afeto nos excertos analisados



As relações de Afeto manifestaram-se, principalmente, em Insegurança. As categorias de Segurança, Insatisfação e Infelicidade apareceram praticamente na mesma proporção. A quantidade de ocorrências dessas marcas linguísticas ajuda a reforçar as interpretações à luz das teorias de identidade e formação de professores, demonstrando a mudança identitária mencionada.

O Gráfico 3 abaixo demonstra que o contexto e o senso crítico da estrutura da universidade foram denotados pela Atitude de Apreciação em seus três aspectos, destacando-se em quantidade por meio da Composição.

Gráfico 3: Apreciação nos excertos analisados



Com os resultados alcançados, consideramos que as emoções, o contexto e as manifestações linguísticas caminham juntos para compreender a reconstrução identitária advinda de uma experiência de intercâmbio acadêmico. Reconhecendo essa confluência de olhares/aspectos, passamos a refletir sobre o estudo, seguindo para apresentação das considerações finais.

8 REFLEXÕES FINAIS SOBRE O ESTUDO

A narrativa autobiográfica, que serviu de base de dados para o estudo, evidencia com detalhes, com o suporte da análise linguística pelo Sistema de Avaliatividade, as experiências vivenciadas em um intercâmbio acadêmico que tiveram forte influência na formação de uma licencianda. Com as experiências vividas no curso de Letras na Universidade de Uppsala, noto que apesar de eu ter sido aluna em outro país, foi como ter tido uma oportunidade de estágio. A observação da estrutura universitária, como os prédios e as salas de aula, da composição do curso, como as disciplinas e as aulas, e das metodologias dos professores, como a forma de ministrar as aulas, sempre estão comigo no meu caminho na docência, pois a análise reflexiva e a análise linguística pela LSF nos mostra que esses fatores foram satisfatórios e determinantes para uma formação identitária docente diferenciada em termos culturais e estruturais.

Nesse desejo de ser uma professora com uma bagagem cultural mais ampla, a discussão dos excertos mostra que em uma experiência de intercâmbio o olhar do outro pode modificar a individualidade, nos tirando de uma zona de conforto e criando uma crise identitária (HALL, 2006), ponderando as nossas ações. Nem sempre essas experiências foram positivas, destacadas linguisticamente pela análise fundamentada no subsistema de Afeto da teoria da Avaliatividade (Afeto), que revelou marcas de insegurança e insatisfação, que me tiraram de uma zona de conforto e me fizeram me reinventar a partir das necessidades do contexto (BLOCK, 2009). Essa ideia dialoga também com o fato de eu também ter tido um olhar para outro, avaliando os professores. Entre esses olhares que externam e internam, a crise identitária, diante do choque cultural, faz com que eu reveja a profissional que eu quero e não quero ser, me colocando a par do autoconhecimento docente.

Destaco ainda a importância da pesquisa narrativa no papel de evidenciar elementos essenciais na formação de um professor, pois a autobiografia possibilitou um maior conhecimento de mim mesma e permitiu identificar as minhas fragilidades e potencialidades em um contexto de aprendizado que refletem positivamente na prática docente (SOUZA, 2016). Assim, valorizo o intercâmbio como uma experiência única de imersão cultural e transformação identitária na formação de professores, compreendendo que essas oportunidades devem ser mais difundidas e proporcionadas no ensino superior nas áreas de licenciatura.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fabíola Aparecida Sartin Dutra Parreira. Comentários em blogs de professores de inglês: uma análise do sistema de Avaliatividade. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 1, 2018.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Identities as emotioning and believing. In: Gary Barkhuizen. (Org.). **Reflections on Language Teacher Identity Research**. 1ed. New York: Routledge, 2017, v. 1, p. 145-150.
- BARKHUIZEN, Gary (Ed.). **Reflections on language teacher identity research**. Taylor & Francis, 2017.
- BARKHUIZEN, Gary; BENSON, Phil. Narrative reflective writing: "It got easier as I went along". **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 383-400, 2008.
- BLOCK, David. **Second language identities**. Bloomsbury Publishing, 2009.
- BROCKMEIER, Jens; CARBAUGH, Donal (Ed.). **Narrative and identity: Studies in autobiography, self and culture**. John Benjamins Publishing, 2001.
- BRUNER, Jerome S. **Acts of meaning**. Harvard University Press, 1990.
- BRUNER, Jerome S. Fabricando histórias: direito, literatura, vida. **São Paulo: Letra e Voz**, 2014.
- CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa:- Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.
- CRUVINEL, Roberta Carvalho et al. Professores de língua inglesa de escolas públicas brasileiras em um programa de formação continuada nos EUA: um estudo de caso. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, 2016.
- CRUZ, Núbia da Silva. Desenvolvimento Profissional Docente: formação e inserção profissional dos egressos do curso de Letras Espanhol. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Universidade Federal da Bahia, 2016.
- EMILIORELI, Giovanna Maria. Identidades em transformação: efeitos de intercâmbios internacionais na formação docente. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, 2017.
- ESPARZA PAILLAO, Lorena D. C. Aprendizagem de línguas adicionais, narrativa autobiográfica e experiência docente: entre duas culturas e três línguas. Trabalho de Conclusão do Mestrado não publicado. Mestrado Profissional em Educação, Universidade Federal de Lavras. 2018
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria/RS, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tupy Kurumin, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. -7. ed. - São Paulo: Cortez, p. 53-79, 2012.

LOBATO, Ladyana dos Santos; NOGUEIRA, Rosângela do Socorro. O subsistema de atitude: uma análise do posicionamento moral e ético na história em quadrinhos da Turma da Mônica “Um Supermotociclista”. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, p. 190-208, 2013.

MARTIN, James R.; WHITE, Peter. **The language of evaluation: appraisal in English**. New York: Palgrave, 2005.

NORTON, Bonny. **Identity and Language Learning**. Bristol: Multilingual Matters, 2012.

NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Ed., 2013.

NUNAN, David. **Research methods in language learning**. Cambridge University Press, 1992.

NUNES, Glivia Guimarães; CABRAL, Sara Regina Scotta. O Estadão e a Presidente: o editorial como locus de avaliação. **DELTA**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 149-180, 2018.

OSIAS, Juliene Paiva de Araújo. Avaliação de julgamento no gênero notícia duas notícias, duas propostas jornalísticas, um mesmo julgamento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, n. 1, p. 141-156, 2012.

PÉRICO, Franco Gatelli; GONÇALVES, Roberto Birch. Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2018.

REICHMANN, Carla Lynn; ROMERO, Tania Regina de Souza. Narrativas de professores de línguas e construção de identidade profissional. **DELTA**, São Paulo, v. 35, n. 3, 2019.

ROBERSON, Benjamin N. Motivation towards learning perceived in Socratic seminar versus traditional lecture. Thesis (Doctor of Education in Educational Leadership, Administration, and Policy) - Pepperdine University, 2013.

ROMERO, Tania Regina de Souza; CASAIS, Alysson Augusto S.. Construção Identitária no Processo de Aprendizagem de Língua e Cultura em Autobiografia de Imigrante. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.l.], v. 35, n. 4, fev. 2019.

SANTOS, Záira Bomfante. A linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. **SOLETRAS**, n. 28, p. 164-181, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Profissionalização, fabricação de identidade e trabalho docente: alguns apontamentos teóricos. **Construções identitárias de professores de línguas**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 15-32, 2016.

ANEXO

Sou uma jovem professora do interior de Minas Gerais. Cresci em uma cidadezinha chamada Lambari, sujeita a piadas, por conta de seu nome, e cheia de encantos. Porém, era uma cidade muito limitada: incrível em sua beleza, mas pequena e com poucos recursos. Não tinha balé, esportes, biblioteca, cinema... para uma criança que não nasceu na era da tecnologia, as minhas únicas distrações eram os meus brinquedos, livros e amigos.

Talvez, por conta das características de Lambari, sempre, desde pequena, sentia necessidade de conhecer o que tinha além das montanhas da cidade. E como eu era independente emocionalmente em relação aos meus pais, sempre dava um jeito de passar férias na casa da minha tia em São Lourenço, cidade próxima à minha terra. Uma cidadezinha também limitada espacialmente e muito a agregar com sua beleza, mas só de estar lá me dava uma sensação de liberdade muito grande. Mesmo com a saudade de meus pais, era uma experiência que eu nunca deixava de ter. Era como uma espécie de sede incontrolável por sair de casa e entrar em contato com novos lugares e pessoas.

Cheguei à adolescência e essa vontade nunca passou. Me sentia presa em minha cidade, tendo que estudar e trabalhar. Não nasci em uma família abastada, então tinha que me virar. Mal tinha tempo de curtir com os amigos, pois trabalhava e estudava, e me sentia meio ignorante em relação a alguns, pois não podia pagar um curso de idiomas ou um cursinho pré-vestibular. Tinha um amigo que até debochava por conta dessa incapacidade de compreender inglês, uma língua tão conhecida por muitos. Aquilo me aborrecia, me entristecia. Eu sempre soube da minha capacidade, mas para evidenciá-la, eu teria que dar no pé.

Não fui muito feliz na adolescência. Achava a escola uma perda de tempo, me sentia usada pelas pessoas com que eu me envolvia e meu ambiente familiar era pesado. As pessoas até diziam que eu sentiria falta do Ensino Médio. Essa saudade eu nunca senti. Por esses motivos, principalmente, fiz de tudo para passar em uma universidade federal e ir embora de casa. Em 2013, consegui ingressar na Universidade Federal de Lavras e lá começou a minha trajetória para o que eu me tornei hoje. Me encantei pelo curso de Letras, mesmo não sendo a opção que eu mais queria.

Mesmo estando em uma cidade diferente, gostando do curso e vivendo em um relacionamento amoroso feliz, eu ainda me sentia presa. Comecei a perceber que independentemente de onde eu estivesse, a sensação de prisão seria muito grande. Percebi

que a universidade oferecia muitas oportunidades de intercâmbio e isso alimentava cada vez mais o meu espírito de passarinho. Assim, começou a minha busca por maneiras de estudar fora do país.

Conseguir uma oportunidade de intercâmbio integralmente financiada não foi fácil. Havia muitos empecilhos. Alguns programas de intercâmbio tinham de ser pagos parcialmente e como eu era uma aluna de vulnerabilidade socioeconômica, não era possível. Havia o Ciências sem Fronteiras, mas o curso de Letras não era integrante do programa. Já o programa financiado pelo banco Santander, o qual não me lembro o nome, exigia uma porcentagem mínima de curso concluído que eu ainda não tinha atingido e exigia um conhecimento básico de espanhol, o qual eu não tinha. Eu tentaria do mesmo jeito, mas quando eu pude participar, perdi o prazo de inscrição.

Após pesquisar sobre esses programas, descobri o Erasmus Mundus. Existia oportunidades para Letras, mas era muito mais concorrido. Mesmo assim, eu tentei. A primeira vez que tentei, me inscrevi para Portugal. Por ser um país de língua portuguesa, era muito mais concorrido que os demais. Os outros exigiam exames de proficiência em inglês e, por eu nunca alcançar a nota mínima exigida, eu não poderia tentar em outros países. Portanto, falhei na minha primeira tentativa. Recebi um e-mail atencioso explicando os motivos por eu não ter sido selecionada. No ano seguinte, tentei novamente. Li o edital atentamente e vi que a Suécia aceitava um vídeo curto em que eu falasse inglês para comprovar minha proficiência. Achei uma boa alternativa, visto que Portugal seria muito concorrido. Por conta da frustração do ano anterior, pedi ajuda à professora I., do departamento do meu curso, para me auxiliar na escrita da minha carta de motivação. Lembro que eu estava em sua sala sendo auxiliada e um aluno viu que eu estava tentando me inscrever para o intercâmbio. Ele me dizia que nem valia a pena tentar, porque era muito concorrido. Eu disse que não custava tentar, com as palavras "vai que cola!". E colou. No ano seguinte, em 2016, recebi um e-mail muito similar ao de reprovação, justificando a quantidade de participantes no programa e tudo mais. Já até estava achando que não tinha conseguido novamente, devido às palavras iniciais do e-mail. Para minha surpresa, cheguei na frase em que dizia que eu tinha sido selecionada. Eu dei um grito. Não conseguia acreditar que tinha conseguido tamanha artimanha. Estava na casa do meu ex namorado, no momento. Eu chorava de alegria. Ele estava feliz por mim, mas também estava um pouco desanimado, pois sabia que aquilo significava que eu ficaria longe dele por um tempo. Liguei para minha mãe, para contar as novidades e ela ficou muito chocada. Feliz por mim, mas preocupada, pois a

Suécia era muito longe. Mas eu não queria pensar em nada dessas coisas, apenas nos preparativos para a viagem.

A partir do e-mail de aprovação, comecei a atender às demandas burocráticas: passaporte, documentos da universidade, adiantamento de aulas para viajar a tempo, reuniões na DRI. Apesar do cansaço e de algumas dificuldades em realizar algumas tarefas, tudo foi feito com muita empolgação.

Talvez por conta desse excesso de tarefas, não parei para pensar nos outros preparativos, como arrumar a mala. Só quando eu cheguei na Suécia, eu percebi o quanto era inocente. Para começar, não fiquei semanas pensando no que eu ia levar e me organizando para comprar coisas que eu possivelmente precisaria em um país frio. Levei apenas coisas que eu tinha, pensando em comprar na Suécia o restante que faltasse. Mal sabia que as coisas lá eram tão caras. Bom, pelo contrário, não me adiantei e arrumei minhas malas um dia antes de viajar. Minha mala foi composta apenas de roupas e remédios. Não levei roupa de cama e cosméticos, por exemplo. Além disso, tinha ganhado da minha tia duas malas: uma grandona e uma de mão. Queria levar apenas uma mala, por ser mais fácil de carregar, mas sabia que, provavelmente, eu voltaria com mais coisas do que eu levaria, e optei por levar a mala de mão também. A minha inocência era tão grande em relação a viagens de avião, que eu coloquei uma mala dentro da outra e me virei pra caber tudo dentro de uma mala só, pois pensava que seria muito difícil carregar as duas malas ao mesmo tempo. Não sabia que aeroportos tinham carrinhos para carregar as malas.

Após arrumar as malas, no dia seguinte meus pais me levaram a Belo Horizonte. Despedi do meu ex namorado em Lambari, na porta de casa. Foi um momento dramático, pois ele chorava muito. Confesso que também chorei, sentida, mas mais como um ato de solidarização aos sentimentos dele. Eu tava muito empolgada com a viagem e não deixei a saudade prévia abalar esse entusiasmo.

Dormi na casa da minha tia, em Belo Horizonte, para pegar o avião no aeroporto de Confins no dia seguinte. A família estava eufórica por me ver alçando voos, literalmente. Chegamos no aeroporto. Meu pai, minha mãe, minha prima e seu marido me levaram até lá. Chegamos com bastante antecedência, por medo de trânsito. Fiz o check in e o atendente que me ajudou fez muitas perguntas. Conversa vai, conversa vem, ele viu que eu viajaria pela primeira vez de avião. Ele se solidarizou e me colocou no assento de frente para a saída de emergência, que é aquele assento que tem bastante espaço na frente, podendo esticar as pernas. No momento, não entendi muito bem, achei que era para eu me salvar mais fácil em

caso de queda do avião. Entendi mais tarde as vantagens daquele assento. Após o check in, aguardamos um pouco, até que chegou o momento de eu entrar na sala de embarque. Lá, os meus pais não poderiam me acompanhar. Foi uma sensação horrível. Parecia que eu estava abandonando os meus pais, de certa forma. Eles choravam tanto, mas de alegria. Eu só vi o meu pai chorar duas vezes na vida: quando o meu irmão faleceu e quando eu embarquei no aeroporto. Os dois estavam cheios de orgulho e medo ao mesmo tempo. Com simplicidade, eles não tinham muita ideia para onde eu estava indo, realmente. Eles sabiam que era algo bom e que eu estava indo para um país incrível, mas eles estavam devastados por sentimentos diversos. Eu chorei bastante também, mas choro mais ao relembrar da cena ao escrever esse fato. Como é bom dar satisfação aos nossos pais. Fazê-los sentir que eles cumpriram bem com o papel deles ao me criarem e ao me proporcionarem oportunidades. Nunca teria chegado até aquela porta se não fosse por todo apoio e cuidado que eles me deram ao longo de tantos anos. Lembrar desse momento me faz parar para pensar o quanto sou privilegiada por ter os pais que eu tenho. Pais que, mesmo com tantas dificuldades financeiras, me dão amor, mas também me proporcionam liberdade. E ali me despeço deles, com o coração apertado, mas aberta às aventuras que estão por vir.

Após esperar três horas na sala de embarque, entro no avião. Descobri o meu acento e vi que ele realmente era diferenciado. Um grande espaço para esticar minhas pernas. Fiquei feliz com aquilo. Fui sentada ao lado de um rapaz de Cabo Verde, o qual eu não me lembro o nome agora. Ele era DJ e viajava o mundo a trabalho. Fomos conversando bastante durante a viagem e ele me contou que tinha 12 filhos, um em cada lugar do mundo que ele passou. Achei aquilo inusitado, pois ele não era um homem de muita idade. Aquilo poderia ser verdade, bem como ele poderia estar inventando histórias para passar o tempo. Nós descemos em Portugal e ele deixou o seu cartão comigo, caso eu quisesse manter o contato. Nunca o encontrei nas redes sociais e ficou por isso mesmo. Hoje lembro dele como eu companheiro de viagem.

Desembarquei em Portugal, mas como se sabe, não foi o meu destino final. Parei em Lisboa para fazer a conexão com o voo para Estocolmo. Achei que ficaria perdida, mas o aeroporto é muito bem sinalizado. Encontrei fácil o lugar que eu deveria embarcar novamente e não demoramos a decolar.

Era dia quando entrei no avião. Tava confusa com o fuso horário. Essa viagem já foi diferente. No primeiro voo, havia muitos brasileiros, então vi muitos perfis que estou acostumada a ver. Mas no segundo voo, havia muitas pessoas loirinhas. Já estava começando

a observar os perfis nortenhos. Fui sentada ao lado de uma criança. Havia uma mãe sentada com um filho nos dois bancos ao lado e eu fui sentada com uma menininha. A menina foi sentada em minha janela e fiquei sem graça de pedir para que ela se retirasse. Mas me arrependi de não pedir. Ela fazia muita bagunça, toda hora queria brincar com o irmão que estava no outro banco. Na hora de comer, foi complicado, pois fez uma bagunça danada. Descobri que viajar ao lado de crianças pode ser um pouco cansativo.

Cheguei na Suécia. Era noite, mas ainda estava claro. Cheguei, peguei minhas malas, troquei meu dinheiro em uma casa de câmbio no aeroporto, peguei um taxi e me dirigi ao hotel o qual eu tinha reservado um quarto. Iria para a universidade no dia seguinte. Fiz tudo com muita tranquilidade. A parte do dinheiro foi a mais difícil de mexer. Eu não entendia aquelas moedas. As moedas não eram centavos, como no real e no euro. Tanto as notas quanto as moedas eram chamadas de coroas suecas. Então tive dificuldade em usar o dinheiro. Estava com fome e comprei um biscoito e uma água no aeroporto. Tive que contar com a honestidade da atendente, pois não sabia a quantia de dinheiro que eu estava dando naquele momento. A mesma coisa aconteceu no taxi. O motorista tinha um sotaque bem diferente, por ser imigrante, e eu tive dificuldade em entender o valor da corrida. Também contei com sua honestidade ao pagar a corrida. Desci no hotel e foi lá que começou o meu desespero, pois até a parte do taxi, tudo tinha acontecido com muita tranquilidade. Me anunciei na recepção e fui pagar a diária. Peguei o dinheiro e a entreguei. Ela recusou o dinheiro, pois me disse que só aceitava o pagamento em cartão. Eu congelei. Não tinha cartão de crédito liberado para uso ainda. Achei que teria que gastar mais um bom dinheiro com táxi e ter que voltar para dormir em alguma cadeira no aeroporto. A recepcionista percebeu o meu desespero e pediu para que eu aguardasse, pois ela iria conversar com a gerente. Ela voltou e disse que aceitaria o meu pagamento em dinheiro, mas que a partir daquele momento, eu já deveria saber que hotéis na Suécia são pagos com cartões e nunca com dinheiro, para que eu não cometesse o mesmo erro da próxima vez. Agradei. Toda minha comunicação naquele momento foi com muita dificuldade. Meu nível de inglês era baixíssimo na época. Fiquei muita nervosa com toda a situação, me desestruturou.

Me encaminhei para o quarto e começou um novo desafio: não sabia como abrir a porta. Havia recebido um cartão e estava tentando descobrir como abrir a porta com ele. Quando as pessoas passavam por mim pelo corredor, eu fingia que estava mexendo nas minhas coisas, para não passar a vergonha de não saber como se abre uma porta de hotel. Consegui abrir a porta, entrei no quarto rapidamente e fechei a porta. Só saí de lá no dia

seguinte. Comecei a entrar em desespero, pois não sabia acender as luzes do quarto e ligar o chuveiro. Comecei a chorar muito. Acessei o wi-fi e lá tinha uma mensagem da minha tia no whatsapp. Entrei em contato com ela primeiro, chorando, dizendo que não conseguia fazer nada. Como ela estava acostumada a viajar, ela me disse que acendia a luz apenas colocando o cartão no interruptor de luz. Logicamente, eu não estava chorando apenas pela minha incapacidade de lidar com o quarto de hotel, mas foram esses pequenos acontecimentos que me fizeram cair na real. Foram esses acontecimentos que me fizeram perceber que eu estava muito longe e em um país completamente diferente do meu. Senti pânico e desespero, mas não tinha mais volta.

No dia seguinte, acordei mais calma e fui tomar café. Comi como se não houvesse amanhã, pois tinha jantado apenas os biscoitos que tinha comprado no aeroporto na noite anterior e não sabia quando eu iria comer de novo naquele dia. No restaurante do hotel, me encontrei com D., um sul africano que tinha feito contato comigo por e-mail. Acho que meu nome estava em alguma lista de intercambistas e ele entrou em contato comigo, pois viu que eu chegaria no mesmo dia que ele, um dia anterior à recepção da universidade no aeroporto. Nós tivemos a mesma ideia de ficar naquele hotel e combinamos de encontrar para tomar café da manhã juntos. O encontro me deu mais alívio, conhecer alguém na mesma situação que eu. Mas tive muita vergonha, porque não sabia me comunicar direito. E como o inglês era a língua nativa de D., me auto pressionei mais ainda. Mas ele foi muito gentil e me ajudou com tudo. Ficou comigo o tempo todo, até chegar na universidade.

Voltamos para o aeroporto para encontrar a recepção da universidade. Pegamos um ônibus gratuito do hotel, que fazia viagens intermitentes de hóspedes até o aeroporto. Descobri que havia gasto dinheiro à toa com o taxi no dia anterior. Chegamos no aeroporto, conversamos com as pessoas que nos esperavam e embarcamos em um ônibus, que nos levaria até Uppsala, em um dos prédios da universidade que fariam nosso *welcoming*. Chegamos no prédio, deixamos nossas malas em uma tenda do lado de fora e fomos conhecer os *stands*. Em um dos *stands*, peguei as chaves do alojamento, mapas da cidade e coisas do tipo. Conheci alguns *stands* que ofereciam passeios, mas fiquei receosa de pagar e não conseguir ir no dia. Bobeira minha. Acredito que perdi passeios muito legais pela cidade. O entusiasmo com os *stands* foi tão grande, que esqueci de procurar minha mentora, Victoria, durante o evento, como solicitado. Peguei a van que nos levaria para o alojamento e segui rumo à minha nova casa.

Cheguei no alojamento e mais dificuldades surgiram. Não entramos no prédio por meio de chaves, mas sim por meio de um cartão e senha. Não tinha nem ideia como entrar. Até que um menino mais experiente chegou para entrar no prédio e me ensinou. Quando cheguei no meu andar, mais um desafio. Cada andar tinha duas portas e cada uma dava acesso a um corredor de apartamentos. Era como se fosse duas casas, pois cada corredor de apartamentos dividia uma cozinha e uma sala. Nessa parte, eu tive que descobrir sozinha, pois não tinha ninguém no corredor. Era temporada de férias e os moradores mais antigos do corredor ainda não haviam chegado.

Quando consegui entrar, vi que não tinha ninguém no corredor. Entrei no meu quarto, que tinha uma vista maravilhosa, deixei minhas coisas e comecei a entrar em desespero de novo. Não sabia como acessar a internet e queria falar com os meus pais. Então, tive a brilhante ideia de pegar carona de volta ao centro da cidade com alguma van que estava fazendo o transporte dos alunos intercambistas naquele dia. Me comuniquéi com um rapaz muito simpático que estava dirigindo uma das vans e ele topou me dar a carona.

Cheguei de volta na universidade. Encontrei com a minha representante do departamento de relações internacionais, V.. Ela já estava ficando preocupada comigo. Ela me deu todas as orientações iniciais para começar a cursar disciplinas, entre outras informações relevantes para a nossa adaptação. Além disso, ela me mostrou no mapa onde eu poderia comprar um roteador. A partir daquele momento, comecei a desbravar Uppsala, apenas com um dinheiro no bolso e um mapa na mão. Estava maravilhada com as construções da cidade. Após comprar o roteador, até achei que poderia voltar caminhando para o alojamento, mas não lembrava o caminho de volta e achei melhor voltar para o prédio da universidade e pedir uma carona, novamente.

Eu tenho mais inúmeras histórias para contar sobre o intercâmbio a partir daqui, como as relações pessoais e os passeios, mas neste momento irei focar nas experiências que se relacionam aos estudos e à universidade. Começo, então, pela dificuldade inicial que eu tive para entender o caminho de chegada à universidade. Diferente do campus em que eu fiz minha graduação no Brasil, os departamentos da universidade em Uppsala eram divididos pela cidade, não eram todos concentrados em um único lugar. Isso era um pouco confuso. Lembro-me até que fiquei insegura de entrar no prédio do departamento de inglês pela primeira vez, pois as portas dos prédios não ficam abertas como na minha universidade de origem, pois por conta do frio intenso, as portas ficavam fechadas. Achei que fosse algum tipo de prédio restrito a funcionários da universidade. Eu só entrei porque uma aluna sueca

surgiu e me perguntou se eu sabia se seria ali o prédio. Daí entramos juntas na aula, o que me deu segurança e alívio. Um acontecimento que parece bobo, mas que me tranquilizou.

A primeira aula teve o objetivo de nos informar sobre como seria estruturado o curso. Algumas das disciplinas as quais me matriculei eram *Academic Writing*, *Literature* e *Introduction to Linguistics*. Essas disciplinas não eram isoladas, como no Brasil. Era como se elas fizessem parte de um pacote, o *English, Basic Course A1*. Dentro desse pacote, também havia a disciplina de gramática, mas eu não tinha os pré-requisitos para cursar a disciplina, uma vez que eu precisava ter conhecimento da língua sueca para acompanhar, pois os professores usavam muitos exemplos em sueco para fazer comparações, por exemplo. Eu poderia ficar perdida na disciplina por conta disso.

Eu precisava estar matriculada em quatro disciplinas, então procurei a chefe do departamento de inglês para pedir orientação sobre qual disciplina eu deveria me matricular para substituir a gramática. Isso foi na minha segunda semana na Suécia. Eu ainda tinha muita dificuldade com a língua, lembrando que toda a base de inglês que eu tinha na época eram os três anos de inglês intermediário que eu aprendi nas disciplinas de inglês do curso de Letras e nos cursos do Inglês Sem Fronteira. Posso dizer que até aprendi bastante, mas tinha muita dificuldade quando eu tinha que falar inglês, de fato. Dada as circunstâncias, me senti muito mal, com um sentimento de inferioridade e incompetência absurda, ao conversar com a responsável do departamento. Cheguei até a pensar que o programa de intercâmbio tinha cometido um erro ao me selecionar nesse processo seletivo. Eu não conseguia formar frases, falava de forma muito enrolada. Lembro da expressão confusa da coordenadora olhando para mim, tentando entender o que eu falava. Após eu explicar, ela sugeriu que eu fizesse uma disciplina mais voltada para sociologia, que estudava os contextos econômicos, sociais e culturais de países de língua inglesa, no caso Estados Unidos e Reino Unido. Concordei e gostei da ideia. Ao final da reunião, ela disse que estava preocupada comigo, pois o *English, Basic Course A1* seria um curso mais avançado, com apenas suecos, e ela estava receosa de eu não dar conta do curso por conta do meu nível de inglês. Ela chegou a essa conclusão naquele momento de reunião, observando minha forma de falar. Eu fiquei muito tensa e desanimada. Não recebi motivação. De certa forma, foi um alerta para que eu pudesse ficar mais atenta e dedicada ao curso, mas foi um primeiro contato que me desmotivou, que me desesperou. Nesse momento, senti falta dos meus professores no Brasil. Em uma situação dessas, acredito que eles não diriam que eu não daria conta, mas iriam me ajudar a encontrar alternativas para superar as dificuldades.

Nesse encontro, também pedi autorização para me ausentar por três dias das aulas, pois a Universidade do Porto convidou os intercambistas do programa para participar de um evento de boas-vindas na Cidade do Porto. A Universidade de Uppsala foi um pouco relutante ao me liberar. Eles queriam saber exatamente o motivo da dispensa. A preocupação da universidade não estava relacionada somente à minha saída do país, mas também à política de presença dos alunos. Lá, os estudantes podem faltar apenas uma vez e ainda devem fazer uma atividade complementar para compensar a falta. Na segunda falta, o aluno já era considerado reprovado. Apenas faltas com atestado médico eram aceitas, em caso de mais de duas. Fico imaginando caso isso fosse aplicado no Brasil. É como se fosse uma responsabilidade similar ao trabalho, um contexto que exige mais comprometimento. Me vendo em tal situação, achei que a viagem à Portugal não seria possível. Levei uma bronca dos coordenadores do programa de intercâmbio, pois eles já haviam comprado as passagens e agendado hospedagem, já que eu tinha confirmado minha presença. Por fim, os professores me liberaram e eu tive apenas que fazer um texto dissertativo sobre um tema o qual eu não me recordo.

Cheguei em Portugal. Achei interessante a proposta do programa em querer receber os estudantes com um evento de orientação. Tivemos palestras sobre como controlar o nosso emocional, como organizar nossos gastos com o dinheiro limitado da bolsa, como acessar o seguro em caso de emergências, entre outras informações. Foi um encontro de muita utilidade para a nossa vivência na Europa.

Após retornar de Portugal, passei a frequentar as aulas, a começar pelas aulas de *Academic Writing*, que eram divididas em dois professores. O professor G., coordenador do curso o qual eu estava matriculada, ficava encarregado pelo aulão teórico, e a professora M. ficava por conta das aulas práticas, com um atendimento mais individual. Enquanto os aulões continham uma quantidade de, em média, 60 alunos, a aula prática era reduzida para no máximo 20 alunos. Era como se as turmas fossem subdivididas. O mesmo acontecia com Literatura e Linguística. Essa organização era interessante, pois conseguíamos ter um maior atendimento do professor nas aulas práticas por terem menos alunos por turma. No Brasil, essa realidade era diferente, uma vez que as aulas da graduação são organizadas da mesma forma, por um único professor. Não cheguei a presenciar algo parecido na minha universidade de origem.

Apesar de essa divisão ser produtiva, para mim foi um pouco desgastante. Não no sentido da estrutura do curso, mas na relação com os professores. Enquanto o professor G.

era mais simpático e receptivo, a professora M. era mais fechada e dura. Como no Brasil não possuía essa divisão de professores por disciplina, nós não tínhamos margem para fazer esse tipo de comparação. Em certo momento da disciplina, a professora M. dividiu as turmas para encontros com grupos de cinco pessoas, com a propostas de revisão de pares: nós corrigíamos o texto de um colega e o colega corrigia um texto nosso. Foi uma prática que me ajudou a desenvolver muito a minha escrita. É algo que eu penso um dia poder aplicar com os meus alunos, pois achei muito produtivo.

Apesar de positiva, essa atividade não foi tão leve para mim. Pelo fato de M. ser uma mulher dura, eu tinha muito receio em lhe fazer perguntas. Esse receio não surgiu do nada. Toda vez que eu perguntava, ela, de certa forma, era um pouco grosseira comigo. Eu percebia que ela não tinha muita paciência e, acredito eu, que o motivo é que eu não tinha o mesmo rendimento que os alunos suecos. Os alunos de lá apresentavam pouquíssimos erros textuais e tinham uma facilidade muito grande de conversação. Eu, por outro lado, escrevia mal, falava mal, era tímida, estava desconfortável por não estar no meu país de origem. Além disso, ela tinha um sotaque irlandês muito forte, o que não facilitava na minha compreensão de suas explicações. Teve uma vez que ela disse “Amanda, eu já te disse que você não deve escrever isso entre parênteses”, em um tom impaciente. Outra vez, ela disse “Nós não falamos português, não vivemos no Brasil. Seja mais clara quanto aos conteúdos referentes ao seu país utilizados no seu texto”. Esses tons mais agressivos eram tão evidentes que, algumas vezes, alguns alunos suecos intervinham a meu favor, para me ajudar a explicar o que eu de fato queria mostrar para a professora. Eu saía da aula me sentimento muito inferior aos outros alunos. *A piece of sh*!* Era uma situação meritocrática, em que todos os meus esforços com a aprendizagem da língua, mesmo sem privilégios e com poucos recursos, não eram considerados. Eu tinha que ter o mesmo nível de desempenho dos suecos, independente das circunstâncias.

Eu sempre saía depressiva dessas aulas. Me entupia de doces e *fast foods* para suprir alguma necessidade interna. Me isolava, pois não sentia que eu era boa o suficiente para socializar com as pessoas. Muitas vezes, no meu próprio alojamento, eu me isolava e evitava conversar com meus *roommates*, com medo de falar alguma coisa errada. Eu travava, me dava palpitação de tanta ansiedade. Inúmeras vezes eu comprei vinho e fiquei bebendo sozinha no quarto, cantando e dançando. Nessas horas, eu sentia muita falta do meu povo, do meu país. Quando essa disciplina se encerrou, fiquei mais tranquila. Comecei a me dedicar mais às disciplinas de literatura e linguística.

A disciplina de literatura era a mais agradável. O professor explicava muito bem, fazia relação com vários assuntos e, dessa forma, eu me sentia mais esperta. Achei interessante, pois seu nome era R., o que me fazia lembrar da minha professora de literatura no Brasil, coincidentemente chamada R., que também é muito boa, por sinal. Ao fazer essa relação, foi uma forma de deixar a aula mais leve. Ele também não me forçava a participar oralmente na aula, o que me ajudou muito a controlar a ansiedade.

O jeito de avaliar desse professor era interessante. Ele aplicava a seguinte avaliação: *Fail (U)*, *Good (G)* - com variações: *G-* or *G+* - e *Very Good (VG)*. Nós sempre líamos um conto ou livro em casa, discutíamos em aula e fazíamos um ensaio sobre a obra para entregar ao professor na aula seguinte. Eu sempre recebia um *G-*, com raros *G+*, mesmo eu me dedicando bastante à atividade. Ele sempre anotava nas minhas atividades algo do tipo “Você tem boas ideias, mas seu texto está confuso, com graves problemas no inglês”. Mais uma vez, a minha fraca base em inglês me chateava. Eu queria muito ser boa naquilo, mas é como se o inglês sempre me puxasse para trás. Mais ao final da disciplina, eu finalmente consegui um *VG*. Não me continha de alegria. Não sabia se eu realmente tinha merecido aquela nota ou se o professor sentiu pena. Preferi acreditar na primeira ideia. Apesar de o Brasil ser diferente na forma de avaliar, com números, a expectativa para tirar um 10 é a mesma para tirar um *VG*. Porém, acredito que as palavras possuem um poder maior. Números não nos caracterizam, mas palavras como ‘bom’ ou ‘falho’ sim.

Nessa aula de literatura tinha uma coisa que eu achava muito produtiva. O professor começou a trabalhar com obras menores, como contos, crônicas e peças teatrais. Então, conseguíamos ler tudo em uma semana, até o próximo encontro. Mas quando tínhamos que ler livros maiores, como foi o caso de *Jane Eyre* e *Frankenstein*, o professor nos dispensava da aula, para que pudéssemos ler toda a obra a tempo. Então, tínhamos duas semanas para ler o livro, com tranquilidade. Eu achei isso interessante, pois dessa forma todos os alunos conseguiam ler o livro inteiro, tornando o encontro produtivo com as discussões. Além disso, suas aulas não eram cansativas, cheias de teorias. Ele sempre aplicava a teoria contextualizada à obra, se fosse necessário. A aula era muito mais prazerosa, dessa maneira. Foi uma experiência inesquecível! Isso é muito diferente do Brasil, uma vez que temos que ler inúmeros conteúdos em uma semana. Muitos alunos não leem e a aula acaba ficando menos produtiva. Outra coisa que me chamou atenção na estruturação do curso foi em como as disciplinas eram organizadas. Nós não tivemos as três disciplinas exatamente ao mesmo tempo. Primeiro, começamos Escrita Acadêmica e fomos quase até o final do ano. Durante

uns dois meses, tínhamos duas aulas por semana. Depois disso, reduziu para um encontro semanal com um grupo menor de alunos. Também foi a primeira disciplina que se encerrou, com uns dois meses antes de acabar o ano. Em literatura, os aulões eram esporádicos, enquanto as aulas com o professor R. eram semanais, com algumas pausas para as leituras de livros. A disciplina de linguística começou apenas nos três últimos meses do ano, como se fosse uma disciplina intensiva. Tínhamos um encontro semanal. Essa estrutura me chamou atenção, pois no Brasil é diferente, as aulas são simultâneas: todas as disciplinas se iniciam juntas e se encerram juntas. Eu não sei se era essa a intenção, mas acredito que o curso na Suécia era organizado dessa forma para que os trabalhos e avaliações não pesassem, pois eram realizadas em momentos diferentes. Achei um aspecto muito positivo, nesse sentido.

Quanto às avaliações, em Escrita Acadêmica e Literatura, nossa avaliação era feita a partir das atividades ao longo da disciplina. Em Linguística, foi apenas uma prova final. Pude perceber que as avaliações foram diferenciadas em cada disciplina. No Brasil as avaliações também variavam, de acordo com a disciplina.

Após cinco meses de experiência com a Universidade de Uppsala, chegou minha hora de ir embora. Já estava com saudades do Brasil, mas senti muito pesar por deixar Uppsala. Me lembro de eu estar sentada de madrugada no ponto de ônibus. A cidade estava vazia, só estava eu naquela cidade escura e fria. Naquele momento, comecei a pensar no quanto aquela cidade e universidade me proporcionaram experiências de conhecimento, interação social, lazer, liberdade. Momentos que serão sempre lembrados e fazendo com que eu procure ainda mais oportunidades como essa.

Quando cheguei no Brasil, o primeiro impacto que senti foi o calor. A Suécia, apesar de frio, é muito agradável para viver, por conta de todo conforto que eu tinha lá. E esse impacto, apesar de físico, também foi simbólico. Aquele calor me mostrou que as coisas não seriam mais as mesmas. Senti que teria dificuldades em me adaptar novamente ao meu país: clima, moradia, transporte público, relações pessoais...

As relações com a minha família não mudaram nada, até porque minha família é o meu porto seguro. São as pessoas com quem eu cresci e consigo ser eu mesma, sempre. Mas foi estranho ao voltar para o meu namorado e para os meus amigos. Era como se eu não os conhecesse mais. Eu havia mudado e não conseguia ter mais a as mesmas percepções de antes. Eu não conseguia conversar mais sobre os mesmos assuntos, pois nossas realidades tinham sido tão diferentes, que as conversas divergiam. É como se eu não tivesse mais espaço nesses grupos sociais. Tanto é que não demorou muito para que o meu namoro chegasse ao

fim e para que alguns amigos se afastassem. Ainda não entendo bem o porquê isso aconteceu, mas acredito que tenha relação com a pessoa a qual me tornei.

O intercâmbio despertou o que eu já sabia, mas que eu conhecia pouco sobre mim: a vontade insaciável de conhecer o desconhecido. Desde quando eu cheguei, não consigo estar feliz nos lugares que estou. Moro em Lavras há 6 anos e é como se o meu tempo na cidade já estivesse expirado e eu continuo insistindo em viver nessa cidade. Fico o tempo todo procurando novas oportunidades, seja no Brasil ou em outro país. A ideia é “Se eu tenho um mundo inteiro para explorar, por que morar um único lugar o resto da vida?”. Isso também demonstra uma certa instabilidade da minha parte.

Talvez o intercâmbio não tenha me mudado, mas me agregou uma carga cultural muito forte e positiva, fazendo renascer em mim o espírito criativo e aventureiro.

UM ESTUDO IDENTITÁRIO DE UNIVERSITÁRIAS INTERCAMBISTAS SOB UMA PERSPECTIVA EDUCACIONAL-CULTURAL

Amanda Cristina dos Santos Reis

RESUMO

Tendo em vista a crescente necessidade estratégica de internacionalização das universidades, um estudo sobre os efeitos dessa ação para os intercambistas é importante para que se possa compreender e avaliar o processo. Uma vez que poucos estudos tematizam a questão, a presente pesquisa tem por objetivo analisar de forma crítica e reflexiva, sob um viés identitário, os possíveis efeitos de intercâmbio na formação de estudantes de Letras e colaborar para compreender a relevância da experiência internacional na formação identitária. Para tanto, o estudo adota uma abordagem metodológica de cunho qualitativo. É um estudo de caso, em que a coleta de dados se deu por meio de entrevista semi-estruturada e questionários a quatro intercambistas. A partir dos dados coletados, realizou-se uma categorização dos dados para possibilitar uma análise interpretativista. Para fundamentar a análise, apoio-me principalmente nos estudos sobre identidade e contextos culturais, principalmente à luz de Hall (2006), Block (2009), Storti (2011) e Barkhuizen (2017), e sobre identidade e aprendizagem de línguas, com base em Norton (2013) e Kramsch (2013). Com o objetivo de pesquisa, base teórica e metodologia delineada, os resultados da análise dos dados mostraram, principalmente, que as estudantes passaram por transformações identitárias que as levaram a refletir sobre as diferenças nos relacionamentos interpessoais acadêmicos, o formato de ensino, os novos caminhos profissionais e a necessidade de fomento e divulgação de programas de intercâmbio.

Palavras-chave: Intercâmbio. Identidade docente. Formação de professores.

ABSTRACT

In view of the growing strategic need for internationalization of universities, a study on the effects of this action for exchange students is important in order to understand and evaluate the process. Since few studies address the issue, the present research aims to analyze in a critical and reflective way, under an identity perspective, the possible effects of exchange programs in the education of students of Languages and collaborate to understand the relevance of the international experience in identity formation. For this, the study adopts a qualitative methodological approach. It is a case study, in which data collection took place through semi-structured interviews and questionnaires to four exchange students. From the collected data, a categorization of the data was carried out to enable an interpretative analysis. To support the analysis, I rely mainly on studies on identity and cultural contexts, mainly in the light of Hall (2006), Block (2009), Storti (2011) and Barkhuizen (2017), and on identity and language learning, based on Norton (2013) and Kramsch (2013). With the research objectives, theoretical basis and methodology outlined, the results of the data analysis showed mainly that the students went through identity transformations that led them to reflect on the differences in academic relationships, the teaching format, new professional paths and the need to promote and disseminate exchange programs.

Keywords: Exchange program. Teacher identity. Teacher education.

1 INTRODUÇÃO

Ao procurar por programas de intercâmbio nas universidades, observa-se que o objetivo dos estudantes é aprimorar a formação advinda de mobilidade acadêmica. Nesse contexto, a identidade dos estudantes não é posta em evidência, pois a experiência foca mais nos padrões de nacionalidade dos participantes e sobre o que aprenderam em relação à cultura do país de origem (BLOCK, 2009). Sob esse viés, o presente estudo tem por objetivo analisar de modo crítico-reflexivo possíveis efeitos identitários em estudantes de Letras que fizeram intercâmbio durante a graduação e compreender a relevância da experiência internacional na formação identitária.

Nessa perspectiva, é importante mencionar os pontos que motivaram a proposta deste estudo. Primeiramente, a questão da internacionalização das universidades é um fator preponderante, uma vez que oportunidades de intercâmbio fazem parte dessa estratégia de relações internacionais das universidades sob a demanda de um mundo globalizado, conforme aponta Stallivieri (2017). A autora traça uma perspectiva histórica dos intercâmbios no globo e mostra como essa prática no Brasil acaba sendo mais recente comparada a outros países. Ela aponta os Estados Unidos como exemplo, ainda na época da Revolução Industrial no século XIX, que enviavam os estudantes à Europa para aprimorar as habilidades de comunicação e viabilizar as possibilidades de locomoção entre os países, com o intuito de transferir e multiplicar os conhecimentos ao país de origem. No Brasil, lembra a autora, os intercâmbios começam a ser registrados de forma mais organizada e sistemática a partir da década de 90, quando muitas universidades começaram a promover o processo de institucionalização, criando medidas administrativas para esse objetivo.

A autora pontua ainda dois programas de intercâmbio que foram inovadores em seu tempo e permanecem na atualidade. Um deles é a Comissão Fulbright dos Estados Unidos, que em 1946 começou a organizar investimentos do governo e de instituições para fomentar estudos que valorizassem culturas, relações internacionais e estudo de línguas estrangeiras, além de selecionar estudantes e professores estrangeiros para fortalecer parcerias internacionais. Um pouco mais tarde, a Comunidade Europeia (CE) lançou o programa de cooperação intitulado *European Action Scheme for the Mobility of University Students (Erasmus - 1987)*, que possibilita a mobilidade de estudantes e parcerias acadêmicas na Europa para que os alunos fizessem parte dos estudos em outro país.

No Brasil, a ação de maior destaque foi o Programa Ciências sem Fronteiras¹⁰, fundado em 2011, que promovia a formação acadêmica no exterior por meio de bolsas de iniciação científica e incentivo de realização de projetos em universidades estrangeiras, com o objetivo de formar profissionais qualificados para o avanço da ciência e fortalecer as relações internacionais entre as universidades de origem e de destino. Porém, o programa contemplava apenas áreas como as de exatas, biológicas e tecnológicas, não agraciando áreas de humanidades, também essenciais ao desenvolvimento social. Em setembro de 2015, foi anunciado o congelamento do Programa, que ocasionou cortes de investimentos futuros. Esse quadro mantém-se até o momento.

Por outro lado, o programa *Erasmus Mundus*, por exemplo, apesar de ser um programa estrangeiro, contempla as áreas de humanidades no Brasil, diferentemente do Ciências sem Fronteiras. Contudo, como detalhado à frente, no momento atual, não há bolsas *Erasmus* disponíveis para graduação, apenas para pós-graduação.

Além desses fatores relacionados à internacionalização e interculturalidade, os poucos estudos que tematizam a questão, pontuados adiante, e a necessidade de potencialização de oportunidades de intercâmbio referentes à formação cultural identitária são pontos que estimulam ainda mais pesquisas sobre intercâmbios relacionados à formação de professores. Nesse caso, este estudo foi feito especificamente com discentes e graduados de Letras, com a finalidade de dar visibilidade para esse tipo de formação na área de educação. Esses estudantes possuem raras oportunidades de intercâmbio integralmente financiados, comparado a outras áreas, mesmo sendo um ramo que trabalha com estudo e aprendizagem de línguas. Destaca-se que um intercâmbio internacional é importante para a área de Letras, uma vez que é possível ter uma experiência de imersão cultural e, conseqüentemente, mais benefícios de aprendizagem de uma segunda língua, o que é especificamente o propósito dessa área de formação.

Sob essa perspectiva de intercâmbios na área de Letras, é interessante destacar que cada colaboradora desta pesquisa participou de um programa de intercâmbio diferente, como detalhado na seção de metodologia, o que mostra um quadro de oportunidades de intercâmbio a serem explorados nesse setor. A exemplo, duas das colaboradoras participaram de um intercâmbio de língua espanhola. Uma delas participou de um intercâmbio na Colômbia, por meio do Programa de Intercâmbio Brasil-Colômbia (BRACOL), que faz parte de um acordo entre a *Asociación Colombiana de Universidades* (ASCUN) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB). O objetivo do programa é promover o intercâmbio de

¹⁰ Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/graduacao>>. Acesso: 03/05/2020.

estudantes das universidades conveniadas, a fim de estimular intelectualmente os alunos de graduação. Esse programa, apesar de colaborar com auxílio de alimentação e moradia, não se encarrega dos demais custos de um intercâmbio, como transporte, seguro de saúde e despesas pessoais¹¹. A outra colaboradora de pesquisa estudou na Espanha, pelo Programa de Bolsas Santander Ibero-Americanas, financiado pelo Grupo Santander, com o objetivo de ampliar a mobilidade de estudantes entre as universidades ibero-americanas e promover uma construção de conhecimento socialmente responsável nesse espaço. O programa colabora com uma bolsa de mais de dois mil euros para contribuir com as despesas do intercâmbio¹².

As outras participantes estudaram em países onde a língua inglesa era requisito para os estudos. Uma delas estudou na Suécia, pelo Projeto *Euro Brazilian Windows* (EBW+), financiado pelo Programa *Erasmus Mundus*, da CE. O Programa, além de oferecer uma bolsa que arca com todas as despesas do intercâmbio, procura promover o Ensino Superior europeu, melhorar as perspectivas de carreira dos estudantes e colaborar com a compreensão intercultural entre os países terceiros, de acordo com os objetivos de política externa da União Europeia, pela busca do desenvolvimento sustentável dos países terceiros na área do Ensino Superior¹³. O outro exemplo de programa é o *Cultural Care Au Pair*, que apesar de ser um intercâmbio de trabalho e não acadêmico, como os explicitados anteriormente, tem como um dos requisitos a contabilização de créditos em algum curso, o que pode viabilizar os estudos em uma universidade, como no caso de uma das colaboradoras desta pesquisa. É um programa pago, mas que promove a subsistência por meio de trabalho como babá no país de origem¹⁴.

Tendo em vista as motivações de pesquisa mencionadas deste estudo e um panorama sobre programas de intercâmbio, é importante contextualizar alguns dos trabalhos similares à temática desta pesquisa no Brasil. O trabalho de Cruvinel (2016) serviu de modelo para este estudo. Em sua tese de doutorado, com o objetivo de analisar a influência de uma experiência internacional na formação identitária de professores, a autora coleta relatos desses profissionais que fizeram intercâmbio nos Estados Unidos. Seu estudo demonstra que há uma reconstrução identitária dos docentes provenientes do intercâmbio, levando à conclusão de que as vivências no intercâmbio foram essenciais para manter a motivação profissional e intelectual.

¹¹ Disponível em: <<http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=13>>. Acesso: 19/05/2020.

¹² Disponível em: <<https://www.becas-santander.com/pt/program/bolsa-ibero-americanas>>. Acesso: 19/05/2020.

¹³ Disponível em: <https://ebwplus.up.pt/general_information>. Acesso: 19/05/2020.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.culturalcare.com.br/>>. Acesso: 19/05/2020.

De modo similar, a pesquisa de Oliveira e Freitas (2017) busca analisar as experiências interculturais de alunos e professores universitários que realizaram um intercâmbio de mobilidade acadêmica internacional, voltado para os desafios e ganhos provenientes da vivência internacional. O estudo mostra a mobilidade acadêmica como forte contribuidora para o desenvolvimento humano, nos aspectos pessoais, profissionais acadêmicos e interculturais.

No programa de mestrado¹⁵ vinculado a este estudo, há trabalhos de conclusão de pesquisa que também desenvolvem a temática relacionada com experiências interculturais. Garcia (2019) participou de um intercâmbio em Bogotá, Colômbia, e investigou em seu trabalho o seu processo de aprendizagem em espanhol e as estratégias utilizadas para aprender uma nova língua em um contexto de imersão cultural. De modo similar, Pavlushina (2019) investiga as estratégias de aprendizagem de línguas adicionais utilizadas por ela para aprender inglês, tártaro, espanhol e português. Nesse trabalho, ela aborda o conceito de *cultural shock*, discutido adiante, mostrando o papel que a experiência intercultural teve na sua aprendizagem.

Conhecendo alguns estudos em linha temática similar à presente pesquisa, faz-se necessário evidenciar o embasamento principal deste estudo. O referencial teórico é pautado no conceito de identidade em relação a contextos culturais. O estudo apoiou-se inicialmente em Hall (2006) para entender identidade sob influência de contextos culturais e globais. Complementarmente, pautou-se em Block (2009) para discutir o conceito de identidade construída a partir de experiências, principalmente em relação aos contextos de estudo no exterior. Com Barkhuizen (2017), Norton (2013) e Kramsch (2013) buscou-se compreender o desenvolvimento da identidade de aprendizes e professores de línguas. Além desses autores, as elaborações de Storti (2011) sobre experiências com diferentes culturas auxiliam no entendimento dos desafios pessoais de adaptação a uma nova cultura.

Após compreender o contexto de pesquisa, é importante delinear as questões que orientam o estudo. São elas:

- 1- Quais são as principais dificuldades identificadas pelas colaboradoras ao estudar em outro país?
- 2- Quais foram os possíveis efeitos surtidos em suas identidades?
- 3- Como o intercâmbio contribuiu para a formação dessas (futuras) professoras de línguas, na visão delas?

Baseado nessas questões, com o propósito de se obter os resultados, o trabalho é distribuído em algumas seções. A primeira delas é o quadro teórico, que aborda as teorias de

¹⁵Programa de Mestrado Profissional em Educação (Universidade Federal de Lavras - UFLA)

identidade, principalmente relacionada à formação a partir de contextos culturais. Posto isso, encaminha-se para a seção que aponta a abordagem metodológica, que, no caso, é qualitativa, com entrevista semiestruturada e questionário como método de coleta de dados. Por fim, será desenvolvida a análise e discussão dos dados, que tem o objetivo de responder às perguntas de pesquisa deste estudo, por meio dos dados coletados nas entrevistas e nos questionários. Posteriormente, será finalizado com as considerações referentes ao estudo.

Na sequência, é evidenciado o referencial teórico que dá luz à discussão deste estudo.

2 A IDENTIDADE EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL

Nesta seção, aborda-se os conceitos relacionados ao estudo. O primeiro deles é a identidade, que é entendida, de modo geral, como plural e mutável. De forma mais específica, trata-se também sobre identidade de aprendizes e de docentes de línguas, que são construídas por meio dos contextos tanto de ensino quanto de aprendizagem. Além dos conceitos de identidade, encontra-se a exposição teórica sobre os termos *agência* e *cultural shock*, que colaboram para compreender os caminhos percorridos em uma experiência de intercâmbio.

Logo, sabendo que a identidade é um conceito essencial para este estudo, inicia-se a fundamentação teórica com apoio em Hall (2006). Primeiramente, é importante mencionar que o autor aborda o conceito de identidade cultural, que se constrói com a inserção do indivíduo a uma diversidade de representações culturais - étnica, racial, linguística, religiosa e nacional. Posteriormente, o autor menciona o processo de construção identitária, destacando que a identidade é complexa e transformada continuamente na interação com as culturas e com outras identidades presentes no mundo. Essa perspectiva de desenvolvimento identitário é especialmente relevante para este estudo, uma vez que, ao inserir-se em contexto marcadamente distinto do seu, é de se esperar que a transformação de intercambistas se potencialize.

Deve-se destacar que Hall (2006) também aponta a questão da crise identitária, ou seja, a identidade se torna um ponto a ser observado quando está em crise. É bem verdade que o sujeito pós-moderno, atravessado por vozes e visões dissonantes, mesmo que nunca tenha saído de seu país, também experimenta crise identitária. Mas a inserção em contextos culturais tão diferentes do habitual, como no caso do intercâmbio, pode provocar mudanças ainda mais profundas na identidade pessoal, deslocando o sujeito. Sob esse viés, de acordo com o autor,

quando há desestabilização do sujeito, ele se torna fragmentado. Tal condição é, naturalmente, conflitante, pois as identidades podem ser plurais, contraditórias ou não resolvidas.

Seguindo linha similar, Block (2009) salienta a questão da subjetividade no processo de construção identitária. Para ele, a subjetividade se refere ao íntimo do indivíduo, tanto nos aspectos conscientes quanto inconscientes dos sentimentos, de modo a compreender sua interação com o mundo, perpassada por valores, crenças, atitudes. Considerando que a interação com o mundo é conflitante, a identidade se modifica constantemente. Dessa forma, Block (2009) vê a identidade como um processo subjetivo e variável, remetendo também à pluralidade identitária abordada por Hall (2006).

Por outro lado, sob um viés linguístico, Kramsch (2013) conceitua a subjetividade não apenas como o oposto de ‘objetividade’, mas também como caracterizadora de aspectos afetivos com experiências linguísticas, o que permite um autodesenvolvimento cognitivo e emocional positivo. Essas percepções são importantes para compreender a construção identitária de um indivíduo que experiencia choque cultural, como pode ser o caso do intercambista internacional.

Retomando Hall (2006), em que identidade é destacada quando se está em crise, Block (2009) também menciona os conflitos identitários daqueles que enfrentam as fronteiras geográficas e socioculturais. Experiências a partir de contextos internacionais podem gerar uma luta constante para alcançar um equilíbrio, pois, segundo o autor, a identidade é exposta a novos e variados estímulos que fazem estremecer as referências consideradas certas ou ideais. O autor discute, então, o equilíbrio da construção identitária, pois a identidade se forma com o que há dentro do indivíduo, mas também é moldada a partir da definição dos outros. Sob esse viés, Block (2009) usa o conceito de ‘reconhecimento’, que passa a ideia de inteligibilidade para o outro, permitindo a atribuição de uma posição ou identidade única ao sujeito.

Por fim, a partir de seu referencial teórico e suas reflexões, o autor sintetiza como entende identidade:

- está relacionada à construção, ou seja, está em andamento, sendo construída socialmente e projetada em ações, linguagem, movimentos corporais e até em vestimentas;
- está na relação com o outro, pois crenças e valores são compartilhados;
- ganha novas posições a partir da relação entre passado, presente e futuro;
- transforma os indivíduos com base em sua história socioeconômica, mas também transforma sua história social conforme a vida continua;
- é um processo conflitivo, em que os indivíduos se sentem ambivalentes;

- mantém relações de poder econômicas, culturais e sociais que facilitam ou impedem as interações com os outros e com as diferentes comunidades que o indivíduo se envolve;
- está relacionada a diferentes categorias demográficas: etnia, raça, nacionalidade, migração, gênero, classe social e linguagem (BLOCK, 2009).

Uma vez a identidade entendida conforme Block (2009) e o aprendizado de uma nova língua considerado como um dos focos de um intercâmbio, como é visto adiante na seção de discussão dos dados, baseou-se em Norton (2013), que aborda a identidade dos aprendizes de uma segunda língua, apontando as relevâncias da pesquisa identitária. A autora afirma que a identidade afeta a aquisição de uma segunda língua e integra o aprendiz no mundo social. Isso denota que esse processo de aprendizagem não diz respeito apenas à troca de informações do aprendiz, mas coloca em evidência o entendimento de si e de como se relacionar com o mundo. Portanto, os estudantes que vivenciam o intercâmbio encaram a construção identitária para entender sua relação com o mundo, como os relacionamentos são construídos ao longo do tempo e as possibilidades para o futuro (NORTON, 2013).

Kramsch (2013) reforça essa questão pontuada por Norton (2013) por meio da autorreflexão, que se torna importante para entender o lugar dos outros, uma vez que aprender uma segunda língua é lidar com uma melhor compreensão do outro. Nesse sentido, para a autora, “é refletindo sobre a nossa experiência e nos vendo a partir deste meta-lugar, por assim dizer, que nosso eu reflexivo pode começar a lembrar de quem éramos e quem poderíamos ter sido e ainda quem podemos nos tornar, e que podemos imaginar o real e o potencial dos outros” (KRAMSCH, 2013, p. 71, tradução nossa¹⁶).

Além desses apontamentos, Norton (2013) se baseia na teoria de que identidades não são somente concebidas por estruturas sociais ou atribuídas por outros, mas também são negociadas por agentes que desejam se posicionar, ou seja, aprendizes que procuram ter ‘voz’ no processo de aprendizagem de uma segunda língua. Nesse viés, a autora usa o termo agência, definido pelo agir do indivíduo, que determina as experiências que proporcionarão mudanças significativas na vida do ser humano, que o leva ao (auto) desenvolvimento. Esse termo é definido pelas ações que resultam em efeitos ou mudanças, ou seja, as escolhas são influenciadas pelas intenções ou propósitos de um indivíduo (HUANG, 2013). Em outras palavras, Teng (2019) sintetiza as definições de agência sob a visão de vários teóricos:

¹⁶ It is by reflecting on our experience and seeing ourselves from this meta-place, so to speak, that our reflexive self can start remembering who were and who we could have been and might still become, and that we can imagine the real and the potential other (KRAMSCH, 2013, p. 71).

(...) um indivíduo (agente) tem potencial para conduzir ações físicas, cognitivas, afetivas e / ou motivacionais, e fazer escolhas com base em seus propósitos. Um aluno com um alto senso de comportamentos agênticos têm a capacidade de exercer controle ao longo de sua vida. No entanto, as disposições psicológicas de um indivíduo são essenciais para o curso de um aprendizado. Além disso, as ações são mediadas socioculturalmente, o que significa que a agência não reside apenas no indivíduo, mas está ligada a um mundo histórico e cultural. Nesse sentido, a agência está relacionada a indivíduos, grupos e comunidades (TENG, 2019, p. 67-68, tradução nossa¹⁷).

É importante complementar às colocações de Teng (2019) com a reflexão de Ninin e Magalhães (2017), em que as ações do sujeito são relacionadas às estruturas sociais, mas de forma consciente e intencional, ou seja, a reflexão autoconsciente se volta para uma ação de aprendizagem, colocando o próprio indivíduo no controle desse processo. Romero e Casais (2019) também reforçam, em um contexto similar a este estudo, que o agente é capaz de interagir com o meio social e cultural que está imerso. Nessa linha de pensamento, Norton (2013) relaciona agência ao aprendizado de alunos que têm dificuldade para falar uma segunda língua a partir de uma única posição identitária, tendo em vista que identidades são plurais. Por meio da agência, os aprendizes são capazes de remodelar seus relacionamentos com os outros e reivindicar alternativas para melhorar a aquisição de uma segunda língua.

Levando-se em conta que este estudo enfoca estudantes de Letras, é pertinente ainda compreender o processo de construção identitária de docentes de línguas, buscando esteio nas reflexões de Barkhuizen (2017). Para o autor, a identidade de professores de línguas inclui cinco aspectos: cognitivos, sociais, emocionais, ideológicos e históricos. Essa divisão demonstra que as identidades estão no interior do professor, mas também são definidas pelas influências sociais, materiais e tecnológicas do mundo exterior. Nesse sentido, o pesquisador aponta que as identidades sofrem constantes mutações, seja a curto ou a longo prazo, por meio das trocas no campo educacional entre professores, aprendizes e a comunidade, além das interações materiais, que envolvem os espaços, as instituições de ensino e os recursos disponíveis para exercer a profissão.

¹⁷ (...) an individual (agent) has the potential for conducting physical, cognitive, affective, and/or motivational actions, and making choices based his/her purposes. A learner with a high sense of agentic behaviors has the capacity to exert control over the course of his or her life. However, an individual's psychological dispositions are essential to one's course of learning. In addition, one's actions are socioculturally mediated, which means agency is not residing only in the individual but linked to a historical and cultural world. In this regard, agency is related to individuals, group, and communities (TENG, 2019, p. 67-68).

Outro ponto importante que Barkhuizen (2017) aborda, convergente com as discussões anteriores de Hall (2006) e Block (2009), é a pluralidade identitária. Professores se reinventam e possuem diversas variantes de si, em que a identidade é sempre dinâmica, variando conforme o contexto. Ele aponta que o docente em formação se depara com experiências em que pode vislumbrar a postura que quer adotar como profissional e, na mesma proporção, as possibilidades que ele deseja descartar. Esse processo de construção identitária, portanto, demonstra que a identidade é algo que se vive e se produz, e que é sempre plural. Assim, no caso deste estudo, é relevante apontar os intercâmbios internacionais como contribuintes para uma construção identitária ainda mais plural e, conseqüentemente, benéfica na formação docente.

Para dar apoio aos estudos identitários, a presente pesquisa baseou-se em Storti (2011) para destacar as dificuldades de viver fora, seja a trabalho ou a estudo, e os choques culturais provenientes dessa experiência internacional. Sua obra pode ser considerada como um guia para orientar pessoas que estão em contextos interculturais ou lidando com outras pessoas que advém desse contexto. Nesse ponto de vista, inicialmente, o autor discorre sobre o conceito de *Country Shock*, que são os desafios e as adaptações que um indivíduo enfrenta ao começar a viver em um novo país que não seja o seu de origem. Esses desafios estão relacionados ao clima, à perda de rotina, à relação com rostos desconhecidos, à infraestrutura (comunicação, saúde e transporte), ao emocional e psicológico, entre outros fatores.

Storti (2011) não só detalha cada desafio, como também apresenta as conseqüências de se viver essas experiências e apresenta uma discussão em como pode-se lidar com essas questões como um expatriado. O autor discorre sobre o fato de que essas experiências não são novas, uma vez que não é a primeira vez que o indivíduo necessita se ajustar a novas pessoas, a uma nova comunidade ou a novas responsabilidades de trabalho. O que difere essas experiências de um intercâmbio é o local, que pode parecer diferente, mas é possível se apegar às experiências vividas anteriormente para se adaptar ao novo contexto.

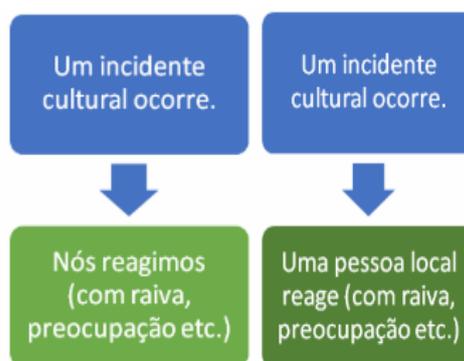
Além do conceito de *country shock*, o autor discorre sobre o conceito de *culture shock*, que está atrelado às dificuldades de relações entre os expatriados e às pessoas locais, sabendo que essas pontes culturais podem ser consideradas um desafio. Em vista disso, por causa das diferenças culturais, o autor tem a sua justificativa: “(...) as interações culturais estão sujeitas a

todo tipo de confusão, incompreensão e má interpretação” (STORTI, 2011, p. 25, eBook, tradução nossa).¹⁸

Com base nesses preceitos, o autor discute a respeito dos incidentes culturais, que são os encontros que não deram certo e acabaram causando desconforto, enfraquecendo as relações em um contexto intercultural, ocasionando o choque cultural. Nesse viés, Storti (2011) apresenta vários casos que exemplificam esses incidentes e discute possíveis soluções para lidar com o problema. Ele categoriza esses casos em duas classes: Tipo I, em que os estrangeiros se sentem confundidos, frustrados ou expostos a partir do comportamento de alguém da cultura a qual se encontram expostos, e Tipo II, no qual esses mesmos incidentes, ao invés de serem sofridos pelos estrangeiros, são praticados por eles diante de alguém de outra cultura. Independente das duas possibilidades, mesmo que o estrangeiro possa vir a se comportar de tal forma, o autor considera que é o estrangeiro quem sofre mais.

Com base nesses dois grupos, o autor cria um modelo de interação transcultural, que é formado em dois processos, conforme figura a seguir.

Figura 1 - Modelo de Interação Transcultural, adaptado e traduzido.



Fonte: Storti (2011: 43-44, eBook)

De acordo com Storti (2011), quando a ideia é dividida por esses processos, há uma impressão de que as relações transculturais são fadadas ao fracasso. Porém, o autor ressalta que é importante olhar para essa questão não como algo que deu errado, mas como relações que partem da natureza humana. A ideia é que as relações culturais têm uma tendência de sofrer

¹⁸ (...) cross-cultural interactions are subject to all manner of confusion, misunderstanding, and misinterpretation (STORTI, 2011, p. 25, eBook).

incidentes, mas isso não é uma regra. Portanto, segundo o autor, apesar das inúmeras diferenças culturais, as pessoas não são diferentes em todos os aspectos.

Tendo as bases teóricas elucidadas, passa-se a apresentar os caminhos metodológicos do estudo.

3 APORTE METODOLÓGICO

É importante destacar, primeiramente, que o estudo em questão se configura como uma pesquisa qualitativa, pois é baseada no conhecimento relativo, de forma subjetiva e justificável (NUNAN, 1992). Esse contexto metodológico é caracterizado pela descrição dos fatos, seguida pela compreensão e interpretação dos dados analisados.

De acordo com essa perspectiva de metodologia científica, a presente pesquisa consiste em um estudo de caso, pois o objeto de estudo em questão demanda uma análise profunda e intensa (MARTINS, THEÓFILO, 2016). Essa afirmação justifica-se pelo objeto do estudo, que é a experiência de quatro colaboradoras, entre 20 e 30 anos, sendo uma estudante e três formadas em Letras, que participaram de um intercâmbio internacional durante a graduação. Por envolverem as informantes, o projeto desta pesquisa passou pelo Comitê de Ética, aprovado pelo parecer de número 3.545.020 (ANEXO A).

A seguir, observa-se um quadro descritivo das colaboradoras, com nomes fictícios para atender às exigências éticas, em relação aos intercâmbios que participaram durante a graduação.

Quadro 1 - Dados das colaboradoras de pesquisa.

Nome Fictício	Idade	País/ Universidade de Origem	País /Universidade de Destino	Programa	Tempo de Duração	Ano de Conclusão do Curso
Júlia	27	Universidade Federal de Lavras (UFLA) - Brasil	Universitat de Lleida - Espanha	Programa de Bolsas Santander Íbero – Americanas	6 meses	2017
Lorena	26	Universidade Federal de Lavras (UFLA) - Brasil	Universidad Libre - Bogotá - Colômbia	BRACOL	6 meses	2016

Regina	25	Universidade Federal de Roraima (UFRR) - Boa Vista - Brasil	Uppsala Universitet - Suécia	Erasmus Mundus Projeto EBW+	10 meses	2019
Cecília	20	Universidade Federal de Lavras (UFLA) - Brasil	Harvard Extension School - Boston - Estados Unidos	Cultural Care Au Pair	Intercâmbio: 12 meses Curso: 5 meses	2019

Em relação ao programa *Cultural Care Au pair*, é importante destacar que não se trata exatamente de uma parceria com a universidade de origem. Porém, é um programa que pode promover o estudo em universidades no exterior, como mencionado anteriormente na introdução deste trabalho, possibilitando fazer o aproveitamento das disciplinas como Atividade Acadêmica Internacional na universidade de origem, como no caso de Cecília.

A coleta de dados deu-se por meio de dois instrumentos: entrevista e questionário. Antes de especificá-las neste estudo, é relevante explicar essas escolhas, a partir do ponto de vista da coleta de dados, e apontar os prós e contras de cada instrumento.

A iniciar pela entrevista, Lüdke e André (1986) afirmam que esse método é uma das principais técnicas utilizadas nas pesquisas qualitativas, principalmente em estudos de casos. Além disso, em relação a interação no diálogo, este estudo recorreu à entrevista semiestruturada, que acontece por meio de um roteiro básico, mas que permite o entrevistador a fazer alterações necessárias no decorrer da entrevista. Esse formato permite uma maior interação entre entrevistado e entrevistador.

O questionário também é um instrumento popular em pesquisas sociais. No caso deste estudo, foi elaborado um questionário com questões abertas, ou seja, que permitem ao colaborador responder de forma livre com frases e orações. Porém, é necessário apontar que o questionário serviu como complemento na coleta de dados. De acordo com Martins e Teóphilo (2016), há situações em que o pesquisador escolhe técnicas que possibilitam uma maior interação com os informantes da pesquisa, tendo em vista que o levantamento das informações, dados e evidências é feito pelo próprio pesquisador. Nesses casos, a aplicação de questionários não é tão comum, pela participação frequente do pesquisador com o grupo de colaboradores. Dessa forma, de acordo com o propósito deste estudo, essa proximidade entre o pesquisador e

os sujeitos participantes se deu por meio das entrevistas e os questionários funcionaram como um complemento, não sendo um recurso exclusivo na coleta de dados.

Tendo as técnicas de coleta de dados esclarecidas, passa-se a especificar a coleta no contexto desta pesquisa. Assim, por meio de uma entrevista semiestruturada (ANEXO B), a fim de responder às três primeiras perguntas de pesquisa, buscou-se identificar como o intercâmbio afetou a vida e a identidade das estudantes, a partir dos desafios de adaptação à universidade, à língua, à cultura e a outras possíveis dificuldades, e, conseqüentemente, como esses fatores contribuíram para a formação das colaboradoras.

De modo complementar, os questionários (ANEXO C) possibilitaram responder à segunda e à terceira pergunta de pesquisa, pois focaram em explorar informações pessoais a respeito da formação das participantes, assim como as motivações, as expectativas, as experiências, as opiniões e a importância do intercâmbio para a formação cultural-acadêmica. Essas informações foram essenciais para refletir sobre como uma experiência de intercâmbio colabora para a formação docente. Além desses aspectos, é relevante mencionar que tanto as entrevistas quanto os questionários foram realizados por meio de recursos digitais, à distância, com exceção de uma colaboradora, que participou da entrevista presencialmente.

Há ainda outras informações necessárias a respeito das escolhas metodológicas. A primeira é que as entrevistas foram aplicadas antes dos questionários. Nas entrevistas, buscou-se conhecer melhor a trajetória internacional das colaboradoras e, em seguida, foi disponibilizado um tempo hábil para o preenchimento dos questionários. A segunda é que apenas uma das colaboradoras, Cecília, respondeu a entrevista e o questionário enquanto ainda estava no processo de formação inicial. Julia, Lorena e Regina já eram formadas quando colaboraram com informações para a pesquisa.

Por meio dessas indicações metodológicas, categorizou-se os dados a partir dos núcleos de materiais colhidos, ou seja, com base nas teorias de identidade, formação e internacionalização. Para a atual análise, foram escolhidos os excertos retirados dos questionários e entrevistas considerados mais relevantes para o estudo, ou seja, aqueles que respondem as perguntas de pesquisa definidas. Tendo em vista a necessidade de um viés crítico na pesquisa qualitativa (NORTON, 2013), essa organização das informações permitiu um julgamento crítico dos dados e das interpretações existentes, de modo a responder as perguntas de pesquisa: (1) Quais são as principais dificuldades identificadas pelas colaboradoras ao estudar em outro país?; (2) Quais foram os possíveis efeitos surtidos em suas identidades?; (3) Como o

intercâmbio contribui para a formação dessas (futuras) professoras de línguas, na visão delas? Assim, cada pergunta de pesquisa é contemplada a cada trecho analisado no texto.

Para responder às perguntas de pesquisa, apoiou-se nas teorias que embasaram este estudo. As teorias de identidade, tanto sob a ótica docente (BARKHUIZEN, 2017) quanto a do aprendiz de uma segunda língua (NORTON, 2013; KRAMSCH, 2013), e o conceito de *culture shock* (STORTI, 2011) foram retomados para responder às duas primeiras perguntas de pesquisa. Para responder à terceira pergunta de pesquisa, recorreu-se também às teorias de identidade (HALL, 2006; BLOCK, 2009), de um modo geral, e de agência (HUANG, 2003; TENG, 2019).

Tendo explicitado a metodologia, segue a discussão dos dados, à luz da teoria resenhada.

4 RESULTADOS DAS ANÁLISES DAS ENTREVISTAS E QUESTIONÁRIOS

Nesta seção, a discussão visa responder às perguntas que orientam a pesquisa. As questões serão respondidas por meio de excertos retirados das entrevistas realizadas e dos questionários aplicados às participantes. Em um primeiro momento, os seis primeiros excertos ajudaram a responder, principalmente, às duas primeiras questões, as quais focam nas dificuldades encontradas em se estudar em uma universidade estrangeira e os possíveis efeitos dessas adversidades na identidade, e, de modo geral, responde à terceira pergunta de pesquisa, sobre como o intercâmbio colaborou para a formação docente, na perspectiva das estudantes. Na sequência destes recortes, os excertos 7 a 12 retirados dos questionários complementaram as respostas da segunda e terceira perguntas de pesquisa, que buscaram compreender os efeitos de identidade e as contribuições do intercâmbio na formação.

4.1 Os relacionamentos interpessoais acadêmicos

De início, observa-se as experiências de estudo em uma universidade estrangeira e as possíveis dificuldades encontradas. Aspectos relacionados às aulas, à língua, à cultura e às avaliações foram as mais destacadas pelas informantes. No excerto a seguir, Cecília ainda morava em Boston, Estados Unidos, e relatou na entrevista como foi sua adaptação à universidade.

Excerto 1

É:: então, como eu cheguei aqui em Boston, já tem um tempinho bom, eu fui conhecer primeiro né, eu fiquei nervosa pra ver se eu conseguia entrar no programa de Harvard ou não ... e: quando eu consegui entrar, eu só tava ... nervosa mesmo se as pessoas iam achar o meu inglês ruim, não bom o suficiente, porque eu sou a única imigrante da sala ... e não é muito fácil imigrante entrar nesse programa de extensão ... é então eu tava muito receosa sabe? Fiquei mais quieta no começo, com medo do pessoal achar meu inglês diferente né, porque tem o sotaque igual todo mundo tem (...)

Ao deparar-se com a fala de Cecília no excerto 1, é possível encontrar algumas dificuldades vivenciadas por ela. De início, nota-se um conflito identitário (HALL, 2006) da aluna, por medo de não ser aceita no novo ambiente de estudos. Isso começa pelo fato de o curso não ser amplamente difundido a alunos estrangeiros, fazendo com que se crie um sentimento de insegurança e exclusão, por medo de enfrentar um contexto que não é natural tanto na perspectiva da estudante quanto na perspectiva do curso.

Júlia relatou algo parecido em relação à interação com os colegas no curso, em Lleida, na Espanha.

Excerto 2

(...) e outra [dificuldade] foi um pouco me adaptar com os outros colegas que era início de curso que eles estavam no primeiro período e:: pra fazer trabalho em grupo e às vezes é a questão da língua que acontecia que as vezes a gente tava fazendo um trabalho, daí elas paravam de falar em espanhol, começa a falar em catalão e a gente ficava meio assim, não é uma questão de exclusão, mas você se sente meio fora (...)

Assim como Cecília, no excerto 2 percebe-se que Júlia desenvolveu um sentimento de exclusão pelo contexto vivenciado no curso. A falta de domínio no idioma catalão fez com que Júlia sentisse uma certa confusão, limitando sua capacidade de interação. Por mais que a estudante não considerasse como um ato de exclusão, o sentimento pareceu inevitável. Nesse sentido, respondendo à primeira pergunta de pesquisa, podemos dizer que Júlia e Cecília vivenciaram o fenômeno de *culture shock* (STORTI, 2011), em que as interações culturais foram interpretadas a própria maneira, causando certo desconforto. Além disso, no caso de Cecília, conforme mostrado no excerto 1, ao mesmo tempo que sentiu desconforto, ela tinha medo da reação dos outros estudantes em relação a ela. Isso revela que tanto o imigrante quanto os nativos, de certa forma, podem vir a sentir desconfortos em uma relação intercultural, assim como Storti (2011) classifica como “incidentes culturais”.

Há de se observar também que esses desconfortos aconteceram, em certa parte, pela insegurança com a língua local, fazendo com que as colaboradoras, conforme demonstram os excertos 1 e 2, experimentassem uma crise identitária. Portanto, em relação à segunda pergunta, essas experiências marcaram uma construção identitária, pois assim como Norton (2013) e Kramsch (2013) pontuam, as estudantes tiveram que entender sua relação com o novo contexto e compreender como seriam os relacionamentos nas universidades dali para frente, repensando como agiam antes e projetando as possibilidades para o futuro.

Um outro aspecto considerado difícil pelas colaboradoras foi o estranhamento que elas tiveram com a frieza das pessoas locais, que muito se difere do Brasil, como no caso de Cecília:

Excerto 3

(...) o fato de que as pessoas aqui, principalmente na região de Boston são muito frias né, aqui um é muito, uma cidade muito de business, muito voltado para o mercado de empresarial, a galera é bem seca, não tem abraço, não tem beijo, não tem riso, cê vê frieza em todo mundo...

No excerto 3, observa-se que a estudante sentiu as diferenças culturais em relação ao comportamento das pessoas. As características “*a galera é bem seca, não tem abraço, não tem beijo, não tem riso, cê vê frieza em todo mundo*” foram mencionadas por Cecília quando foi perguntado se houve alguma dificuldade de adaptação em relação à cultura. Nessa mesma pergunta, no excerto 4, Júlia diz algo similar em relação à Espanha:

Excerto 4

(...) me adaptar um pouco ao jeito de ser das pessoas, porque os espanhóis não são as pessoas mais simpáticas do mundo ... e é às vezes você acha que eles estão, a pessoa está sendo grossa com você e ela não tá é:: ... então assim, eu tive, por exemplo, teve um dia que eu ... eu tava com sono e eu espreguicei assim na aula e a professora chamou a minha atenção e falou que era como se fosse uma falta de educação ... então assim, é:: parecia que ela estava sendo muito grossa comigo, mas não era bem isso, sabe? E eles falavam assim, às vezes cê tava passando e eles falavam “passa, passa, passa” então, também eu tive que me adaptar a isso, essas pessoas serem muito secas, os colegas serem muito secos e:: entender que isso não era ... um jeito ruim deles que é cultura deles, que eles são pessoas mais sérias.

Nos excertos 3 e 4, respondendo à primeira pergunta de pesquisa, é possível notar certa insatisfação das estudantes, uma vez que saíram de um país com uma população considerada ‘calorosa’, no sentido afetivo, e tiveram que aprender a lidar com as diferenças da população

local do país de destino. Apesar do estranhamento, ambas caracterizaram as situações como culturais, o que demonstra compreensão em relação a esses acontecimentos.

Nesse sentido, sob a orientação da segunda pergunta que norteia o estudo, observou-se uma crise identitária, devido aos comportamentos dissonantes da população de cada país (HALL, 2006). Além disso, retoma-se o posicionamento de Block (2009) sobre o processo de construção identitária como subjetivo. Júlia e Cecília passaram por divergências em relação às diferenças de comportamento, mas elas tinham consciência daquele contexto como cultural, como mencionado anteriormente. Portanto, a crise identitária pode ser considerada com uma reação diante dessas novas experiências, mas essa subjetividade no processo de (re) construção identitária também faz parte da forma como as jovens interagiram com o novo mundo, com base em aspectos econômicos, culturais e sociais (BLOCK, 2009), resgatando atitudes e valores comuns no Brasil e ponderando novas percepções a respeito dos países de destino.

De modo geral, no que diz respeito à terceira pergunta, os excertos analisados até o momento ajudaram a compreender como o intercâmbio contribuiu para a formação docente de Júlia e Cecília, principalmente em relação às suas transformações identitárias. Com essas experiências de intercâmbio, as alunas puderam vivenciar diferentes contextos de ensino e aprenderam a lidar melhor com as individualidades de cada povo, refletindo um quadro positivo em suas formações como professoras. Nessa vertente, sob a ótica de Barkhuizen (2017), as participantes podem descartar o que não foi produtivo e considerar os aspectos positivos da experiência na formação profissional, sendo essas ponderações refletidas na ação docente.

4.2 O formato de ensino

As colaboradoras também relataram sobre o formato de estudos. Lorena comentou um pouco sobre a rotina de aulas e atividades na universidade.

Excerto 5

(...) sobre as rotinas de aula é diferente lá, lá eu falo que é como se fosse um mestrado agora, as aulas não duram uma hora, aqui dura quanto tempo? Uma hora e cinquenta? Lá durava três horas, quatro horas de aula, uma aula de graduação, então era normal, então fazia um intervalo pequeno e voltava pra aula, aí tinha muitos seminários, tinha muita discussão né, textos que a gente tinha que ler em casa pra discutir e isso é assim bem parecido né, e outra coisa, não sei se é porque era faculdade particular as aulas eram menos alunos né, assim, não generalizando tinha uma disciplina lá que eu fazia mais ou

menos com uns vinte e poucos alunos, mas tinha uma outra que era sete pessoas no máximo ... sabe era bem, era bem assim dividido.

Lorena menciona, conforme excerto 5, que a frequência das leituras em casa e alguns modelos de aula, como seminários e discussões, são similares às aulas que tem/teve em sua universidade de origem no Brasil. Porém, ela aponta também algumas diferenças. Foi notável para a estudante, por exemplo, o tempo das aulas, que duravam praticamente o dobro na universidade do Brasil, o que faz ela comparar com o nível de mestrado em seu país, mostrando uma maior exigência do curso que frequentou em uma universidade na Colômbia. Também pontuou sobre a divisão das disciplinas, como cada uma demandava uma quantidade maior ou menor de alunos.

Regina também acrescentou algumas características sobre a universidade que estudou fora, na Suécia.

Excerto 6

(...) não tinha muita cobrança, claro né que eles davam prazo grande pra nós fazermos os trabalhos e:: até porque né, se você tinha duas aulas por semana não tinha desculpa pra você não fazer os trabalhos e outra, outro detalhe ... é nós tínhamos as aulas, essas duas, três aulas por semana, mais nós ficávamos com trabalho pra fazer, nós tínhamos que nos reunir em grupos pra debater texto, nós tínhamos que nos reunir em grupos para é:: preparar alguma apresentação, então nós tínhamos uma missão pra fazer nos outros dias ... é:: eu não fiz / ah tá eu só fiz prova de sueco básico é: que eu acho que foi muito boa, assim eu gostei muito da oral quanto na escrita foi uma experiência bem Enem, você tava lá comigo ... gostei assim foi o único momento que eu fiz prova mesmo porque eu sempre fazia trabalhos era tudo trabalho, apresentação oral, apresentação escrita, debate em grupo é:: entrega de papers ...e aí é:: eu achei tudo muito tranquilo, na verdade depois que eu voltei que eu acho que eu poderia até ter me esforçado mais, mas foi uma uma foi uma experiência de crescimento muito boa.

No excerto 6, apesar de Regina ter notado que o número de aulas na universidade que a acolheu na Suécia era menor comparado ao número de aulas na sua universidade de origem em Roraima, no Brasil, ela percebeu que muitas outras atividades extras eram exigidas para complementar o tempo, como as atividades em grupo. Ela também notou que a universidade disponibiliza um tempo hábil para a realização das atividades, o que evidencia uma sensação inexistente de cobrança, como comentado por ela. Nesse sentido, é importante destacar que apesar de existir a sensação de falta de cobrança, a proposta desses formatos de ensino pode estar relacionada à construção de autonomia.

O sistema de avaliação também foi observado por Regina no excerto 6. Ela diz que precisou fazer apenas uma prova tradicional, no curso de Sueco. Mas em relação às outras disciplinas, os métodos de avaliação se mostraram variados, como apresentações orais e escritas, debates e papers. Essa experiência, além de ter contribuído para a formação, foi tranquila na percepção da estudante, não submetendo-a à pressão psicológica.

As experiências de Lorena e Regina, de acordo com as análises dos excertos 5 e 6, contudo, contribuem para refletir sobre a influência dessa experiência sobre os aspectos identitários que foram construídos na formação docente, conforme a segunda pergunta de pesquisa. Por isso, é necessário considerar as influências materiais, sociais e tecnológicas dessa experiência em uma universidade no exterior, pois, segundo Barkhuizen (2017), a identidade de professores é influenciada por esses aspectos. Nesse contexto, é possível ainda reforçar os apontamentos do autor em relação às transformações identitárias de Lorena e Regina como professoras em formação neste estudo, que acontecem por meio da troca de experiências educacionais e materiais, em ambas universidades, tanto de origem quanto de destino. Essas vivências internacionais também permitem refletir sobre a identidade docente de forma dinâmica, ou seja, viabiliza as reconsiderações de conduta de um professor, que se espelha nas experiências que podem ser descartadas ou aproveitadas (BARKHUIZEN, 2017).

4.3 Os novos caminhos profissionais e a necessidade de fomento e divulgação de programas de intercâmbio

Para complementar a análise, foram selecionados também algumas respostas dos questionários que as colaboradoras responderam, especialmente sobre a influência das oportunidades de intercâmbio na formação em Letras. Uma das perguntas buscou compreender em qual lugar as alunas tiveram um maior aproveitamento, na universidade do Brasil ou na universidade do exterior. Algumas relataram que cada aproveitamento foi diferente, pois cada universidade contribuiu de alguma forma, como no caso de Regina:

Excerto 7

Não conseguiria ter vivido a experiência fora do Brasil se não fossem minhas experiências dentro da UFRR, pois foi lá que construí o histórico e as experiências acadêmicas que me possibilitaram enriquecer meu currículo para participar do Erasmus EBW+. Já através do Erasmus, eu tive a oportunidade de ter novas experiências acadêmicas que enriqueceram ainda mais minha visão de mundo e também contribuíram para o que eu já conhecia.

Portanto, tive aproveitamentos diferentes nos dois lugares, o que torna difícil mensurar em qual eu tive o maior deles.

Sob o olhar de Regina no excerto 7, é possível perceber que as experiências vividas tanto no Brasil quanto na Suécia foram importantes para sua formação. Em relação à terceira pergunta, isso denotou que os estudos na UFRR serviram como uma base consolidada para que a aluna conseguisse ter um desempenho satisfatório na Universidade de Uppsala, ou seja, as experiências se inter cruzam na formação identitária profissional da participante. Consideramos, nesse caso, conforme Barkhuizen (2017), a identidade docente formada de modo dinâmico, plurificando-se a partir dos diferentes contextos vivenciados.

Lorena, por outro lado, acredita em um maior aproveitamento por parte do intercâmbio, em relação à aquisição de uma segunda língua:

Excerto 8

Eu sempre estudei inglês na escola e em casa por motivação, o espanhol foi apenas em casa, mas não tinha uma aprendizagem ampla e qualificada, era sempre o básico mas eu gostava. Foi no curso de Letras que de fato tive aulas de inglês de verdade, lembro-me que as professoras, durante o primeiro ao último período só falavam em inglês na sala de aula das disciplinas que eram desta língua. Mas ainda assim, acredito que tenho muito o que aprender e não me considero fluente ou capaz de me comunicar também, visto que, durante a faculdade tive uma grande desmotivação em relação a aprender a língua, devido a diversos fatores, como por exemplo, professores, o desnivelamento que havia na turma, dentre outros motivos. Quando fui para a Colômbia, não sabia nada de espanhol praticamente, e acredito que este foi meu maior aproveitamento devido a imersão, pois estava exposta a todo tempo a aquela língua e não apenas na sala de aula e também havia uma grande motivação e interesse da minha parte de aprender a língua e de estar ali. Mas aprender é algo muito individual, mas devido a ambas experiências e a minha forma de aprender, o intercâmbio é muito mais válido para mim.

A aluna relata no excerto 8 que existiam alguns pontos desmotivadores no aprendizado de inglês na sua universidade de origem, como “*professores, o desnivelamento que havia na turma*”. Mas com o espanhol foi diferente, pois mesmo sabendo muito pouco sobre a língua, a aluna diz que o estudo por imersão foi fundamental para um maior aproveitamento de aprendizagem. Além de poder aprender por imersão cultural, a estudante pontua sua motivação de estudar em outro país, algo que só o intercâmbio pôde proporcioná-la. Nessa parte, pode-se retomar o conceito de agência (HUANG, 2013; TENG, 2019), quando ela deixa claro a vontade de aprender o espanhol em outro país, ou seja, sua escolha foi baseada no objetivo de aprender uma segunda língua. Sob a perspectiva de Norton (2013), Lorena busca se posicionar no processo de ensino-aprendizagem de espanhol, por meio da imersão cultural, e encontra

alternativas de aprendizado e meios de se relacionar no contexto de intercâmbio, o que lhe proporciona efeitos significativos no seu objetivo de adquirir uma segunda língua e, conseqüentemente, na docência.

Em um outro momento no questionário, as colaboradoras opinam em relação à inclusão de oportunidades de intercâmbio na graduação na área de Letras. Júlia, no excerto 9, responde como o intercâmbio foi importante para o seu desenvolvimento como professora de línguas e como a experiência influenciou por novas escolhas profissionais:

Excerto 9

Acho que essas oportunidades são imprescindíveis para um estudante de Letras. Ter experiência com outras línguas também nos possibilita refletir sobre a nossa própria língua. A necessidade da comunicação com o outro nos torna mais hábeis com as línguas estrangeiras, principalmente o inglês. Isso aconteceu de forma muito clara para mim e senti que me auxiliou muito na minha formação como professora de língua estrangeira. Além disso, meu contato com o Espanhol me fez pensar em outras possibilidades na área de Letras. Hoje estou estudando tradução e isso afeta diretamente na qualidade do meu trabalho como professora.

Além de apontar o aprendizado de línguas como importante, assim como Julia responde no excerto 9, Cecília, no excerto 10, fala sobre a dificuldade de encontrar bolsas completas de intercâmbio na área:

Excerto 10

Acredito que deveriam ser mais amplas já que nosso curso de Letras forma profissionais da área de língua inglesa e um intercâmbio faz completa diferença. Eu juntei dinheiro durante um ano para estar aqui. A UFLA apenas aprovou minha matrícula em AAI¹⁹. Não são muitas oportunidades de ajuda financeira.

E assim como Cecília, Lorena e Regina possuem as mesmas queixas sobre a falta ou a dificuldade de encontrar mais oportunidades de intercâmbio na área de Letras:

Excerto 11

Lorena - Me inscrevi para o intercâmbio em 2014 em minha universidade e lembro-me de antes deste programa (BRACOL) não ter ouvido sobre nenhum outro na minha área. Sempre ouvia falar do ciências sem fronteiras, mas eu tinha o conhecimento que ele não envolvia a área de humanas. Atualmente, vejo outras portas se abrindo para o curso, por exemplo, na UFLA ainda temos o BRACOL e incluíram também o BRAMEX, o Erasmus e acredito que há outros. Espero que ainda melhore e sei que existe muitos professores dispostos a lutarem por isso. Mas de qualquer forma, avançamos.

¹⁹ Atividade Acadêmica Internacional

Excerto 12

Regina - Vejo a inclusão de oportunidades de intercâmbio na minha área de formação na graduação ainda caminhando a passos lentos. Há poucas parcerias entre a universidade onde me formei com instituições internacionais, claro que é um quadro que a coordenadoria de relações internacionais da UFRR tenta mudar, mas ainda sinto falta de mais oportunidades. O que vejo é que os alunos da graduação tem chance de participar de um programa de intercâmbio se ficarem atentos às datas de publicação de editais disponibilizados na internet, pois muitas instituições internacionais oferecem bolsas voltadas especialmente para alunos da América do Sul. Descobri isso apenas depois que fiz o intercâmbio e penso como seria maravilhoso se todos soubessem disso, se fosse mais divulgado.

De acordo com esses relatos, dois fatores se destacam. O primeiro deles é a importância do intercâmbio na formação de professores de línguas. Respondendo à terceira pergunta de pesquisa, um intercâmbio pode ser um forte contribuidor na formação, uma vez que os estudantes de graduação em Letras possuem a oportunidade de aprender uma segunda língua imersos na cultura do país, o que faz com que aumente sua bagagem cultural e linguística para usar em sala de aula no futuro. Além disso, como no caso de Júlia, demonstrado no excerto 9, o intercâmbio não contribuiu somente para o aprimoramento de uma língua adicional, mas para ampliar seus conhecimentos de mundo e despertar novos interesses a partir da experiência, como o caso da tradução.

O segundo fator observado é a falta de programas ou divulgações sobre intercâmbios na área de Letras. Todas as colaboradoras de pesquisa mencionaram dificuldades nesse sentido. Problemas como falta de divulgação e falta de ajudas financeiras mais completas foram pontuadas pelas estudantes. Por mais que existam programas como o BRACOL e o BRAMEX²⁰, como observado por Lorena no excerto 11, os auxílios financeiros ainda não são completos, como informado anteriormente, o que não viabiliza a tentativa por todos os alunos de graduação. A estudante também mencionou o Ciências sem Fronteiras, que era o programa mais cobiçado no Brasil nos últimos tempos, mas que não contempla a área de Letras e, no momento, está com gastos congelados até para os demais cursos. Ainda há o exemplo do Projeto EBW+, beneficiado por Regina, que fomentou bolsas completas de graduação até 2016. Atualmente, é limitado a bolsas de doutorado, como informado no website do projeto.

²⁰ Informações em: <

<http://www.grupocoimbra.org.br/Programas/PaginaProgramas.aspx?programaID=18>>. Acesso: 25/05/2020.

Outro ponto importante relatado por Regina, como é possível observar no excerto 12, é como ela descobriu outras oportunidades de intercâmbio durante a própria experiência internacional acadêmica. Por uma possível falta de divulgação, apenas após sua experiência é que a aluna descobriu que muitas universidades pelo mundo oferecem bolsas de estudos a países sul americanos. Esse fato demonstra uma dificuldade dos estudantes brasileiros de encontrarem oportunidades como essas, talvez por uma falta de divulgação adequada, até mesmo por meio das próprias universidades.

Todas essas questões evidenciam pouca valorização e pouco investimento nas oportunidades de intercâmbio na área de Letras. E como as próprias estudantes pontuaram, o intercâmbio é consideravelmente importante na formação profissional das estudantes, não justificando sua desvalorização no campo educacional.

A partir da segunda pergunta, sob o viés identitário, é possível assegurar, mais uma vez, a transformação identitária das estudantes nos pontos de vista apresentados. Considerando que a identidade ganha novos entendimentos na relação entre passado, presente e futuro (BLOCK, 2009), as estudantes compreenderam a influência do intercâmbio na transformação da identidade docente, principalmente nas oportunidades futuras de trabalho com a experiência de aprender uma língua por imersão cultural. Além do mais, evidencia-se o intercâmbio internacional como colaborador na construção da pluralidade identidade (BARKHUIZEN, 2017; HALL, 2006), na justificativa de que as experiências vividas despertam nas educadoras em formação as variadas formas de enxergar o mundo, de ensinar e de buscar conhecimento.

Sob toda a análise realizada neste estudo, é possível sintetizar em poucas palavras, mostradas no Quadro 1 abaixo, os ganhos resultantes do intercâmbio na formação em Letras, conforme as perguntas que nortearam a pesquisa, a fim de possibilitar uma visão geral sobre a influência dessa experiência na formação docente.

Quadro 2: Resultados Gerais

RESPOSTAS ENCONTRADAS COM BASE NAS PERGUNTAS DE PESQUISA	
Principais dificuldades identificadas pelas colaboradoras ao estudar em outro país	<ul style="list-style-type: none"> ● língua; ● relacionamentos interpessoais.
Possíveis efeitos surtidos na identidade	<ul style="list-style-type: none"> ● reconstrução dos relacionamentos em novos ambientes; ● aceitação das diferenças.

<p>Contribuição do intercâmbio para a formação das (futuras) professoras de línguas</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● reflexão sobre os diferentes formatos de ensino; ● melhor aprendizado de segunda língua por imersão; ● novas perspectivas profissionais; ● bagagem cultural ampla na docência; ● percepção sobre a necessidade de fomento e divulgação de oportunidades de intercâmbio.
---	---

De acordo com os resultados, considera-se que a experiência de intercâmbio transforma os indivíduos sob a perspectiva identitária, tornando-os cada vez mais plurais. No ponto de vista do docente de línguas, essa pluralidade é essencial para um ensino mais produtivo e flexível. Assim, caminhamos para as reflexões finais deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o estudo buscou compreender a influência do intercâmbio na identidade de estudantes de Letras em formação e entender a importância de oportunidades de intercâmbio nesse processo. As entrevistas e questionários possibilitaram um compilamento de dados abundante sobre a experiência das colaboradoras de pesquisa, o que permitiu uma análise rica em interpretações a favor do incentivo de intercâmbios na área.

Pode-se dizer que o estudo foi satisfatório, à medida que vários pontos mencionados pelas estudantes convergiram, principalmente na troca de experiências ao estudar em uma universidade em um país estrangeiro. Essas trocas permitiram identificar os muitos efeitos identitários experienciados pelas colaboradoras, evidenciados, principalmente, pelas novas formas de relacionamento, pelos diferentes formatos de estudo e pela ampliação de perspectivas profissionais. Desse modo, esses resultados colaboram para que os estudantes de Letras compreendam as diferentes possibilidades de formação, ou seja, propõem um maior encorajamento pela busca de diferentes oportunidades. Isso leva ao intercâmbio como uma alternativa que viabiliza o estudo de uma segunda língua ao mesmo tempo de um aumento da bagagem cultural, que, futuramente, serão aspectos considerados no exercício da profissão docente.

Ademais, há de se considerar a contribuição da pesquisa na valorização de programas de intercâmbios para os cursos de Letras, pois se mostraram escassos, mesmo o estudo tendo como

resultado ganhos significativos na vida pessoal, acadêmica e profissional das participantes. Portanto, especialmente em um mundo globalizado, é necessário intervir cada vez mais na formação intercultural de docentes de línguas, visto que o intercâmbio se mostrou um caminho ideal nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- BARKHUIZEN, Gary (Ed.). **Reflections on language teacher identity research**. Taylor & Francis, 2017.
- BLOCK, David. **Second language identities**. Bloomsbury Publishing, 2009.
- CRUVINEL, Roberta Carvalho et al. Professores de língua inglesa de escolas públicas brasileiras em um programa de formação continuada nos EUA: um estudo de caso. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, 2016.
- GARCIA, Sarah Silva. Autonomia e estratégias de aprendizagem de espanhol: minhas experiências durante o intercâmbio na Colômbia. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise de dados, como redigir o relatório**. São Paulo: Atlas, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tupy Kurumin, 2006.
- HUANG, Jing. **Autonomy, agency and identity in foreign language learning and teaching**. Peter Lang, 2013.
- KRAMSCH, Claire. **The Multilingual Subject-Oxford Applied Linguistics**. Oxford University Press, 2013.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. - 3. ed. - São Paulo: Atlas, 2016.
- NININ, Maria Otilia Guimarães; MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. A linguagem da colaboração crítica no desenvolvimento da agência de professores de ensino médio em serviço. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 61, n. 3, 2017.
- NORTON, Bonny. **Identity and language learning: Extending the conversation**. Multilingual matters, 2013.
- NUNAN, David. **Research methods in language learning**. New York: Cambridge University Press, 1992.

OLIVEIRA, ADRIANA LEÔNIDAS DE; FREITAS, MARIA ESTER DE. Relações interculturais na vida universitária: experiências de mobilidade internacional de docentes e discentes. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 70, p. 774-801, July 2017.

PAVLUSHINA, Natalia. Autonomia na aprendizagem de diferentes idiomas: autobiografia examinada. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Universidade Federal de Lavras, 2019.

ROMERO, Tania Regina de Souza; CASAIS, Alysson Augusto S.. Construção Identitária no Processo de Aprendizagem de Língua e Cultura em Autobiografia de Imigrante. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S.l.], v. 35, n. 4, fev. 2019.

STALLIVIERI, Luciane. **Internacionalização e intercâmbio**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2017.

STORTI, Craig. **The art of crossing cultures**. Hachette UK, 2011.

TENG, (Mark) Feng. **Autonomy, agency, and identity in teaching and learning English as a foreign language**. Springer Singapore, 2019.

ANEXO A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Um estudo identitário de intercambistas sob uma perspectiva educacional-cultural

Pesquisador: AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 15312019.0.0000.5148

Instituição Proponente: Universidade Federal de Lavras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.545.020

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto relevante, que busca identificar questões de identidade relacionadas à realização de intercâmbios internacionais, por meio de entrevistas e questionários com estudantes intercambistas.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo do estudo é de compreender quais são os efeitos identitários de um intercâmbio na formação de estudantes do ensino superior, quanto às diferenças de se estudar em um outro país, à adaptação à cultura, à universidade e às mudanças provenientes da experiência.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram identificados riscos relacionados a prejuízos com atividades de trabalho ou estudo, com mitigação por meio de flexibilização de horários. Também foi identificado risco de desconforto ao responder as perguntas, com mitigação por meio de disponibilização de questionário no lugar de entrevista oral por software de videoconferência.

Foram identificados benefícios para a compreensão de aspectos culturais e identitários decorrentes da realização de intercâmbios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não foram encontrados problemas éticos nas questões indicadas no questionário e no roteiro de

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

Continuação do Parecer: 3.545.020

entrevistas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os termos de apresentação obrigatória.

Recomendações:

-

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram sanadas as pendências éticas levantadas na análise da versão anterior do projeto. Assim, recomenda-se a aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao Final do experimento o pesquisador deverá enviar relatório final, indicando ocorrências e efeitos adversos quando houver.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1354912.pdf	23/07/2019 15:43:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_alterado.pdf	23/07/2019 15:42:05	AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS	Aceito
Outros	Carta_ao_COEP_modificacoes.pdf	23/07/2019 15:40:26	AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP.pdf	23/07/2019 15:39:33	AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPesquisa_atual.doc	24/05/2019 09:59:43	AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinada.pdf	24/05/2019 09:21:25	AMANDA CRISTINA DOS SANTOS REIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



Continuação do Parecer: 3.545.020

LAVRAS, 30 de Agosto de 2019

Assinado por:
RAMON GOMES COSTA
(Coordenador(a))

ANEXO B



Perguntas de Entrevista

Universidade Federal de Lavras – UFLA
Departamento de Educação - DED
Programa de Pós Graduação em Educação – PRPG
Profa. Orientadora Dra. Tania Regina de Souza Romero

*Quais as diferenças de se estudar no país de origem e no país destino? (Relação com os professores; rotinas de aula; atendimento de estudantes; cobrança, provas etc.)

*Como foi a adaptação à universidade?

*Como foi a adaptação à cultura?

*Como foi a adaptação à língua?

*O que foi feito para superar as dificuldades?

*Foi percebido alguma mudança pessoal, resultante dessa experiência internacional? Qual?

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

LEGENDAS		
Categoria	Sinal	Exemplo
Entonação	::	Eu::
Pausa, silêncios	...	Por exemplo ...
Repetições	Própria letra	Eu eueu
Mudança de palavra	/	Conga/ movimento
Sem entender ou inaudível	()	(?)
Falas	“ “	Ele falou: “ eu não”

ENTREVISTA – JULIA

Amanda: Hoje é dia 15 de novembro de 2019 e a entrevista será com a J., que foi intercambista na Universidade de Lheida, Espanha... Ju, como foi a adaptação à universidade? ... quais foram as diferenças de se estudar no país de origem e no país destino? Pode falar em relação os professores, rotinas de aula, atendimento, provas, essas coisas.

Julia: é: então como foram as diferenças né, é:: eu senti que:: ... na faculdade da Espanha e principalmente né, na parte de língua existia uma, uma cobrança muito maior de um nível dos alunos, de:: de já tá falando a língua em sala de aula desde o primeiro período e:: desenvolver mais uma comunicação com essa língua, então isso foi uma coisa que me exigiu muito, apesar

de eu ter um, já ter um nível de inglês né, o nível B2 e a turma já era pra esse nível e eu tive que me esforçar bastante que dedica bastante que era uma coisa que eu não tava acostumada na UFLA, porque o inglês da UFLA era mais ... é:: coisas que eu já tinha aprendido em curso de inglês e tal e não me exige tanto, até pela diferença de nível dos alunos que na Espanha não era assim é:: ... eu tive dificuldades com algumas matérias né, eu peguei uma matéria que eu tinha feito de:: de português né, na na UFLA, eu fui puxar ela em espanhol achando que ia ser mais ou menos a mesma coisa e também era uma matéria que exigia muito e:: pra eles eram mais no final do curso que era a linguística diacrônica e:: e aí também, tipo assim me exigia muito ... é:: porque exige um conhecimento muito profundo da língua em todas as dimensões né, na fonética, morfologia, sintaxe, exigia muito conhecimento e era uma cobrança muito grande porque assim, você tinha que fazer exercício em casa o tempo todo e:: aí depois eles é:: ... aí tinha um dia que era supostamente uma revisão, mas a revisão era como se fosse uma prova e era avaliado, então tinha essa coisa e era bem pesada também e aí eu acabei desistindo dessa matéria né, por também diferenciar muito de como que eu tinha visto na UFLA ... é:: ... no mais, o que diferenciava um pouco também, é que lá tinha as provas é:: as provas eram feitas quase que com a nota toda no final do bimestre é:: no final de semestre né, é:: tinha algumas atividades intermediárias, mas normalmente cinquenta por cento da nota era a prova final, então cê tinha que ir estudando porque caía a matéria toda e isso foi uma coisa meio complicada pra mim, que eu particularmente não gosto muito mais ao mesmo tempo é bom porque você tenta não perder aquilo que você ver viu né, mas foi uma coisa meio difícil pra mim porque eu estou acostumada na UFLA né:: as provas eram normalmente três por semestre ou duas por semestre, então ia por etapas, então eu tive que aprender a estudar é:: pouco a pouco pra uma coisa lá no final pra não deixar acumular, mas foi uma coisa que eu consegui lidar bem, eu fui fazendo resumos, é:: eu aprendi a fazer ... é aqueles mapa mental, acho que é mapa mental mesmo que chama né, é:: enfim que me ajudou muito a trabalhar com essa matéria, então foi uma coisa que eu aprendi nessa matéria que hoje eu até vejo sendo muito usado aqui no Brasil mesmo, mas na época eu não tinha visto na faculdade e isso também foi muito útil pra mim é:: os professores eram muito disponíveis pra atendimento, ele é: ... eles assim, normalmente eu não sei se era só pra gente que era de intercâmbio, mas eles tinham o horário de atendimento deles né, e pra a gente eles estavam sempre é:: recebendo a gente, ajudando a achar algum, algum recurso pra alguma dificuldade que a gente tivesse, problema com data por conta de voltar pro Brasil, então assim eles eram muito disponíveis e eu não tive problema com isso, eu precisei me reunir com professores, precisei reunir pra fazer projeto e:: eu também desenvolvi outras habilidades com

essa questão de trabalhos né, porque eu precisei fazer trabalho de pesquisa com corpus, tudo em espanhol e foi uma coisa que no início eu tive muita resistência, mas a o apoio da professora, a conversa dela comigo, é:: o encontro que eu tive com ela na sala de aula foi assim ... é: fundamental pra eu não desistir de fazer e que pra mim foi muito importante, uma coisa que me acrescentou muito, é:: eu acho que é basicamente isso as diferenças né, e com relação às dificuldades que eu tive é:: na faculdade é:: eu acho que foi essa questão dessa matéria que eu tive que desistir é:: e aí eu fui conversar com a pessoa lá que era responsável, a coordenadora pelos alunos do intercâmbio e ela super me apoiou, ela falou para mim “ *não, você não veio aqui pra* ” eu tava tendo que ir pra biblioteca estudar sozinha, pegar livro de gramática e estudar sozinha e ela falou “ *não você não veio aqui pra isso, deixa essa matéria não tem problema* ” então, essa foi uma das dificuldades que eu tive, mas que eu superei, tudo bem e outra foi um pouco me adaptar com os outros colegas que era início de curso que eles estavam no primeiro período e:: pra fazer trabalho em grupo e às vezes é a questão da língua que acontecia que as vezes a gente tava fazendo um trabalho, daí elas paravam de falar em espanhol, começa a falar em catalão e a gente ficava meio assim, não é uma questão de exclusão, mas você se sente meio fora, mas foi assim tranquilo, eu consegui trabalhar, consegui fazer bem meus trabalhos é:: eu acho que assim dificuldade foi basicamente isso porque eu acho que foi mais fácil do que imaginava, eu aprendi a trabalhar de maneiras diferentes, é outra coisa também né que voltando lá na questão da diferença, eu tinha muito mais hábito de ir na biblioteca lá, a biblioteca abria em feriado, abria em dias de domingo e sempre tava bem cheia de gente, então eu criei muito o hábito de ir pra lá né e e e conseguir fazer isso e eu acho também que era um ambiente um pouco, um pouco diferente é:: .. mas enfim a respeito disso é basicamente isso.

Amanda: Bacana e:: Ju, como foi a adaptação à cultura?

Julia: É só uma coisa que eu esqueci de comentar da outra questão que foi respeito da rotina de aulas que eu também tive que me adaptar por conta dos horários eles têm lá e às vezes eu tinha aula que aqui pra mim no Brasil seria considerado o horário de almoço e pra eles não era, igual assim também os professores marcavam as vezes reunião com a gente quando precisava no horário de almoço, então foi uma coisa também que eu precisei me adaptar... é:: porque eu tive que me adaptar essa questão dos horários, que tudo começava mais tarde é:: então assim a faculdade não tinha aula sete horas da manhã, as aulas começavam no meio da manhã, pegava o horário do almoço e eles almoçavam sei lá, duas, três horas da tarde e era hora que todo mundo

descansava e às vezes tinha aula, tinha pessoas que tinham aula depois, eu tinha aula, tinha dia que até três horas da tarde, só depois disso que eu conseguia ir pra casa pra poder almoçar e tudo, e eu tive que me adaptar a isso porque era cultural, eles têm a tradição da siesta e tudo ... e:: e eles seguem mesmo isso e isso afeta não só a faculdade essa questão dos horários que normalmente é duas, entre duas e três horas que começa e acaba por volta de quatro, cinco horas também, então faz duas horas que tudo fica parado, então se você tem que ser adaptar a tudo, então se você precisa comprar uma coisa, você não pode sair nesse horário e:: e eu me adaptei bem é:: também me adaptei a comer coisas diferentes e e:: pra pra acompanhar essa minha rotina diferente é também pelo clima e tudo mais, e também me adaptar um pouco ao jeito de ser das pessoas, porque os espanhóis não são as pessoas mais simpáticas do mundo ... e é às vezes você acha que eles estão, a pessoa está sendo grossa com você e ela não tá é:: ... então assim, eu tive, por exemplo, teve um dia que eu ... eu tava com sono e eu espreguicei assim na aula e a professora chamou a minha atenção e falou que era como se fosse uma falta de educação ... então assim, é:: parecia que ela estava sendo muito grossa comigo, mas não era bem isso, sabe? E eles falavam assim, às vezes cê tava passando e eles falavam “passa, passa, passa” então, também eu tive que me adaptar a isso, essas pessoas serem muito secas, os colegas serem muito secos e:: entender que isso não era ... um jeito ruim deles que é cultura deles, que eles são pessoas mais sérias e:: o que é:: eu acho que controlava um pouco isso é porque é a Espanha é uma mistura / também tem uma certa mistura de cultura, porque cê via muito muçulmano ... é:: muito chinês, então acabava ainda tendo essas outras pessoas que às vezes também cê ia num lugar pra comprar e não eram das mais agradáveis mas nada que afete muito né, eu tenho amigos espanhóis e eles são um pouco diferente de mim, não são pessoas muito comunicativas e:: é uma coisa que eu tive também que é ... aprender a trabalhar com isso, que eu sou uma pessoa que fala muito, que faz amizade com todo mundo e ela não era assim as pessoas não chegavam e queria fazer amizade com você era muito difícil isso, então tanto pra faculdade quanto fora da faculdade.

Amanda: Sei como é... e em relação à língua, como foi?

Julia: na parte de dificuldade com língua, eu diria que no espanhol eu não tive muito problema é:: eu tive o, eu tive o espanhol da escola mesmo né, nunca tinha feito o curso, eu tenho facilidade pra aprender língua, que é uma coisa que eu percebi muito no intercâmbio ... e:: então assim, com o espanhol eu fui me adaptando, fui aprendendo é:: ... hoje eu vejo que quando eu

voltei meu espanhol não tava muito bom porque hoje ele é bem melhor, mas eu aprendi demais, eu eu voltei uma pessoa conseguindo me comunicar na língua e quando eu cheguei lá eu fiz uma prova de nível e eu acabei não indo fazer o curso porque eu saí, eu saí pra fazer o curso B2 e não deu turma, então eu acho que se talvez eu tivesse o curso eu poderia dizer se eu tive alguma dificuldade ou não, mas eu fui aprendendo tudo na prática e eu acho que assim o que foi mais difícil pra mim de língua foi conviver com tantas línguas ao mesmo tempo, porque é:: eu tava na Catalunha, a Catalunha é convívio espanhol e o catalão ao mesmo tempo, eu fiz o curso aonde Catalão que me ajudou muito nas coisas do dia a dia mesmo, porque você chega num supermercado, numa loja em tudo tá tudo com preço, os nomes em catalão ... às vezes a embalagem tá em espanhol, então você ficava um pouco perdido pra pra entender as coisas lá assim, então eram coisas que a gente precisava saber e que nisso o curso ajudou bastante, eu tinha uma voluntária né, a minha voluntária linguística que supostamente era pra me ajudar com o catalão, mas como eu não fiz nenhuma matéria de catalão eu fiz matéria em espanhol e inglês, então eu acabei não precisando tanto nisso, mas foi uma pessoa que me ajudou no geral a me adaptar no geral lá e:: é:: o o catalão em si, uma das coisas que eu acho que era um pouco complicado era porque eu sabia muito pouco da língua, eu não conseguia me comunicar na língua, eu entendia alguma coisa, eu conseguia ler placa o básico, básico mesmo, então às vezes as pessoas se dirigiam a mim e outros intercambistas em catalão ... e:: a gente tinha que pedir para falar em espanhol, isso era um pouco ruim, eu acho que é umas das questões da dificuldade se você estar num lugar que fala duas línguas e:: e ainda tem essa questão da Catalunha ser independentista e acaba tendo um pouco de preconceito com o espanhol e:: é eu não fiz matéria em catalão, mas era uma reclamação que muitos colegas tinham de:: os professores colocarem as questões todas em catalão e não queria ajudar, não querer falar, então esse é um problema com a língua lá ... é e aí eu convivia com catalão, com espanhol que foi bem tranquilo pra mim, o espanhol e além disso eu fazia uma matéria em inglês que uma não, eu fazia duas matérias em inglês e cada um era 3 horas por semana, as aulas eram cem por cento em inglês, é:: os colegas só falavam, nós, nós todos colegas só conversávamos em inglês na sala e até quando eu ia na sala da professora pra pedir alguma coisa pra ela, pra pedir ajuda, alguma coisa assim, ela só conversava comigo em inglês e ela tinha um sotaque britânico muito forte que embora eu tivesse nível de inglês, eu tive um pouco de dificuldade pra me adaptar, então assim, é:: eu me forcei muito a falar inglês também e eu morava no país que falava espanhol, às vezes me escapa uma palavra em espanhol e além de tudo isso eu convivia com pessoas falando italiano na minha casa, duas pessoas eram duas amigas e elas conversavam o tempo inteiro entre elas e foi aí que

eu percebi também da minha facilidade porque eu comecei a entender, eu vi a diferença de quando eu cheguei que eu sentia agoniada de não entender elas, eu me sentia excluída por não entender elas, porque eu acho que é uma dificuldade muito grande de quem faz intercâmbio e não sabe bem a língua né, não era o meu caso, mas em casa era assim e:: ... e aí enfim, aos poucos eu comecei a entender elas, eu comecei a ver que eu respondia em espanhol, mas eu tava tendo uma compreensão do que elas estavam falando, então assim, eu estava convivendo com essas quatro línguas ao mesmo tempo, era difícil esse trânsito entre elas e tudo, mas foi uma coisa que me acrescentou muito, eu sei que eu evolui em todas elas, além do português que eu usava muito pouco, mas às vezes usava e eu sei assim que eu evolui muito com tudo isso, então eu acho que foi mais benefícios do que dificuldade né e enfim.

Amanda: e: assim, conversando com você, vejo que você teve algumas dificuldades... o que você fez para superá-las?

Julia: é: as minhas dificuldades, assim depende, por exemplo, com a faculdade é: eu procurei conversar com os professores, ter esse contato com os professores, é:: não é pra você deixar claro que eu venho de outro país, eu não tenho mesmo nível dos outros alunos, eu não tenho é ... não dá pra você esperar de mim o mesmo que de outros alunos que é: são de uma cultura diferente, vem de um estudo diferente, então assim era essa conversa com professor era muito importante e pelo menos lá na faculdade existia, pelo menos no departamento de Letras, porque eu acho que não era todos pelo o que eu escutava de outros colegas, mas o departamento de Letras era muito tranquila essa questão, porque os professores com os quais eu convivi ... eram assim muito solidários com a gente, então isso foi muito bom, a conversa, as conversas também tanto com o:: é eu esqueci como que é o que ele era exatamente, vai ser o responsável pelo departamento de relações internacionais é ele também deu um apoio muito grande pra gente, é: essa outra professora que era responsável pelos alunos de intercâmbio também assim eu tive reunião com ela, ela me ajudou muito, ajudou muito as meninas que moravam comigo também e:: então assim se existia uma rede de apoio muito grande pra gente se adaptar ... a faculdade ... e:: ... com relação a adaptação com a língua foi uma questão assim eu acho que foi aquilo que eu falei né, de me adaptar com muitas línguas ao mesmo tempo, eu acho que o mais difícil foi na minha casa, porque eu acho que se eu tivesse morado com alguém que falasse espanhol, meu espanhol teria evoluído mais, eu teria tido menos dificuldade né, porque isso acabou me causando uma frustração e:: mas assim a minha maneira de resolver foi com paciência, com::

sabe, acho que buscando querendo aprender a cultura do outro, a língua do outro e:: essa abertura né, me ajudou muito a:: conseguir me adaptar, a melhorar minha relação com as pessoas que eu morava também que foi uma coisa que eu tive dificuldade, então era a língua, era a cultura com a alimentação delas que era completamente diferente da minha, a gente não comia as mesmas coisas, e aí é:: tinha um certo conflito disso de é:: delas esperam de eu sempre estar ali pra comer junto com elas e pra mim organizar entre faculdade e estudar, eu sou uma pessoa que às vezes me isolo pra estudar e eu sentia que a faculdade exigia isso de mim porque eu queria tirar notas muitos boas e as vezes eu tinha que abrir um pouco mão disso pra melhorar a minha relação com quem eu morava porque eu só tinha elas ali e:: então, acho que assim foi um esforço meu assim, de ter muita paciência, muita empatia, e:: sabe de me colocar no lugar do outro, de tentar entender o outro é:: eu acho que tudo, na faculdade em casa, eu melhorei muito nisso, eu era uma pessoa que tinha muita dificuldade de adaptação com tudo e:: hoje eu sou uma pessoa muito mais é:: eu acho que essa situação toda é::: ... com esse esforço que eu fiz pra resolver, eu melhorei muito em questão de resolução de problemas, mas enfim é eu acho que cada coisa eu fui resolvendo de uma maneira né, e eu tentei que eu acho que assim é:: eu estava em um país que falava outra língua, morava com pessoas que falavam ainda outra língua, então eu tentei estar ali pra é:: ... pra abraçar aquilo que era diferente do que eu conhecia, então eu fui muito resistente a conviver com pessoas que falam português, a conviver com brasileiros e eu não me dava muito bem com os brasileiros na verdade e isso foi um pouco de dificuldade que eu tive, porque todo mundo que faz intercâmbio fica com brasileiro e eu não ficava, então assim, eu usava a minha língua pouquíssimo, foi bom, foi, mas, ao mesmo tempo eu não tinha, quase que eu não tinha ninguém, eu tinha um amigo brasileiro que era o único que eu convivia, fora isso eu tava muito distante de tudo. da minha cultura e a gente sente falta, então foi uma coisa que eu precisei muito me adaptar, hoje eu não tenho problema nenhum, fiz outro intercâmbio e lidei com isso sem problemas, não tinha nenhum brasileiro lá comigo, mas foi um outro problema que eu aprendi a lidar e aprendi a conviver só com pessoas de outro país/ de outros países e aprender com eles, então foi uma outra questão que eu também não fazia aulas com brasileiros, não tinham pessoas fazendo matérias comigo, então no início me dava muito medo, eu me sentindo muito sozinha, mas eu aprendi muito sobre isso de convivência também pra conseguir resolver todos esses problemas.

Amanda: an: pra fechar, foi percebido alguma mudança pessoal, resultante dessa experiência internacional? Qual?

Julia: com certeza sim são inúmeras as mudanças, eu acho que eu nem conseguiria dizer porque depois que você faz um intercâmbio, você nunca mais volta a ser aquela pessoa que você era, triste ilusão de pensar que você vai voltar pro seu país e que, e que as coisas vão ser iguais, porque você volta e você não se encontra e:: é muito difícil lidar com isso né, com essas mudanças que causam na gente, você ... você volta e parece que você adquiriu uma outra nacionalidade, com outra cultura ou outras culturas e você se sente um pouco estrangeiro no seu próprio país porque você adquiriu muitas coisas que não pertencem a esse lugar e aí é difícil você se adaptar querendo incluir isso na sua vida... mas é:: se for uma coisa que:: mudou muito a minha maneira de pensar quando, quando eu voltei para o Brasil, mudou os meus planos e:: eu que inicialmente era uma pessoa que é:: gostava muito de literatura e queria muito trabalhar com literatura, eu não saí disso, mas é:: eu voltei tendo criado o interesse por coisas que eu nunca tive interesse na faculdade... então assim ... é: eu acho que isso foi uma mudança muito grande para mim, porque eu comecei o curso de Letras é português, inglês sem o menor interesse pela língua e pensando “ ah porque que eu não fiz, por que que não tem só português?”... e eu voltei de lá ... e já pensando completamente diferente, eu voltei de lá querendo buscar outras coisas e e isso mudou até ... é:: o meu destino ... acadêmico, vamos dizer assim, que hoje eu estudo mais línguas, hoje eu estudo tradução, então isso foi uma mudança muito grande no meu modo de pensar ... né e e encarar as coisas que eu gostava, eu continuo gostando de literatura, mas é:: de uma maneira um pouco diferente ... e eu não me fecho mais nisso e eu acho que também ... me tornei uma pessoa muito mais crítica, porque eu acho que depois que você conhece tanta coisa é muita informação quando você tá fora, porque não é só aquilo que tá ali é todo mundo conviveu com você, você convive com gente de muitos lugares diferentes, então você, além da:: como eu diria assim, essa adaptação que a gente é obrigada a sofrer né, a gente precisa se moldar pra se encaixar naquele lugar, então você faz tudo isso e você volta dessa maneira e volta dessa maneira com tudo o que você adquiriu e tudo isso são coisas que vão influir na sua maneira de pensar, então você se tornou uma pessoa muito mais crítica, porque se torna uma pessoa com muito mais conhecimento e conhecimentos de outras realidades, é:: quando eu fui pra pra Espanha, você chega lá e é um país com uma infraestrutura incrível né, claro que é um país que tem seus problemas né, é um país com muita infraestrutura, mas é um país também que eu vi de perto a situação de refugiados né, de dede gente pedinte na rua por causa desses problemas, então são coisas que eu nunca tinha visualizado ... e:: que também me trouxeram uma criticidade pra

problemas né, que existem no mundo e que a gente não, que a gente fica muito fechado no próprio mundo e e o intercâmbio me fez abrir a minha mente pra enxergar todas as outras coisas que existem e e ter uma, como que eu diria isso? É:: ... tá aberta a tudo que vier, sabe a todas as opções e e e querer conhecer mais, então hoje eu sou uma pessoa que não consegue parar dizer “ *ah não, agora pronto, vou me acomodar*” não, eu me tornei uma pessoa completamente diferente porque eu era muito acomodada, eu era uma pessoa que nunca pensava em sair de onde eu tava e o o intercâmbio foi uma coisa muito impulsiva minha, vou fazer e eu nem pensei e deu certo, eu consegui passar e fui ...quando eu voltei, eu já era exatamente ao contrário eu sou uma pessoa que não quer ficar, não quer ficar porque pra mim é muito difícil ... é interromper essa coisa de querer conhecer, não dá, eu preciso mais, vem essa necessidade de conhecer mais e eu acho que isso é muito maravilhoso na vida da gente muito maravilhoso mesmo e eu acho que a gente se torna muito tolerante com tudo é mexer com as pessoas, com aceitar as pessoas diferentes e ter mais paciência é: eu acho que eu nunca fui tão paciente na minha vida é:: como agora, logo depois que eu voltei do meu intercâmbio eu mudei muito com isso, porque foi uma coisa que me exigiu muito principalmente pelas pessoas com quem eu morava que eu demorei, sei lá, uns dois meses pra me adaptar e eu tive que fazer um esforço enorme... pra aceitar a cultura delas, então hoje eu já não tenho mais essa resistência em aceitar o outro, que nem é uma questão de preconceito, mas é uma dificuldade de entender o outro né, então é essa a questão da empatia, eu me sinto hoje uma pessoa muito mais empática, uma pessoa que se preocupa mais com os outros, que aceita melhor os outros é::, mas enfim é ... são milhões de coisas e eu poderia ficar falando muito aqui, mas é:: que eu conseguiria dizer mais claramente é:: isso.

ENTREVISTA – LORENA

Amanda: hoje é 8 de outubro de 2019, entrevista com L., intercambista na Colômbia pelo programa BRACOL, é:: L. primeira coisa que gostaria de saber é:: quais foram as diferenças de se estudar é:: no país de origem né, que é o Brasil e no país de destino que é a Colômbia, em relação aos professores, as rotinas de aula, ao atendimento de estudantes, cobranças, provas e:: por aí vai

Lorena: [então, é:: quando eu fui, foi dois mil e quinze, eu fiz o processo seletivo do BRACOL ... né, que era uma parceria entre Colômbia e Brasil e aí eu ... e aí eu fui pra Colômbia e eu achava que eu já sabia falar espanhol porque eu gostava muito de ouvir músicas e tudo mais, eu já gostava e:: na verdade o intuito de ir pro intercâmbio foi por motivação, porque eu tava no período do curso de Letras e aí eu não tava me sentindo assim muito feliz com o curso e:: não me achando muito capacitada e tal e eu já estava no ... quinto quinto período eu acho, e:: eu falei “vou tentar” eu sempre tive vontade de ir pra fora fazer intercâmbio e ainda juntou com a língua né, porque eu sempre gostei de espanhol ... e aí eu falei “vou tentar ...pra ver se eu consigo ou não” e eu sei / se eu conseguir eu vou me sentir capacitada pra continuar e tal era uma motivação, no final das contas eu consegui, foi uma loucura, foi uma alegria, mas ao mesmo tempo assim, ah dinheiro, muito complexo e aí minha família no final das contas acabou me apoiando ... e eu fui com a cara e coragem, sem falar espanhol, nunca tinha morado fora, eu moro numa cidade pequena e:: fui morar na capital de um país, porque eu fui morar em Bogotá ... e aí foi a experiência foi muito enriquecedora, foi muito interessante né, pra mim gerou meus estudos depois ... e há muitas diferenças né, vamos começar assim, por exemplo, professor né, a relação, a primeira barreira claro é a língua ... né, a questão da língua, eu lembro que a, eu cheguei na minha universidade, na Colômbia não existe universidades é:: federais esse tipo de coisa são universidades particulares ... mas, são muito boas e, ah um detalhe eu fui também sem ter moradia foi uma coisa assim ... foi bem complexa pra mim e aí eu lembro que eu cheguei na universidade e:: eu não fui muito bem recebida ... pelos diretores do programa ... né, eles foram um pouco ásperos e eu lembro que eu fui eu tinha que escolher as disciplinas ... e:: chegando lá, eles me deram opção também, eles falaram “olha” que eu podia mudar as disciplinas e é isso que eu fiz, eu fui e mudei, eu fiz isso ... e:: só que aí depois, é muito interessante porque ...aí eu comecei a procurar/ eu conheci quando eu cheguei na universidade, eu conheci alguns outros intercambistas de outros países e eles já estavam lá, tipo, um inglês, uma francesa e uma americana e eles já estavam lá, já sabiam falar espanhol super bem e eu né, naquele portunhol

né, é:: por que? porque eu achava que eu sabia falar espanhol, eu gostava muito, só que quando eu cheguei lá meu primeiro contato eu falei “ meu Deus eu não sei nada em espanhol” porque eles falam muito rápido e era uma loucura e eu lembro que eu fiquei na primeira semana em um hotel e tal, aí eu consegui arrumar uma casa é:: não, aí eu entrei em contato com esses meninos, com o pessoal do intercâmbio lá pra:: tentar arrumar uma casa e aí foi muito legal porque eu lembro que eu tive, a gente teve na universidade teve recepção de calouros

Amanda:[então você não teve apoio do programa pra encontrar uma moradia?

Lorena:[não, eu não tive... é interessante porque ... eu an:: eu fiz parte do primeiro/ da primeira turma do BRACOL na UFLA né, e foram seis estudantes e cada um foi pra uma cidade e eu fui pra capital e a minha universidade era a única na verdade que eles não deram a assistência já direta assim “ *ah gente tem um lugar pra você ficar*” é ... parece que a universidade não era preparada pra receber estrangeiros, mas sempre recebendo, mas não era preparada nesse sentido, mas aí lá eu recebi uma bolsa pra alimentação e pra: pra moradia, mas aí eu cheguei eu tive que se virar meio que assim se virar, eu fiquei num hotel e tal e aí eles tiveram lá na universidade teve recepção de calouros ... e:: é muito interessante aí eles apresenta/ me apresentou eu era a única eu acho que no dia lá e eu fiquei com muita vergonha porque todo mundo olha pra gente né, e no final da conta a gente acabava virando o centro da atenção da universidade ... e foi muito interessante porque uma professora, eu lembro que ela me mandou/ jogou um bilhetinho assim e :: perguntando se eu já tinha aonde morar ... e aquilo foi assim muito a calhar porque eu tava foi foi naquela recepção eu tava um pouco triste por causa da conversa que eu tive com a diretoria, ela foi muito seca, muito fria e aí essa professora, muito legal, ela é do curso de, ela era do curso de Letras de lá que não chama Letras, chama Idiomas y humanidad e aí é:: eu acho que ela dava aula em outras disciplinas também e ela simplesmente saiu comigo um dia e foi procurar casa comigo, foi muito simpática até que a universidade ...acho que né, acordou assim e falou que ia colocar uma professora pra me ajudar a procurar uma moradia e aí eu lembro que essa professora entrou em contato comigo é:: pelo Skype e eu no hotel ainda, sem falar espanhol direito, a gente marcou de encontrar

Amanda:[eles colocaram um professor pra te ajudar e não uma equipe ?

Lorena:[não um professor, exato, assim eu achava, eu achei que eles não iam fazer nada, aí eles foram simplesmente, eu não sei se chegou alguma notícia “ *ah tem aluno que*” né porque essa outra professora já tinha me oferecido ajuda ... mas assim foi foi incrível e eu acabei ficando na casa de uma família que recebe estudantes que era onde esse inglês morava e tinha passado o meu contato, mas ela foi comigo a ... a professora, me ajudou falar, falava tranquila/calma/devagar eu entendia e tal ... e aí os professores foi assim uma experiência maravilhosa ... porque os professores são muitos incríveis eu não sei se é porque é América Latina já tem aquela coisa, aquela compatibilidade, esse calor humano assim que a gente tem, o carinho, então eles eram muito assim e eles entendiam a minha situação né, que eu não sabia a língua que estava lá e ia aprender a língua e no final das contas, eu escolhi cinco disciplinas e eu acho que parece que eu escolhi até além assim, porque na verdade os nativos eu acho que no máximo é diferente do Brasil, no máximo eles escolhem de cinco, acho que o máximo é cinco disciplinas por semestre e o curso de Letras lá eu acho que é ... cinco anos alguma coisa assim e a língua que eles aprendem lá é o inglês e o francês né, adicionais, línguas adicionais e:: eu como intercambistas tava fazendo cinco disciplinas, então foi assim, além né, do ... do que era esperado ... e os professores são/foram muito amáveis assim

Amanda:[foram amáveis na sua recepção, mas também durante as disciplinas?

Lorena:[nas disciplinas, exatamente, eles entendiam e foi assim foi um período muito desafiador porque:: e eu acho que é isso que é a diferença né, de estudar fora do país né, vamos falar agora no aspecto da língua né, que foi o que aconteceu é:: eu nunca estudei ... é idiomas aqui no Brasil porque eu moro numa cidade muito pequena, agora que tá tendo cursos de idiomas lá ... e:: ...mas eu sei que é diferente porque a gente ouvi falar e vê né, assim como que e:: ah também eu estudava inglês aqui na UFLA né, verdade, na fazia inglês aqui na UFLA e é incrível porque eu acabei me formando e falo que assim que eu não falo inglês, não falo mesmo, mas seis meses que eu passei na Espanha/ na na Colômbia eu consigo falar espanhol, me comunicar com as pessoas ... eu acho que é isso uma das grandes diferenças de estudar fora, porque, a diferença/ eu acho que é estar imerso, então você vai estar ouvindo todo mundo falando aquela língua de alguma forma você tem que se infiltrar naquilo ali ... e você vai aprendendo e como eu já gostava de aprender línguas, assim eu sempre tive interesse, nunca fiz curso, mas eu sempre buscava alguma coisa, escutava música, fazia algum/já tentei aprender o italiano na internet essas coisas ... então já havia uma motivação ... em mim de aprender e me esforçar pra aprender

o espanhol ali ... então tudo isso gerou é essa, essa aprendizagem, claro que a gente não aprende cem por cento né... a gente não sabe nem falar português, assim nós somos por completo assim mais imagina o que dirá outra língua

Amanda:[você foi sempre uma pessoa motivada né, a aprender uma nova língua?

Lorena:[sim, sempre desde pequena na verdade, eu tinha uma, a minha madrinha ela, ela ... sempre me incentivou e:: é uma das diferença também, eu acho que ... de aprender uma língua fora ... é exatamente isso né, a questão de estar imerso, de você estar ... ali predisposto né também naquele contexto ? tem a questão também porque a gente vê aqui

Amanda:[como foi a sua adaptação pra língua?

Lorena:[tá, por exemplo, no Brasil é:: a gente foca muito em aprender gramática né, no intercâmbio a gente vê que não existe isso, por mais, eu fiz cinco disciplinas e tinham duas disciplinas que era castelhano uno e dois, ainda assim, era era uma voltada pra fonética e a outra voltada pra questão da gramática, mais eu falo que eu não aprendi o espanhol nessas aulas, eu aprendi no convívio com o outro e:: então eu morava numa casa que tinha muitos estudantes e eu também tava no numa universidade, então eu sempre tava ali tentando falar e é muito interessante porque eu sempre observava o meu processo de ... como que tava sendo a minha aprendizagem e eu lembro que no início eu ia, eu falava devagar tentando falar aquilo que sabia, pouco, eu lembro que as minhas colegas sempre me corrigiam e eu gostava muito de ser corrigida porque eu aprendia, então tava sempre assim “ não é assim que fala, não é dessa forma” e:: ... também na ... e aí que eu ia falar ... perdi completamente

Amanda:[não tem problema e aproveitando que você falou que morava com outros estudantes né, é como é que foi a adaptação à cultura? Você morava com estudantes colombianos ou com estudantes de outros países?

Lorena:[tá é:: eu queria continuar falando o que eu tava falando

Amanda:[perdeu

Lorena:[eu perdi o fio da meada, eu tava falando, peraí, eu tava falando que elas me ajudavam né?

Amanda:[sim

Lorena:[ah outra coisa eu... eu sempre usava o meio de repetição

Amanda:[ah sim

Lorena:[e também tem a questão da leitura que:: outra coisa se eu usar por ser uma pessoa tímida eu tive que sair da minha zona de conforto, então eu precisava enfrentar os meus medos, então mesmo eu não sabendo falar eu tentava e é isso que me ajudou muito na formação, todo mundo sabia que eu era estrangeira, então eu dava um jeito de perguntar e eu ia aprendendo e:: .. eu tipo, igual, ´por exemplo, o r no espanhol rrrr ... é treinamento né, a gente vai treinando e tudo mais e era muito legal, então as minhas amigas, elas além disso, todo mundo que tava sempre ao meu redor me ajudavam né, tipo “ fala assim, é dessa forma” a questão da leitura que nas disciplinas eles davam muitos textos e era tudo tudo em espanhol lógico, então tinha que ler, isso foi me ajudando muito e uma das coisas que eu fazia era eu lia em voz alta também porque eu escutava como que eu estava falando, então isso foi me ajudando também no processo é escrita né, eu consigo escrever bem espanhol também porque eu tinha que fazer prova e tudo mais, mas foi isso assim sem medo de errar, eu acho que é isso que gera esse aprendizado assim real e essa... e eu acho que isso é uma das grandes diferenças, você tá ali conversando com nativos é é diferente é outra coisa sabe? aonde você vai você tem que língua e você tem que se colocar naquele lugar ali e eu acho que é isso que vai ajudando a gente a aprender, sobre as rotinas de aula é diferente lá, lá eu falo que é como se fosse um mestrado agora, as aulas não duram uma hora, aqui dura quanto tempo? Uma hora e cinquenta? Lá durava três horas, quatro horas de aula, uma aula de graduação, então era normal, então fazia um intervalo pequeno e voltava pra aula, aí tinha muitos seminários, tinha muita discussão né, textos que a gente tinha que ler em casa pra discutir e isso é assim bem parecido né, e outra coisa, não sei se é porque era faculdade particular as aulas eram menos alunos né, assim, não generalizando tinha uma disciplina lá que eu fazia mais ou menos com uns vinte e poucos alunos, mas tinha uma outra que era sete pessoas no máximo ... sabe era bem, era bem assim dividido e:: o atendimento né

igual assim eu fui bolsista eu tinha uma bolsa e:: na verdade era essa assistência que eles me davam é a bolsa

Amanda:[só o dinheiro?

Lorena:[o dinheiro

Amanda:[não davam nenhum apoio é de orientação?

Lorena:[não, na verdade eu tive o apoio dos professores né que foram igual eu falei muito amáveis, eu lembro que uma professora me levou na embaixada pra arrumar o visto

Amanda:[esse apoio dos professores não era obrigação deles?

Lorena:[não era obrigação deles

Amanda:[eles ajudavam?

Lorena:[exatamente isso que era muito legal, eu não foi algo que foi pedido a eles até a professora que foi que me pediram pra me ajudar, que pediram ela pra me ajudar até depois a gente se tornou amiga e aí ela me ajudou, me deu coberta, me levou pra almoçar e aí virou um convívio sabe, e os outros professores também é muito legal sabe, eles gostavam muito, parece que eles gostam de receber estrangeiros e eles gostam muito de brasileiros, eu percebi isso também, é:: provas a:: os processos eram diferentes né, tipo eu lembro que eu tinha uma professora que mandava uma prova, era um papel e você tinha que responder uma questão e ela valia num sei quantos tipo, ah as notas na Colômbia era de zero a dez, não era como aqui, aqui é cem né? Então lá é de zero a dez, então três pra cima acho que era bom, consegui em todas as disciplinas, foram notas muitas boas graças a Deus, mas era isso tipo ela dava um papelzinho e respondia uma questão aí depois tinha um outra prova que era maior, era variado o processo de avaliação de atividades sabe, mas sempre entende que a gente tava num processo de aprender a língua, então ... isso era tranquilo, tipo não tinha aquela cobrança, bom a adaptação a universidade acho que foi ... foi tranquilo é:: assim né a gente ... no início a gente fica meio perdido né, mas até você a se acostumar a aula era muito longa ... mas os professores são

excelentes Amanda, excelentes eu ficava assim impressionada sabe eram muito bons e a aula sempre dinâmica também né quatro horas, senão ninguém dá conta e os colegas foram super era muito legal assim, igual eu te falei tinha uma outra colega minha comigo do Brasil só que ela é a Bahia eu conheci ela tipo na mesma casa, então assim a gente acaba tipo assim ah brasileiras, o centro das atenções, assim aí queriam aprender português ...passava assim aí queria falar com a gente, acho que era só comigo eram com todos os outros estrangeiros que estavam lá, eles recebiam muito bem eu acho que isso acontece aqui também no Brasil, a gente sempre abraça muito né, mas a adaptação foi tranquila eu acho que principalmente por causa da ajuda dos professores

Amanda:[e você você teve alguma dificuldade, por exemplo, pra ir na biblioteca pra pegar um livro emprestado, essas coisas assim mais burocráticas, acesso a estrutura da universidade?

Lorena:[aí eu lembro que, ah uma das coisas que era complicada né ... questão eu fui fazer carteirinha eu tive que fazer o meu porque na universidade é a universidade da libery e ela tinha vários campos e eu estudava num campus que era perto da minha casa onde eu ficava e aí eu tinha que me mover lá pro centro pra fazer eu fiz a carteirinha então com essa carteirinha eu tinha acesso a tudo, aí eu lembro e:: eu tinha acesso a médico também e eu lembro que eu tinha acesso biblioteca essas coisas e tal, e:: sim quando eu fui na biblioteca, como eu era muito tímida eu tentava evitar esses confrontos assim, tipo a que eu vou fazer na hora que eu chegar lá e tal, mas eu acabei indo e foi legal só que a gente fala eu naquele meu portunhol ainda no início a gente enfrenta, mas deu tudo certo foi tranquilo depois eu aprende, a gente aprende e depois tranquilo ... mas foi isso a adaptação à universidade ...os professores foram ajudaram muito nisso também, os colegas sabe, então não sabia perguntava a um colega e era muito interessante porque eu não lembro, eu dei aula um dia, dei uma aula de samba ... é, então tipo assim eu não lembro como que isso chegou ao pessoal da educação física, só sei que, ah não sei sim, eu fui fazer umas aulas de dança...sobre danças da Colômbia, aí o professor me colocou pra dar aula de samba lá e::: aí a gente eu ia achando umas coisas na universidade entendeu, eu tentei procurar, buscar saber o que que tinha, eu queria fazer parte de tudo aquilo daquele meio ali, mas foi isso foi super legal, acho que me adaptei bem, né foi tranquilo no final ... as provas, a forma de ser e tal, eu lembro que apresentar seminário com aquele espanhol lá, mas deu tudo certo

Amanda:[sim é:: e como foi a adaptação à cultura?

Lorena:[então a adaptação à cultura ... é:: ... então ... bom sobre a cultura eu achei a cultura ...eu achei parecida ... é difícil falar de cultura porque é um termo tão generalizado né, mas é:: essa questão tipo calouro, essa eu acho que a gente tem isso, nós brasileiros né, nós queremos, a gente é muito receptivo com estrangeiros, eles eram também é:: eles eram muito amáveis, eles tinham interesse em saber sobre a minha vida, sobre como era o país, eles tinham interesse em saber como ... eles tinham interesse em aprender português tinha todas essas coisas e é interessante porque, por exemplo, eu lembro que os meninos da minha casa ... que a gente perguntava assim “ Brasil, o quê que eles falam de Brasil?” aí era eu né percebi que de fato era aquilo que eu escutava aqui no Brasil né é que lá fora eles tem um olhar muito pejorativo pro nosso país e é de fato eles pensam que Brasil é futebol, sim comprovadíssimo isso, que brasil é só mulheres do carnaval é carnaval, mulheres do carnaval, eles parece assim que eles pensam que as mulheres todas as mulheres são aquilo lá que a gente vê no carnaval ...peladas, bronzeada coisa assim e::também é::: eles falavam sobre é futebol ... carnaval é que mais? É Rio de Janeiro parece que eles acham que Brasil é só Rio de Janeiro, vocês estão perdendo vocês não estão entendendo que é Minas Gerais, eles pensavam que era tudo isso sabe, e ... é muito interessante porque eu lembro que:: eu tava indo pra universidade e tava vindo um cadeirante e eu tava conversando com a minha amiga e ele ouviu a gente falando né, aí ele virou e falou assim “ garotas, garotas” ah na verdade a gente foi ajudar ele primeiro aí a gente perguntou naquele port/ naquele espanhol se a gente podia ajudar ele e tal aí ele “ garotas de Brasil” aí eu falei “ garotas” aí ele “ carnaval” aí eu falei assim “ tá” aí depois eu fui descobrir o quê que era garotas na Colômbia né garotas, os meus amigos estavam explicando que garotas é as mulheres do carnaval pra eles e eu olhei para os meus amigos e “ olha eu não sou garota, né não sou garota, mas eu ou garota no português” aí eu fui explicar o que que é garota no português né que é igual menina, igual tchica , nina, mas não nesse sentido, aí eles tem esse olhar sabe tipo que Brasil é isso era muito engraçado que eu tinha um amigo que ele falava assim “L. Silva” todos os jogadores tem Silva no nome, então eles achavam que brincava comigo, então eles achavam assim todo mundo mundo no Brasil têm Silva, entendeu era bem engraçado, questão da comida era algo que me chamava muito atenção eu lembro que quando eu cheguei na casa da minha mãe colombiana porque virou uma família pra mim eu me apeguei muito a eles e:: foi muito legal sabe eu tinha como pai e mãe mesmo e:: eu lembro que o primeiro café da manhã que eu tomei quando eu cheguei assim e olhei pro prato tinha o fígado na hora do café da manhã, o fígado com um pão,

pão doce e toddy com leite ... e eu fiquei assim ... como assim eu vou comer isso? Né tipo, eu já não gosto de fígado e lá no Brasil a gente come fígado no almoço, mas eles tem uma fala que é assim que os colombianos têm um almoço/ um café da manhã ... de ... de rei, um café é:: o almoço de príncipe e uma janta de ... não é plebeu, de pobre tipo assim, porque é tipo um ditado, eu não lembro muito não, mas é porque a refeição principal deles a mais importante é o café da manhã... era muito engraçado porque, aí o almoço, por exemplo, uma das coisas comida agridoce, era tinha muito e eu nunca gostei, não como um abacaxi com arroz que a gente faz aqui no Brasil, mas pensa eles colocavam lá uma comida, o feijão deles era raro comer feijão mais sempre tinha arroz, tinha nisso eu não senti falta não porque era muito parecido, arroz, macarrão, frango, eles comiam muito plátano que que é plátano é banana, eles comiam muito banana frita no almoço e é:: uma das coisas era salada tipo com um creme tipo um creme de leite, ai eles colocavam tipo manda com repolho e eu ficava assim “ como assim” sabe... e creme de leite tipo uma coisa assim ... e era muito estranho e chegava na hora na na janta cerna né, que eles chamam é:: cê falava assim “ meu Deus que comida é essa?” era quase nada parecia que era o resto do almoço por isso que tem esse ditado... era bem tradicional colombiana, tinha um suco de lulu lá por exemplo, que não é uma fruta que tem aqui que eu só fui acostumar no final e um outro suco muito interessante é de rapi/ é de água de panela, que que é isso? rapadura, eles fazem suco de rapadura, então assim eu falei “ meu Deus” foi difícil tomar isso, mas eu só fui acostumar quando eu tava vindo embora, ai eu e hoje eu tenho vontade de voltar e tomar é muito engraçado, mas:: isso era uma das coisas que dava um pouco de choque assim, a comida, ao mesmo tempo que era muito parecida ao mesmo tempo era muito diferente, tipo arepa é muito típico deles e é uma delícia só que não é tipo todo mundo que sabe fazer não, tinha um cara que eu comia lá na universidade era muito gordurosa era horrível, já a da minha da ma/ da moça da dona da minha casa lá ... mãe colombiana vou falar assim porque é como eu falo ... já era muito seca, então assim é complicado né comer uma arepa é uma das coisas que era muito interessante foi quando eu comi um prato típico chama arriaco que:: quando eu olhei assim eu falei “ que é isso?” era uma sopa de milho e tinha um milho dentro e os complementos eram um arroz e um abacate aberto na metade assim e:: eu ficava assim “ como que eu vou comer um abacate com sopa” ? a detalhe tinha o sal também ... eu falava “ gente não tem lógica” então eles, uma coisa... você pegava um pouco de sopa, um pouco de arroz e um pouquinho de abacate, é um complemento e é muito interessante porque abacate pra gente é fruta, mas pra eles é legume né, vegetal e era muito interessante porque eu tentei fazer eles provarem vitamina de abacate e eu lembro que um amigo saiu andando e falou “ não vou tomar isso porque isso vai me dar

indigestão e eu logo vou dormir” então eles achavam assim que eles achavam assim uma coisa de louco a gente fazer o abacate como fruta, tipo eu como abacate com açúcar , tomo vitamina de abacate é maravilhoso, eles falavam assim “ não” , tipo isso não era concebido assim, tipo não faz lógica,não tem lógica isso ... tinha guacamole que eles comiam também só que mais mexicano então a comida foi muito interessante sim nessa parte é:: uma outra coisa a cidade em si, eu morei na capital né, então o transporte eu não sei se já viram , não sei se você já viu novelas mexicanas, eu também nunca vi muito não mais é o trânsito é uma loucura ... é caótico sabe tipo assim sabe eu falo “o quê que é isso?” a gente mora em cidades mais tranquilas mas eu sempre vou em Belo Horizonte que é a capital ... é mais intenso é muito mais eu nunca fui em São Paulo, então eu não sei, mas me surpreendeu muito o trânsito, mas assim eu lembro que:: tá o trânsito movimentado aí abriu uma brecha no trânsito o cara de traz enfiava ele virava literalmente ele ficava virado assim , então assim toda brecha eles viravam , tipo sabe como? Ele sempre se encaixava em algum lugar pra continuar ... o fluxo, então... e outra coisa, buzina, nossa gente eles buzina demais é algo assim, não é normal sabe, então eles são meios intensos no trânsito sabe, era uma coisa que eu observei, outra coisa é:: Bogotá é desenvolvido né, capital e tudo mais então tem de tudo isso é muito legal, os ônibus, os ônibus, tem o metrô mais temos ônibus e é muito legal e é muito interessante porque no Brasil/lá eu sou um avatar porque eu sou muito alta tenho 1,70 aqui eu sou uma altura média lá eu sou um avatar, então eu entrava no ônibus, chamava esses ônibus específicos chamam buseta ... pra gente é muito engraçado né bus mais todo mundo fala bus eu lembro que a primeira vez que eu entrei num ônibus e eu tava lá com a minha professora essa que me ajudou e tava a mulher do meu lado “ estoyllegandoestoylabuseta” e eu olhei assim, como e foi muito engraçado, aí no meu portunhol eu falei assim “ professora você sabe o que que é isso no meu país?” e foi muito engraçado foi muito assim, mas eu lembro que eu entrei uma vez num ônibus, esses ônibus são menores ... não tem uns maiores também mais tem uns específicos da Colômbia que são muito pequenos e como eu era muito grande tive que ir ao centro virada, não cabia no banco porque eu era muito alta e eles são pequenos entendeu, então meio que proporcional eles... e:: ah e outra coisa que é muito importante, eu lembro que aonde eu fui, eu fui a vários lugares lá eu andei, eu viajei e tipo eu sempre falava “ agora eu vou chegar aqui e eu sei que vai ter uma praça que chama Simon Boliva” era as praças sempre central, então praticamente aonde eu ia tinha uma cida/ uma praça chamada Simon Boliva, porque foi o rei deles o herói deles é que foi que fez a separação lá de acho que equador , Colômbia, n não sei de foi Equador, Venezuela ah eu não sei esqueci ... então era bem bem interessante, uma coisa que é muito importante falar Amanda é que eu não via

an:: eu não to falando que não tem mas me chamou muito que eu não via muitos negros... em Bogotá ... é:: então ... eu fiquei assim porque né, quando eu via eu ficava assim nossa tem, aí eu lembro que quando eu fui em Cartagena, Cartagena é como se fosse a Bahia do nosso país é a costa eu lembro que eu falei “ nossa ... tipo, agora sim” porque lá é o porto né, foi onde chegou os escravos, então a população de Cartagena, mais da costa são tem muitos negros é muito legal isso

Amanda:[tem uma relação muito parecida com o nosso país?

Lorena:[tem sim, exato tem, exatamente e:: isso me chamou muito atenção também, uma outra coisa eu fui com um estereótipo que eu achava que todo colombiano parecia , confesso que achava que todos pareciam índio sabe, é assim a gente tem uma visão meio que tipo a Venezuela, a num sei, o olho puxadinho, a cor da pele e tal e eu lembro que eu fui comentar isso com um amigo e ele ficou muito brava comigo e aí eu falei eu pude conhecer tantas pessoas e que aí eu falei “ é não é assim” né então isso também quebrou um pouco, mas enfim a a foi muito importante pra mim estar imersa na cultura e aprender isso me ajudou também me ajudou no processo de aprender a língua entendeu, eu lembro que tinha uma palavra que é muito cultural deles é como se fosse um é num é gíria, mais é uma palavra que chama tchebere e eu lembro que todos da universidade, todos da minha idade falavam tchebere e eu ficava assim o quê que é tchebere até que um dia eu fui entender que tchebere era legal, então a comida está tchebere, então a comida tá legal, a pessoa é tchebere, então a pessoa é legal, só que pra mim era muito difícil falar essa palavra eu não sabia se era com b se era com v parecia que eu ouvia cada um falando de um jeito, aí foi o processo de repetição até eu conseguir eu lembro que eu escrevia, cada um escrevia de uma forma, até que eu descobri a forma certa ... então aí querendo ou não isso é cultural também que é uma palavra que tá no linguajar dos jovens, tá ali naquele meio assim, e aí agora depois que eu aprendi então tudo pra mim era thcebeere e é muito interessante da língua porque eu lembro que eu observava muito meu processo e eu lembro que no começo, eu pensava em português pra tentar falar alguma coisa em espanhol e eu lembro que quando chegou no final, lembrando que eu fiquei seis meses é eu lembro que chegou num tempo que eu já não pensava mais em português simplesmente eu comecei a internalizar aquilo ali eu já falava diretamente só falava e eu eu acho que é processos de você se tranquilizar, de você se adaptar a aquilo ali sabe, e::: mais foi isso, uma outra coisa da comida, a comida me chamou muito atenção, eles quase não comiam doce ... é e:: era complicado, então tipo depois do almoço não

tinha um doce né, aí eu saía pra comprar alguma coisa e tal, mas mais é incrível é uma cultura rica, eles assim é essa coisa meio latina assim, colorida, um povo muito alegre, tem as suas dificuldades né, a gente em Cartagena, por exemplo, todo mundo almeja muito Cartagena, só que todo mundo mostra muito a parte bonita, eu lembro que eu fui pegar um ônibus pra ir pra outra cidade e eu vi uma parte feia de Cartagena de fato, mas é aquilo né como é:: o Brasil existe o lado nem tem a pobreza sim, a Colômbia é assim é um país emergente como o nosso, a escola, a educação é precária, é a saúde é precária e isso eu ouvi de colombianos entendeu, eu lembro que eu fui, eu passei mal e ... nossa eu tentei ao máximo de não ir ao médico, quando eu fui eu foi bem complicado também, porque eu nem cheguei a ser atendida, tive que se vira e:: mais é sim é um pouco complicado essas questões é um país muito parecido com o nosso, eu acho que é por isso que a gente se identifica tanto lá, sabe e:: eu ia falar outra coisa muito importante ... que eu esqueci, muito importante da cultura ... outra coisa é sobre porque eu lembro que ... lá em casa a minha família ficou toda empolgada tipo muito feliz com com o que com a o fato de eu conseguir o intercâmbio e tal e lembro que a minha mãe comentava assim “ah mais não tem outro país não?, Colômbia, droga, perigo é:: FARC, sabe num tem outro lugar não? É um país muito ruim e tal” eu lembro que eu falava assim “ *não eu vou, eu sei que vou ver outra coisa do que a mídia mostra*”... eu lembro que essa questão das drogas, por exemplo, da FARC ... eu quase não assistia televisão, mais:: pelo que eu perguntava assim, eles não falavam muito, parecia que eles não gostavam muito de falar, na verdade um passado meio machucado né, assim deles, mas:: eles tava, parece que tava tudo muito bem monitorado, eu acredito que agora ainda mais, mas também já se foram quatro anos, então a FARC eles ficavam mais assim em povoados, então eram em cidades muitos distantes, pequenas e eles atacavam mais esse tipos de cidades, muito pequenas, mas eu não lembro se ainda é ataques frequentes sabe, e:: isso me chamava muito atenção sabe, nesse sentido e eu lembro que um cara falou assim “ mais Bogotá é tranquilo, porque Bogotá agora tem câmera pra tudo quanto é lado... pra monitorar todas as coisas” e:: eu lembro que o presidente era o Santos né ... só que eu acho que eu vi ele uma vez na televisão quando aconteceu um problema lá em como que chama naquela cidade ... na que aconteceu o acidente de avião aqui do Brasil ... cê lembra?

Amanda:[ai ... não lembro

Lorena:[ai do Botero, Botero é um artista que faz pinturas de gordinhos ... foi a vez, mas eu nunca vi ele falando sobre, o presidente nem nada assim sabe apesar também que eu não tinha

muito tempo não, mas a questão da droga ela é interessante é real porque é assim é o seguinte na Colômbia eles fazem tudo um com a maconha certo, então eles fazem tudo medicinal, porque ela é um remédio também ...então eles fazem pomada, eles fazem ... é:: licor, eles fazem remédio e tudo mais e lá é liberado a droga, sim é liberado, só que igual eu tava perguntando pra um amigo quando a policia encontra uma quantia além, aí já é considerado tráfico, ai gera problema, mas eles podem é supernatural eu lembro que eu tava na universidade e tinha um campo lá e meus colegas da sala tavam sim louquíssimos e eu falava assim “gente porque que eles estão rindo tanto?”, então assim um grupo assim e alguém falou assim “ ah eles estão usando drogas” e era tipo aberto, natural não é um problema pra eles, eu lembro que uma outra vez eu tava indo pra casa, passando na praça e esses mesmo colegas louquíssimos na praça, fazendo uso da droga então assim só que é muito interessante porque eles respeitam, eu acho que isso que é interessante, então é liberado só que claro que é controlado né, se existe uma questão, algo mais assim é tráfico, então assim as pessoas, a mídia mostra muita coisa ruim, mas num é:: sabe dessa forma... a gente rompe com esses preconceitos e rompe com essas barreiras sabe e na verdade eu fui assim não me importando com isso, na verdade eu ouvi as pessoas falarem e eu pensei “não eu vou ver algo ... que num é tipo eu creio que ... talvez não é assim, eu sei que a mídia” é a gente sabe que ela desenha muito mais... então foi isso eu quebrei muitos é:: olhando assim pra cultura, eu quebrei muitos ... muitos preconceitos e acredito quem me conheceu também quebrou muitos preconceitos do Brasil sabe, porque a gente tem conhecimento de fato, se a gente não vai nosso conhecimento é o que a gente vê na mídia ... ou é enfim então, mas a cultura é uma cultura rica, comida muito, muito boa, pessoal muito amável, tem o seus sofrimentos, mas também tem as suas alegrias

Amanda:[e e com base nisso tudo em relação a cultura, em relação a sua experiência com a universidade, o intercâmbio em si né é:: você percebeu alguma mudança pessoal

Lorena:[sim

Amanda:[né e qual que foi? Resultante dessa experiência

Lorena:[eu acho que foi ... é::: uma experiência única que só quem vive né pode pode dizer o que acontece e:: houve sim uma uma mudança indenitária, a gente sabe que as identidades são múltiplas né, são várias então aqui eu sou de uma forma em outra lugar eu sou de outra e tal,

mas num total tem aquela tem a nossa essência , nossos valores tem tudo isso né que faz parte da nossa identidade e eu acho assim que eu não voltei a mesma L. que eu fui sabe, não não tem como ... primeiro porque eu fui uma pessoa independente e eu gostei dessa independência e eu tive que se virar sozinha, aqui eu tinha a minha família então tinha uma zona de conforto, eu tinha um apoio, lá não lá não tinha isso então e lá eu passei por diversas questões saúde, questões emocionais tipo de namoro, todas essas questões, tudo junto com um choque cultural, um lugar diferente, com uma língua nova então isso não tem como você ficar apática ou da mesma forma, então uma das coisas que eu acho que me fez mudar bastante, igual eu falei eu sempre fui muito tímida foi algo que eu tive que que que por pra fora porque eu tinha que enfrentar como que eu ia pegar um ônibus sem perguntar , como que eu ia fazer algo né, sem ter um direcionamento eu não sabia nada, um lugar novo eu não sabia pegar ônibus, eu não sabia fazer nada sabe era tudo assim, então eu tinha que me arriscar e isso me levou a ficar mais desinibida ... e:: eu acho que isso foi uma das coisas positivas, eu acho que igual o olhar pro outro sabe assim, o intercâmbio é maravilhoso e é uma experiência que eu falo que faria tudo de novo, mas também como qualquer outra coisa existe as coisas boas e ruins né, isso é normal claro que eu acho que sempre é mais positivo ainda mais quando a gente vai fazer um intercâmbio seguro, igual eu fui pela universidade ... mais existe as questões as dificuldades que a gente passa também, então isso nos faz crescer, me fez amadurecer como pessoa sabe, e o olhar pro outro, hoje eu olho assim pra uma pessoa de outro país e falo assim “ poxa, acho que tenho que ter mais empática porque não é fácil é muito bom, mas não é fácil você estar fora daquele lugar de pertencimento né seu” ... e:: ... eu só sei que foi assim algo ... e na na em relação a minha profissão, por exemplo, eu acho que isso me ajudou muito porque eu sempre gostei de aprender línguas e eu dava o meu jeitinho de aprender alguma coisa ... e:: ...e:: eu me vejo, hoje eu dou aula de línguas e isso contribui muito porque eu vou pra sala de aula eu não sou aquela pessoa que é:: como eu posso dizer ... num é quadrada, assim ... enferrujada tipo assim agora vamos pegar um livro didático e vamos estudar isso na gramática disso, não parece que eu vou como um passarinho pra sala de aula e eu tento fazer os meus alunos é ... sonhar, verem as possibilidades sabe, e tipo se eu consegui eu sei que talvez também muitos podem conseguir sabe, porque eu não vim de uma família ... é que tenha dinheiro ou algo do tipo, não eu sou uma universitária de uma família simples e eu consegui ir sabe e foi muito legal ... é:: então eu tento trazer essas possibilidades e como eu sempre amei aprender sobre culturas eu tento lançar isso também nas aulas que eu acredito que aprender línguas é também é:: um meio de aprender línguas é mostrar a cultura sabe, quando eu falo de cultura é:: ... é variado é entender, quando

eu falo de cultura, claro eu falo de costumes , de hábitos, tudo que é diferente, mas também, eu falo da daquele posição de naturalidade que é aquilo de olhar pra si e olhar para o outro é essa mudança, então isso também me transformou, o meu olhar assim como profissional, como estudante sabe, eu acho que eu num me ajuda a não ser uma professora ... de línguas como as que eu tive, por exemplo, não culpando elas, claro que não ... mas eu tento trazer algo além, acho que isso ajudou muito... mas foi maravilhoso e eu quero fazer de tudo pra fazer outro intercâmbio é muito boa a experiência, acho que vale a pena demais, ainda que tenha dificuldades mas as alegrias são sempre muito maiores, o aprendizado assim a gente é amadurece:: aí tanta coisa assim ... as pessoas, as amizades sabe que a gente faz, os laços que a gente cria e igual eu tenho contato até hoje com a minha família colombiana, até hoje a minha mãe colombiana me manda mensagem perguntando como que eu estou, então assim é esses laços né, isso é:: é aquilo faz quem eu sou hoje né, me fizeram ser quem eu sou, tudo isso complementa pra quem eu sou e quem eu não sei futuramente né, isso faz parte é um processo, mais é isso

ENTREVISTA – REGINA

Amanda: Hoje é dia 22 de novembro de 2019 e a entrevista será com a R., que fez intercâmbio na Suécia, na Universidade de Uppsala, assim como eu... Regina, quais as diferenças de se estudar no país de origem e no país destino? É:: me fala um pouco da sua relação com os professores, as rotinas de aula, atendimento de estudantes, cobranças, provas, me fala um pouquinho sobre isso?

Regina: então Amanda é:: eu senti diferenças sim, com certeza porque aqui em Boa Vista-Roraima, aqui na UFRR eu estava acostumada tendo aulas praticamente todos os dias, quatro horas por tarde né, então duas horas de uma aula, duas horas da outra, duas horas de uma aula, duas horas da outra, até a noite né, eu eu tinha aula e:: assim é, mas eu já estava acostumado com aula todo dia porque no nosso ensino médio nós temos aula todo dia né, então eu achava que era assim em todos os lugares, quando eu cheguei lá que percebi que eu ia ter duas aulas por semana e no máximo três, eu fiquei chocada ... chocada de um jeito bom né, porque opa eu vou ter tempo pra conhecer a cidade, pra viver a Suécia, pra andar de bicicleta, pra conhecer a natureza que lá, ce lembra né? pura natureza é:: então, eu fiquei eu fiquei muito feliz com isso né, e eu acho que foi produtivo, eu não sei como acontece, claro para os alunos suecos que nascem lá e tem que estudar lá, mais pelo menos era assim para os alunos internacionais, nós não tínhamos aulas todos os dias e aí eu achava muito produtivo porque, na verdade não era nem duas horas de aulas quando nós tínhamos, era uma hora e quarenta e cinco de aulas né, porque a gente começava oito e quinze, dez e quinze ou nove e quinze, sempre tinha esses quinze minutos antes né, que são os quinze minutos que dá o tempo da pessoa chegar lá e:: alguns professores até optavam por um intervalo, então a gente chegava até a ter menos de uma hora e quarenta e cinco de aula, mas era aula produtiva sabe, com debates é:: todo mundo participava era realmente muito muito bacana, então eu gostei dessa rotina sabe, é:: agora eu tive que criar minha rotina também porque é:: eu gosto de acordar cedo, na verdade não é que eu goste, mas eu acho, eu prefiro acordar cedo porque eu sinto que o meu dia vai render mais né, então se acordar, se eu acordo, por exemplo, dez horas, onze horas eu já sinto que eu perdi uma boa parte do dia, que eu poderia estar fazendo outras coisas, então, quando eu tive a oportunidade de escolher o curso de sueco, por exemplo, que esse eu poderia escolher o meu horário né, por causa das várias opções que eles tinham que que eles deram é:: ... eu escolhi logo o do primeiro horário sabe, pra ter aquele compromisso né, a cada duas vezes por semana acordar bem cedo pra ir para a universidade, foi bem difícil no inverno porque realmente quando começa a nevar

né, quando começa a, enfim a ficar muito mais frio, só quer ficar na cama ... mas eu precisei fazer isso pra poder criar uma rotina sabe, pra acordar cedo, pra tomar um café, pra me alimentar direito é:: em relação a rotina foi isso né, eu criei minha própria, eu adorava o fato de não ter aula todos os dias, eu sentia que era produtivo né, ah:: deixa eu ver, minha relação com os professores, eu tentei manter a mais acadêmica possível, claro né, sem parecer aquela robô ... mas eu tentei entrar na cultura né, entrar na cultura pelo menos nos costumes deles e:: eu percebi que lá, eles separam bem as coisas, então é:: é estranho, por exemplo, se você chegar com um presente para o professor né, eu não cheguei, mas eles já meio que falavam como era que eles acham estranho quando eles ganham alguma coisa, mas só acho que é um detalhe, acho que que não chega a ser cultural, só um costume né, um costume que por exemplo, pode mudar, uma pessoa pode aceitar presente e uma pessoa pode não aceitar, mas a minha relação com eles foram ótima, assim eles me davam retornos importantes pra minha formação, é:: tentavam saber sobre o meu background né da onde eu vim né e:: e:: avaliavam bem a minha escrita, a minha produção oral, assim eles davam retornos muito importantes que era o que eu queria também né ... em relação ao atendimento dos estudantes, também foi bem atendida no que eu procurei né, o que eu mais tinha medo né por estar usando outra língua né, no caso o inglês pra resolver coisas burocráticas, meu maior medo era não conseguir e:: eu fui muito bem recebida e tiveram muita paciência comigo quando eu, por exemplo, ia falar que uma aula não tava ainda no meu sistema e eu precisava daquela aula pra poder ter o histórico reconhecido aqui no Brasil, então eles foram lá e consertaram, organizaram tudo pra mim é eu tive todo esse apoio é:: não tinha muita cobrança, claro né que eles davam prazo grande pra nós fazermos os trabalhos e:: até porque né, se você tinha duas aulas por semana não tinha desculpa pra você não fazer os trabalhos e outra, outro detalhe ... é nós tínhamos as aulas, essas duas, três aulas por semana, mais nós ficávamos com trabalho pra fazer, nós tínhamos que nos reunir em grupos pra debater texto, nós tínhamos que nós reunir em grupos para é:: preparar alguma apresentação, então nós tínhamos uma missão pra fazer nos outros dias ... é:: eu não fiz / ah tá eu só fiz prova de sueco básico é: que eu acho que foi muito boa, assim eu gostei muito da oral quanto na escrita foi uma experiência bem Enem, você tava lá comigo ... gostei assim foi o único momento que eu fiz prova mesmo porque eu sempre fazia trabalhos era tudo trabalho, apresentação oral, apresentação escrita, debate em grupo é:: entrega de *papers* ...e aí é:: eu achei tudo muito tranquilo, na verdade depois que eu voltei que eu acho que eu poderia até ter me esforçado mais, mas foi uma uma foi uma experiência de crescimento muito boa ...

Amanda: o flor an: e aí me fala como foi a sua adaptação na universidade, o que você achou, me conta como foi isso?

Regina: então Amanda é:: muito legal pensar, eu gosto de pensar naquela época, porque eu sempre me considerei uma pessoa que se adapta a qualquer situação, eu falo isso porque as situações que eu tive que me adaptar sempre foram muito boas né, então é muito fácil falar isso ... mais é: foi bem natural, eu achei muito natural porque eu eu ficava deslumbrada com tudo, porque é tudo muito diferente da minha realidade aqui é:: com a infraestrutura, nossa eu ficava louca com a infraestrutura, com os lugares pra estudar, com os livros que eles tinham na biblioteca, eles tinha até o YA que são os livros *Young Adults* que pra alguns professores aqui do Brasil, de outros lugares é tipo literatura lixo, é literatura inútil e:: o que são /o que é uma literatura importante porque pra muitas pessoas é assim que eles entram né nesse mundo da leitura ... mas eu eu amava, nossa a infraestrutura já me encantava, ela já me chamava assim pra querer estudar, bibliotecas muito equipadas, era tudo, o ambiente todo era muito inspirador, então eu gostava de tá lá dentro, eu gostava de estar dentro da sala de aula, eu gostava de estar dentro das bibliotecas, eu gostava de passear e conhecer Campus que eu não conhecia, por exemplo, eu eu visitava o campus de geologia, geologia nem é a minha área, mas eu ia lá de vez em quando porque tudo era muito interessante, tudo foi muito interessante pra mim ... e aí por isso eu me adaptei muito bem é:: é:: eles ofereciam um um muito muito apoio para as pessoas estudarem .. né, e:: você se sentir em casa e realmente eu me senti em casa lá nas nas universidades eu não tive problema nenhum de adaptação ... é:: talvez quando começou inverno, não pelo frio porque eu amo frio, mas a escuridão, eu não gosto muito de escuridão, então quando ficava a noite eu achava estranho, mas aí já não é uma adaptação à universidade e sim ao clima, mas também foi um detalhe assim ... nada que eu tenha falado “*nossa como eu sofri*” não, eu não sofri de jeito nenhum, então no geral foi uma adaptação maravilhosa e foi sem dores, sem dores mesmo, assim eu não tive que sofrer eu só cresci.

Amanda: E como foi a sua adaptação à cultura?

Regina: essa é uma pergunta interessante, porque é:: é:: assim como a minha adaptação a universidade não teve dor nenhuma, a adaptação a cultura também foi muito tranquila, porque eu tentava, eu tentava observar, eu tentava só observar, entende? É:: eu eu fui com alguns estereótipos do povo sueco, mas que antes até de descobrir que tinha recebido a bolsa, eu nem

pensava, tipo onde que é a Suécia né, eu nem pensava, eu nem imaginava que eu ia chegar lá, e aí então, eu comecei a ler coisas sobre a Suécia e aí quando a gente lê essas coisas, a gente acaba é:: esbarrando em estereótipos que as pessoas criam do povo sueco né, da cultura que é um povo frio, que não conversa muito, que é um povo isso, que é um povo aquilo, que a cultura é assim que a cultura é assado, enfim eu acabei indo com algumas dessas coisas na cabeça, mas eu tentei deixar assim fora sabe, pra não atrapalhar a minha experiência ... aí então é claro que eu conheci pessoas suecas que realmente eram muito mais reservadas, mas aqui no Brasil também tem e é isso em todo mundo, assim como eu conheci pessoas suecas que eram super é:: conversadoras que se interessavam né, tanto é que os alunos internacionais eles são recebidos né muito bem lá pelas organizações, pelos /pelas *nations*, nossa mãe, que mostram a cidade, que mostra o que acontece, que mostra o que eles comem geralmente, que mostram, enfim... eu achei uma coisa muito diferente, sério assim lá eles, uma coisa, por exemplo, uma coisa bem bem bem material na cultura lá, assim material ... no sentido, eles têm coral, por exemplo, lá eles adoram coral, coral, tipo o pessoal da universidade tem coral cada *nation* tem o seu coral, e eu “*gente eles tem coral*”, é uma coisa histórica né, é uma coisa quase secular esses corais eles não têm, eu achei isso super interessante ... foi bem engraçado até, foi bem estranho pra mim, é:: outra coisa, adaptação a cultura, o que mais eu posso pensar ... é, por exemplo, era legal era engraçado conversar com / pelo menos com suecos né, quando eu tinha aulas com eles, que eles também tinha uma visão completamente estereotipada do Brasil e da América do Sul, então eles ficavam curiosos pra saber tipo, é:: “*o quê que é favela? Como que é favela?*” teve até uma vez, uma menina me perguntou isso e viu as fotos assim da favela do Rio de Janeiro né, sendo que eu não tenho propriedade nenhuma pra falar da favela do Rio de Janeiro que eu não sou de lá e ela disse: “*nossa, como as pessoas moram aqui?*” e tudo mais e teve um momento até que ela riu, gente mas isso não é engraçado, isso é onde as pessoas moram e aí né?, mas não criei caso nenhum ...é:: outra:: enfim, aí tentei é claro né, me adaptar a/ eu era mais uma observadora entendeu, eu observava demais, eu observava como eles, por exemplo, se portavam num igreja, eu acabei indo por um tempo numa igreja católica que tinha lá, eu eu via como era, como são os ritos lá, porque lá a gente não vê muita religião assim sendo professada, pelo menos não foi o que eu vi, eu via claro pelos imigrantes, mas é tudo muito bem muito neutro assim, tem uma igreja ali, tem uma outra igreja ali, mas não é nada que cria conflitos não, então é:: eu eu era uma observadora é:: eu era uma observadora que tentava não criar caso, que tentava não criar problemas que tentava só observar e não ficar estereotipando, então a minha adaptação a cultura foi boa, foi foi uma experiência antropológica, aquela né, não mentira, foi uma experiência

edificante para mim, vou tentar lembrar de alguma coisa a mais em relação à cultura, o que eu percebi também é que é uma mistura de culturas né, apesar de ainda ser um país assim bem forte nas suas tradições né, na na no que eles fazem né, pelo menos em como que eles comemoram coisas, em como eles vivem, na maneira que eles vivem, aquela expressão que eles têm: “*lagun*”, que é: “*nem muito, nem pouco, mas o suficiente*” é uma mistura de culturas também, então você lá poderia comer, comer também coisas de vários países principalmente da Tailândia ... é eu vi que lá, eles tem também essa essa essa tem essa natureza multicultural, talvez por ser uma cidade universitária né, lá eles também pensei nisso ... é: isso.

Amanda: E em relação à língua?

Regina: a adaptação à língua foi é:: ... não foi desafiante porque a grande maioria da população que tava lá em Uppsala falava inglês né, como segunda língua, sueco como primeira e inglês como segunda língua, no meu caso minha primeira língua português e inglês como segunda língua, então em relação a comunicação acho que foi bem tranquilo porque ninguém era inglês nativo, falante nativo quer dizer só algumas colegas de faculdade e outras pessoas que estavam lá ... mas não tive problemas com isso, agora em adaptação com a língua sueca tanto/ justamente por ter muito o inglês como meio né, eu não tive problemas pra adaptar a língua, mas é claro que eu tentei aprender, tanto é que eu fiz o sueco básico lá e:: me arrependi um pouco de não ter feito o sueco básico dois, acho que eu tava com medo de de ter muita coisa pra fazer no semestre e aí é:: ajudava muito a entender várias coisas é:: avisos no trem, avisos no no no ônibus é em supermercado, mas se bem que supermercado nem precisa muito saber sueco porque tá tudo lá né (risos) as imagens ...mas eu tentava me comunicar “*hej*” “*Tack!*” é:: “*varetedur*” né mas claro que era o básico do básico, agora eu percebo como que aquele sueco básico que eu estudei, ele ainda tem influência na minha vida hoje porque, por exemplo, eu estou estudando francês né, e aí, às vezes eu tô falando francês e aí eu uso umas expressões de de sueco do nada “*hej*” ou algumas preposiçõeszinhas eu acho, acho engraçado ... mas foi muito fácil foi é:: por ser uma cidade que acolhe a muitos estudantes internacionais é:: ela já está preparada né, que de fato muitas pessoas que vão/moram lá né, temporariamente por dez meses, por cinco meses vão falar o inglês e que não vão precisar pegar o sueco assim ... e:: e aí por isso é muito receptivo.

Amanda: E o que foi feito para superar as dificuldades?

Regina: de novo a minha maior dificuldade acho que foi a escuridão do inverno (risos) é:: não foi o frio foi a escuridão, assim ficava escuro e aí me batia aquela coisa sabe aquela tristeza, aí eu comecei a tomar vitamina D né, porque eles recomendam quando você fica muito sem né, a exposição a luz do sol seu corpo vai precisar daquela vitamina que o sol mesmo te traz e e daí eu tive que tomar é:: uma dificuldade né também que eu passei, você passou na época ... foi a questão do relacionamento a distância que não foi assim, não foi fácil né, eu tava vivendo coisas maravilhosas, mas é:: não foi assim um um a melhor experiência em se tratando de relacionamento, mas nós é conseguimos ultrapassar este esta barreira, foi me visitar lá né ... e aí deu pra matar a saudade ... é:: quando eu tinha dificuldades eu eu ia com vocês (risos) você, a Mirna me ajudavam demais assim, nós fazendo coisas juntas, conhecendo juntos, conversando sobre a cultura juntas, tomando nosso chá juntas, eu tentava me aproximar é:: de vocês né, assim acho que a gente acabava se apoiando, claro né que a gente não ia deixar ficar falando, se juntar pra ficar falando só nós três lá e pronto só ficar falando português, claro que cada uma tentava explorar em inglês do jeito que tinha que explorar, e se for muito interessante, mas era legal ter aquele aconchego no mesmo prédio (risos) era muito bom, no nosso caso no mesmo andar né ... e::eu lia, tentava estudar bastante, assim ficava um pouco triste e eu tentava pensar, gente essa experiência única é:: quando que eu imaginei estar andando de bicicleta pelas ciclovias de Uppsala, estudando na biblioteca de Uppsala é:: vivendo isso aqui, comprando doce, porque eu adorava aqueles doces, como eu adorava aqueles doces a granel é:: então, eu sempre me tocava de que “ *ei, eu tô aqui, eu tô vivendo isso* ” né e então é bom a gente ter isso em mente ... que claro, participar de um intercâmbio é maravilhoso, mas a pessoa que tá lá também sente algumas dificuldades ... é como qualquer outra pessoa sente, em qualquer situação, as pessoas acham que é cem por cento tudo bom sempre, sempre, não, bate saudades é às vezes você passa mal, no meu caso, eu fiquei com uma cárie lá, cárie na Suécia, eu “ *poxa vida o quê que eu vou fazer com isso?* ” contatei o seguro, o seguro conseguiu pra mim a clínica, só que assim, o seguro só cobrava certa parte né, do tratamento, então eles colocaram um curativo no meu dente e aí eu fiquei com esse curativo, mana eu fiquei muito tempo com esse curativo até chegar no Brasil, porque já o seguro não cobria tanta coisa entende, porque lá realmente parece que ... o plano odontológico é caro, então é:: eu tentava sempre pensar que era uma experiência que realmente estava valendo a pena e tentava focar nos estudos, focar nos esportes teve um tempo que eu joguei vôlei lá, focar na natureza ali perto de mim, focar, enfim, e aí sei lá, se eu me sentisse muita chateada eu gritava às dez horas, no *Flogsta Scream*.

Amanda: E pra encerrarmos, você percebeu alguma mudança pessoal resultante dessa experiência internacional, qual?

Regina: maturidade... essa foi a minha grande mudança pessoal depois dessa experiência... maturidade é:: claro que não completa porque eu sou imatura pra algumas coisas, mas assim ... eu::... eu percebi que sozinha eu consigo viver muito bem... assim claro, eu sentia saudades da minha família e tudo mas eu eu me percebi não dependendo das pessoas pra poder viver entende? Eu me senti muito mais independente e tá se eu tava sozinha naquele momento, sozinha assim fisicamente ... é eu tava bem, fazia a minha comida é:: fazia meus horários é:: eu amadureci muito em relação a isso e:: desde antes de viajar, eu eu sempre tive muito esse senso de mim mesmo assim sabe, de tentar não depender das pessoas pra fazer algo, tentar não depender das pessoas, por exemplo, ah se eu tô, por exemplo, sozinha numa sorveteria, eu tô bem sozinha naquela sorveteria entende? Lendo um livro ou mexendo no celular ou assistindo a televisão, eu não preciso sempre de “ah nossa eu tenho que ter uma companhia aqui” não eu me percebi assim sabe, muito mais dona de mim mesma ...é:: então maturidade, a maturidade que eu consegui sabe, o a expansão de visão de mundo que eu tive foi acho que pra mim ... pra mim é o que me marcou ... mesmo, então estamos agora dia vinte e dois de novembro de dois mil e dezenove ... né, três anos depois é: viajamos em dois mil e dezesseis eu voltei em dois mil e dezessete, enfim pouco mais de dois anos né, depois dessa experiência e:: eu consigo pensar assim que “*nossa ... que sorte eu tive né*” foi mérito também, claro, foi mérito mas a gente teve muita sorte por termos sido escolhidas né que a gente imagina que muitas pessoas tentaram foram mais de mil né, então é eu eu me sinto parte de algo entendeu, que eu fiz parte de algo que eu fiz parte da história daquele lugar e aquele lugar com certeza fez parte da minha e faz ainda, é isso Amanda Amanda.

ENTREVISTA – CECÍLIA

Amanda: Hoje é dia 26 de outubro de 2019 e estou entrevistando a C., intercambista atualmente pelo programa Cultural Care Au Pair... C., você pode me dizer quais são as diferenças de se estudar no país de origem e no país destino? Em relação aos professores; rotinas de aula, atendimento de estudantes, cobrança, provas, entre outras coisas.

Cecília: É em relação aos professores an: obviamente a maior diferença é a língua né, que aqui os professores falam em inglês e no Brasil os professores falam português ... e: em relação ao time de aula, é: aqui mesmo no na faculdade tem muito dever de casa, entendeu? Então assim, é um pouco engraçado, porque na UFLA, é pelo menos as matérias que eu faço, que já fiz, nunca teve um dever de casa, tinha uns trabalhos ...mas aqui a gente recebe uma lista, pelo menos no curso que eu faço né, de francês, a gente recebe uma lista de exercícios, de atividades que a gente tem que fazer pra próxima aula, é: o quê que a gente tem que estudar pra próxima aula, é bem interessante isso o aluno tem que chegar bem preparado pra aula, eu acho isso... eu acho isso muito interessante, é em relação ao atendimento de estudantes, olha é bem assim, através dos Cansvani/ Cansvas/ Canvas (risos) que é tipo um aplicativo né, como se fosse um portal que você pode entrar e deixar algum questionamento, mandar e-mail, só que não tem atendimento de estudante durante o dia, não que eu saiba, não para o meu tipo de curso de extensão. É:: cobrança e provas né, como eu te falei, a cobrança de deveres, de você tá pronto pra próxima aula é essencial, o professor, ele, ele cobra muito é se você fez os deveres, se você estudou o que ele mandou estudar, eu acho isso incrível e as provas é mesmo, eu tava achando a matéria bem tranquila né, porque eu já tinha feito francês no Brasil, é mas a prova foi bem puxada, entendeu? Eles têm um prova aberta e fechada, prova de escutar né, como é línguas né, então a escuta, o *listening*, é textos, então é uma prova também muito bem elaborada, mas eu não acho que as provas da UFLA ficam a desejar.

Amanda: Interessante ... E como foi a adaptação à universidade?

Cecília: É:: então, como eu cheguei aqui em Boston, já tem um tempinho bom, eu fui conhecer primeiro né, eu fiquei nervosa pra ver se eu conseguia entrar no programa de Harvard ou não ... e: quando eu consegui entrar, eu só tava ... nervosa mesmo se as pessoas iam achar o meu inglês ruim, não bom o suficiente, porque eu sou a única imigrante da sala ... e não é muito fácil imigrante entrar nesse programa de extensão ... é então eu tava muito receosa sabe? Fiquei mais

quieta no começo, com medo do pessoal achar meu inglês diferente né, porque tem o sotaque igual todo mundo tem ...mas foi tranquilo em questão do horário, da aula é... nas outras questões eu tinha o hábito de estudar sempre pra chegar na próxima aula, então eu não tive dificuldade, mas eu acredito que muita gente teria dificuldade por causa dessa lista que eu te falei de coisas que a gente tem que fazer pra próxima aula.

Amanda: E a adaptação à cultura?

Cecília: A questão da adaptação da cultura teve pontos que foram bem fáceis que eu consegui pegar rápido e teve outros pontos que até hoje eu tenho dificuldades né, ...o fato de que as pessoas aqui, principalmente na região de Boston são muito frias né, aqui um é muito, uma cidade muito de *business*, muito voltado para o mercado de empresarial, a galera é bem seca, não tem abraço, não tem beijo, não tem riso, cê vê frieza em todo mundo... an: uma outra questão também é:: foi a questão das crianças daqui é uma realidade muito diferente das nossas crianças no Brasil, então isso eu ainda não consegui adaptar sabe, é uma cultura de que tipo assim, eles tem realmente tudo na mão deles, uma cultura de que eles são mimados sabe e que isso não vai mudar ... é uma cultura de ter tudo o que quer, muito brinquedo, muito tudo sabe? E:: não tem limites, não tem muitos limites, as crianças aqui é tem o lado bom né, que elas são tratadas como o futuro do país, então elas tem muito bom estudo, muito atendimento, educação e tudo, mas por outro lado elas são mimadas né, pelo menos a maioria que eu conheço ... um outro lado aqui também é:: não sei se eu posso falar que isso seja da cultura né, mas a questão de que aqui não tem SUS né, então as pessoas passam muito aperto quando ficam doentes, inclusive eu já passei, e:: ninguém tem essa de “*aí vamos levar no médico*” igual no Brasil “*ou vamos levar ali no Vaz Monteiro ou na Santa casa*” aqui não tem isso, então já passei muito aperto pra não ter que ... pagar caro numa consulta, quando eu digo pagar caro é tipo trezentos dólares, uma ambulância que você chama pode ficar de dois mil a quatro mil dólares... então, essa cultura de levar no médico toda hora “*vamos ali no hospital dar uma olhada*” não tem, não pode ter ... é:: outra questão também de cultura que eu adaptei fácil, mas é meio estranho, quando tem uma festa “*nossa vai ter uma super festa, Saint Patrick’s day*” né, todo mundo acha que vai bombar ... e assim todo mundo né fica de boa, porque assim só pode beber dentro dos bares e tals, então não tem essa farra do Brasil de beber na rua, beber, farrear, não, se eles estão farreando na rua, eles ficaram bastante tempo dentro de um bar antes de sair pra rua, mas essa questão da cultura também é muito engraçada, é uma outra questão da cultura que eu adaptei muito fácil é a questão

da educação, sempre fazer uma sentença muito completa pra pedir as coisas, as criança fazem ... todo mundo faz e agradece, segura a porta e agradece ... obrigada, de nada o tempo todo, isso no Brasil não acho que a gente tem muito, entendeu? questão de agradecer e ficar aquela educação plena o tempo todo, mas é uma educação assim, é mais costume mesmo, aí desculpa os gatos estão miando aqui demais porque eles querem sair, mas não pode mais. (risos)

Amanda: Eu gostaria de saber também como foi a adaptação à língua.

Cecília: em questão da adaptação da língua pra mim foi bem tranquilo, eu já tinha vindo aqui nos Estados Unidos algumas vezes antes, passado menos tempo né, mais por viagem mesmo, mas eu já tinha vindo e eu era professora de inglês no Brasil, na UNILAVRAS ...é:: eu já tinha um domínio bom da língua, então a língua pra mim aqui não foi nenhum problema, eu não tive nenhum problema.

Amanda: Você se lembra de ter feito algo para superar as dificuldades?

Cecília: questão de superação das dificuldades é: eu sempre busco manter o meu relacionamento com meus pais bem aberto e saudável, converso bastante com eles, o relacionamento com meu namorado bem aberto e saudável é: quando eu penso nas minhas dificuldades, eu penso que isso é uma oportunidade única na minha vida, e que ...é um o cavalo arreado passa uma vez só né, então eu não posso abrir mão disso, eu penso que isso vai fazer uma diferença gigante pro meu currículo e pra minha vida é um crescimento profissional e pessoal e:: uma coisa que faço pra superar as dificuldades pode parecer bobeira, mas eu dediquei, eu dedico né todo o meu tempo livre é ir na academia, fazer uma dieta saudável, manter uma vida saudável ... e a questão da academia faz muita diferença porque quando a gente fica com três crianças o dia inteiro te enchendo o saco (risos) ainda tem que estudar é:: ... e trabalhar né, fazer comida e tals ... na hora que você tem isso tudo se você não tem onde descontar esse estresse né, você pira e volta pra casa ... então eu desconto na academia.

Amanda: E pra gente finalizar, você percebeu alguma mudança pessoal, resultante dessa experiência internacional? Se sim, qual foi?

Cecília: olha mudança pessoal, não foi uma, duas não foram várias, eu não sei nem listar todas pra você, eu acredito que maior é o amadurecimento, eu brinco muito com meus pais, com meus amigos que o tanto que eu amadureci aqui em oito meses, eu demoraria uns cinco a dez anos pra amadurecer em Lavras, sem tipo assim, jogando baixo, sabe... é outra coisa também que mudou muito foi o meu relacionamento né, então isso foi um engrandecimento pessoal né, porque eu tive que aprender a ser mais paciente é melhorar a questão do diálogo, a questão do respeito, da confiança, então isso foi um amadurecimento pessoal gigante ... é: vários outros fatores e:: o último que eu queria falar é que aqui um engrandecimento pessoal, não é imediato sabe, pro futuro é que aqui que eu aprendo a ser mãe, cuidando de três crianças, eu tenho que tomar posturas e atitudes que uma mãe toma ... é: algumas coisas acontecem comigo e eu chamo a minha mãe e falo “ *nossa mãe eu fazia isso com a senhora, me desculpa*” (risos) então é uma questão ... é uma questão muito engraçada e legal, porque eu vejo que quando eu tiver meu filho vão ter vários erros que eu não vou ter que cometer novamente que eu já cometi aqui, é um engrandecimento muito legal fico muito feliz com isso.

ANEXO C



Questionário Escrito

Universidade Federal de Lavras – UFLA
Departamento de Educação - DED
Programa de Pós Graduação em Educação – PRPG
Profa. Orientadora Dra. Tania Regina de Souza Romero

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFLA e, como trabalho final do referido curso tenho que realizar uma pesquisa, recolher dados e analisá-los a fim de redigir uma tese na área de estudos de educação. Portanto, solicito sua gentileza em responder ao questionário que se segue, salientando que, por motivos éticos, a identidade dos participantes desta pesquisa será preservada. Os dados aqui obtidos serão única e exclusivamente utilizados para o propósito acadêmico citado.

Antecipo meus sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Amanda Cristina dos Santos Reis

Lavras, outubro de 2.019.

Nome _____

Idade _____ Sexo _____

Pseudônimo _____

1. Formação

*Ensino Superior

Curso: _____

Cidade: _____ Instituição: ___ Particular ___ Pública

Ano de Conclusão: _____

*Intercâmbio na graduação

Curso: _____ Período: _____

Cidade: _____ País: _____

Instituição: _____

Programa: _____

Mês/Ano: _____ a _____

*Cursos de Línguas Estrangeiras

Curso: _____ Cidade: _____

_____ Instituição: ____ Particular ____ Pública

2. Responda

1- Para você, o que é uma boa experiência de estudos?

2- Quais foram suas motivações para participar de um intercâmbio durante a graduação?

3- Quais eram suas expectativas em relação a esse intercâmbio?

4- Como você avalia a experiência de formação cultural nesse intercâmbio?

5- Durante sua graduação, você já viveu as duas experiências de estudo, no Brasil e em outro país. Com qual delas você acredita ter tido um maior aproveitamento? Por quê?

6- Como você vê a inclusão de oportunidades de intercâmbio na graduação na sua área de formação?

7- Você acha que o incentivo a intercâmbios deve continuar? Por quê?

8- Relate suas experiências marcantes em relação ao estudo no exterior.



Questionário Escrito

Universidade Federal de Lavras – UFLA
Departamento de Educação - DED
Programa de Pós Graduação em Educação – PRPG
Profa. Orientadora Dra. Tania Regina de Souza Romero

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFLA e, como trabalho final do referido curso tenho que realizar uma pesquisa, recolher dados e analisá-los a fim de redigir uma tese na área de estudos de educação. Portanto, solicito sua gentileza em responder ao questionário que se segue, salientando que, por motivos éticos, a identidade dos participantes desta pesquisa será preservada. Os dados aqui obtidos serão única e exclusivamente utilizados para o propósito acadêmico citado.

Antecipo meus sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Amanda Cristina dos Santos Reis

Lavras, outubro de 2.019.

Nome:

Idade: 27

Sexo: Feminino

Pseudônimo - Julia

1. Formação

*Ensino Superior

Curso: Letras Português/Inglês e suas literaturas

Cidade: Lavras/MG

Instituição: ___ Particular X Pública

Ano de Conclusão: 2017

*Intercâmbio na graduação

Curso: Estudios Anglesos/ Filología Hispánica

Período: 6 meses (8º período do curso)

Cidade: Lleida

País: España

Instituição: Universitat de Lleida

Programa: Programa de Bolsas Santander Íbero – Americanas
Mês/Ano: agosto/2016 a Janeiro/2017

*Cursos de Línguas Estrangeiras

Curso: Inglês

Cidade: Perdões/ Lavras

Instituição: X Particular ___ Pública

Curso: Catalão A1

Cidade: Lleida Instituição: X Particular ___ Pública

2. Responda

1- Para você, o que é uma boa experiência de estudos?

Uma boa experiência de estudos é aquela que enxergar muito além da sua realidade. É aquela que mais do que te ensinar, te faz pensar criticamente e te ajuda a ser uma pessoa com opinião própria e argumentos para defendê-la.

2- Quais foram suas motivações para participar de um intercâmbio durante a graduação?

Desde que comecei a graduação na UFLA eu tinha vontade de ter uma experiência internacional. Como o Ciências sem Fronteiras não ofertava vagas para estudantes de Letras, acabei deixando a ideia de lado. No início do ano de 2016 me sentia sem perspectiva e queria buscar novos ares. Me sentia limitada dentro da minha realidade e num impulso me inscrevi no intercâmbio sem acreditar que ia conseguir, mas sentindo que seria uma grande oportunidade na minha vida.

3- Quais eram suas expectativas em relação a esse intercâmbio?

Conhecer novas pessoas, aprender sobre novas culturas, conhecer novos lugares aprender melhor a língua escolhida e aprimorar o meu inglês. Também esperava aprofundar meus conhecimentos na área de Letras, conhecendo outras perspectivas de estudo.

4- Como você avalia a experiência de formação cultural nesse intercâmbio?

Minha formação cultural foi algo imensurável, quando eu voltei para o Brasil eu era uma outra pessoa muito diferente. Eu convivi com pessoas de mais diversos países, morei com duas italianas e tive pouquíssimo contato com brasileiros, tudo isso me deu uma capacidade enorme de me adequar à cultura do outro. Me tornei uma pessoa mais paciente, compreensiva e resiliente. Aprendi a entender e aceitar as variedades culturais e a absorver tudo aquilo que fosse interessante para mim.

5- Durante sua graduação, você já viveu as duas experiências de estudo, no Brasil e em outro país. Com qual delas você acredita ter tido um maior aproveitamento? Por quê?

Eu diria que o intercâmbio foi mais proveitoso por ter me fornecido muito conhecimento num tempo muito reduzido. E são conhecimentos que, muito provavelmente, eu não iria ter a possibilidade de obter aqui no Brasil. Porém reconheço a importância de tudo que os professores da UFLA me ensinaram e que foram base para meus estudos na Espanha. Acredito que são situações diferente e que cada um tem seus méritos.

6- Como você vê a inclusão de oportunidades de intercâmbio na graduação na sua área de formação?

Acho que essas oportunidades são imprescindíveis para um estudante de Letras. Ter experiência com outras línguas também nos possibilita refletir sobre a nossa própria língua. A necessidade da comunicação com o outro nos torna mais hábeis com as línguas estrangeiras, principalmente o inglês. Isso aconteceu de forma muito clara para mim e senti que me auxiliou muito na minha formação como professora de língua estrangeira. Além disso, meu contato com o Espanhol me fez pensar em outras possibilidades na área de Letras. Hoje estou estudando tradução e isso afeta diretamente na qualidade do meu trabalho como professora.

7- Você acha que o incentivo a intercâmbios deve continuar? Por quê?

Com certeza! Inclusive acho que a universidade poderia aumentar o número de parcerias. Isso permitiria a presença de mais estrangeiros no Brasil e de mais brasileiros em outros países. Essa troca de culturas e experiências é muito valiosa no contexto acadêmico.

8- Relate suas experiências marcantes em relação ao estudo no exterior.

-As disciplinas relativas à língua inglesa eram diferenciadas. Isso não só me auxiliou na melhora do meu inglês, que ficou evidente através dos resultados do Toefl, como também me permitiu aprender novas metodologias de ensino de língua inglesa que me auxiliam hoje na prática docente.

- Tive a possibilidade de estudar em uma turma cujas alunas eram todas de nacionalidades diferentes. A disciplina era Comunicação e linguística e éramos sete alunas cada uma de um país. Essa variedade cultural foi muito conveniente para uma aprendizagem mais efetiva.

- As provas finais tinham um peso muito grande na nota do semestre, cerca de 60%, e tínhamos que estudar toda a matéria do semestre. Isso me fez aprender a ser mais organizada com os estudos e à aprender novas táticas como o uso de MindMaps.

- Os alunos tinham hábito de estudar na biblioteca da faculdade nos fins de semana e feriados. Acabei adotando também essa ideia e fui uma grande frequentadora da biblioteca.



Questionário Escrito

Universidade Federal de Lavras – UFLA
Departamento de Educação - DED
Programa de Pós Graduação em Educação – PRPG
Profa. Orientadora Dra. Tania Regina de Souza Romero

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFLA e, como trabalho final do referido curso tenho que realizar uma pesquisa, recolher dados e analisá-los a fim de redigir uma tese na área de estudos de educação. Portanto, solicito sua gentileza em responder ao questionário que se segue, salientando que, por motivos éticos, a identidade dos participantes desta pesquisa será preservada. Os dados aqui obtidos serão única e exclusivamente utilizados para o propósito acadêmico citado.

Antecipo meus sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Amanda Cristina dos Santos Reis

Lavras, outubro de 2.019.

Nome

Idade 26 anos

Sexo Feminino

Pseudônimo: Lorena

1. Formação

*Ensino Superior

Curso: Letras: Português e Inglês e suas respectivas literaturas

Cidade: Lavras

Instituição: UFLA Particular Pública

Ano de Conclusão: 2016

*Intercâmbio na graduação

Curso: Licenciatura em Educación Básica com énfasis en Humanidades e Idiomas Período: 1º semestre de 2015

Cidade: Bogotá

País: Colômbia

Instituição: Universidad Libre

Programa: BRACOL

Mês/Ano: Janeiro a Junho de 2015

*Cursos de Línguas Estrangeiras

Curso: _____ Cidade: _____
_____ Instituição: ____ Particular ____ Pública

2. Responda

1- Para você, o que é uma boa experiência de estudos?

Depois de viver a experiência de um intercâmbio, acredito que uma boa experiência de estudos envolve teoria, prática, socialização e motivação pessoal. Em relação ao meu intercâmbio estar imersa em um país que falava a língua que eu buscava aprender foi um diferencial na minha aprendizagem. Eu era provada em todo tempo, aonde quer que estivesse eu precisava falar em espanhol. Então meus estudos e minha aprendizagem não ficaram restritos as aulas na universidade, na verdade o real desenvolvimento se deu fora dela, no contato com o outro, nos erros e nos acertos. Vale ressaltar que eu fui sem saber falar a língua.

2- Quais foram suas motivações para participar de um intercâmbio durante a graduação?

A começar pelo período de inscrição para o intercâmbio, o que me levou a este ato foi devido ao um processo difícil e de desestimulação nos estudos da graduação que estava passando. Não me considerava capaz, estava insegura e sem saber exatamente se aquilo era o que eu queria para a minha vida. Então, resolvi me colocar a prova e ver se eu era capaz de passar em um programa de intercâmbio. Agora, as motivações de participar de um intercâmbio se resbala a um sonho antigo que eu tinha de estudar fora do país. Desde pequena sempre quis viajar o mundo e fazer um intercâmbio, então na universidade vi a possibilidade de isso acontecer e tentei. Sabia que aprender uma língua seria muito importante pra mim, além do fato de eu já gostar muito do espanhol, também tinha interesse em conhecer pessoas, conhecer uma nova cultura e ter novos aprendizados e experiências. Estas coisas sempre me chamaram a atenção.

3- Quais eram suas expectativas em relação a esse intercâmbio?

Confesso que o medo bateu, pois como morava em uma cidade interiorana e nunca havia me mudado dali, a mudança para a capital de um outro país que não era o meu foi gigante demais. Mas acredito que o medo não apenas disso, mas em outros aspectos também são normais. Mas minhas expectativas eram maiores que tudo isso. Acredito que em primeiro minha expectativa era sair do meu país pela primeira vez, ou seja, fazer uma viagem internacional, depois foi a de aprender uma língua e saber que eu teria que me esforçar ao máximo, mas eu era sempre muito

motivada em relação a isso, por isso, acredito que tive um bom desenvolvimento na aprendizagem. Outra expectativa era a universidade, a cultura, as pessoas, o lugar aonde iria morar, as viagens que fazia dentro da Colômbia, os lugares que conheceria e também a independência. Penso que fui muito feliz na minha experiência e fazia tudo de novamente.

4- Como você avalia a experiência de formação cultural nesse intercâmbio?

Muito importante. Acredito que cultura e língua caminham juntos, e na aprendizagem de línguas ambas são muito valiosas. Um estudante de línguas precisa ser um falante intercultural, ou seja, ele precisa saber e respeitar a diversidade do outro, sua cultura e língua, como a sua própria também. No período que estive na Colômbia poder observar como os colombianos concebiam o mundo, o que era e não era importante para eles, como era a relação entre eles, o funcionamento da sociedade, os costumes, a língua e suas características, em específico o espanhol colombiano, foi uma experiência incrível, gratificante e de muito aprendizado. Constantemente fazia comparações entre meu país e a Colômbia, não como forma de valorizar ou menosprezar estes dois países, mas para aprender e entender todas estas diversas constituições.

5- Durante sua graduação, você já viveu as duas experiências de estudo, no Brasil e em outro país. Com qual delas você acredita ter tido um maior aproveitamento? Por quê?

Eu sempre estudei inglês na escola e em casa por motivação, o espanhol foi apenas em casa, mas não tinha uma aprendizagem ampla e qualificada, era sempre o básico mas eu gostava. Foi no curso de Letras que de fato tive aulas de inglês de verdade, lembro-me que as professoras, durante o primeiro ao último período só falavam em inglês na sala de aula das disciplinas que eram desta língua. Mas ainda assim, acredito que tenho muito o que aprender e não me considero fluente ou capaz de me comunicar também, visto que, durante a faculdade tive uma grande desmotivação em relação a aprender a língua, devido a diversos fatores, como por exemplo, professores, o desnivelamento que havia na turma, dentre outros motivos. Quando fui para a Colômbia, não sabia nada de espanhol praticamente, e acredito que este foi meu maior aproveitamento devido a imersão, pois estava exposta a todo tempo a aquela língua e não apenas na sala de aula e também havia uma grande motivação e interesse da minha parte de aprender a língua e de estar ali. Mas aprender é algo muito individual, mas devido a ambas experiências e a minha forma de aprender, o intercâmbio é muito mais válido para mim.

6- Como você vê a inclusão de oportunidades de intercâmbio na graduação na sua área de formação?

Me inscrevi para o intercâmbio em 2014 em minha universidade e lembro-me de antes deste programa (BRACOL) não ter ouvido sobre nenhum outro na minha área. Sempre ouvia falar do ciências sem fronteiras, mas eu tinha o conhecimento que ele não envolvia a área de humanas. Atualmente, vejo outras portas se abrindo para o curso, por exemplo, na UFLA ainda temos o BRACOL e incluíram também o BRAMEX, o Erasmus e acredito que há outros. Espero que ainda melhore e sei que existe muitos professores dispostas a lutarem por isso. Mas de qualquer forma, avançamos.

7- Você acha que o incentivo a intercâmbios deve continuar? Por quê?

Sim, é necessário. Eu gostaria que todos pudessem ter esta oportunidade. É algo que te transforma em todos os sentidos, pois crescemos, aprendemos e nos permite conhecer a si próprio e aos outros. Nos ajuda a entender que o mundo é grande demais e muito bonito em relação a sua diversidade cultural e que é possível sim aprender uma língua e como isso é importante. A universidade se tornou internacionalizada e é por isso que ela busca essas relações, o que é muito necessário e um benefício a todos, desta forma, devemos aproveitar as oportunidade que nos são oferecidas sem medo. Um intercâmbio vale muito a pena.

8- Relate suas experiências marcantes em relação ao estudo no exterior.

Bom, há tantas. Sempre falo bem em relação ao intercâmbio, porque de fato aconteceram muito mais coisas boas do que ruins comigo, mas até com os desprazeres eu aprendi muito, então eu valorizo no geral toda a minha experiência. Não estou generalizando e dizendo que tudo é perfeito, experiências são individuais, mas para mim foi algo muito proveitoso.

Mas uma experiência marcante para mim foi o meu processo de aprendizagem da língua, lembro-me que estava sempre muito atenta quanto ao meu desenvolvimento. Comecei a aprender o espanhol a passos lento, no início falava um portunhol, pensava muito em português para tentar falar em espanhol e com o tempo isso foi evoluindo a ponto de começar a falar com destreza. Isso me deixou muito feliz.

Outra experiência marcante foi o contato com os colombianos e a recepção deles. Todos queriam me conhecer, queriam estar por perto, aprender português, e além de demonstrarem gostar muito do Brasil. O lugar onde morei também, foi um achado muito feliz, e fiz daquela casa de família

com diversos estudantes de várias lugares da Colômbia e de outros países também a minha casa e meus parentes.

Outra experiência marcante foi conhecer a Colômbia e viajar para vários lugares, conhecer pessoas, degustar da comida, aprender danças, conhecer pessoas de outros países também, ver a alegria daquele povo e ao mesmo tempo suas lutas decorrentes. Enfim, são muitas experiências que marcaram e levo cada uma comigo, mas em geral tudo foi uma surpresa, pois era tudo novo e diferente para mim.



Questionário Escrito

Universidade Federal de Lavras – UFLA
Departamento de Educação - DED
Programa de Pós Graduação em Educação – PRPG
Profa. Orientadora Dra. Tania Regina de Souza Romero

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFLA e, como trabalho final do referido curso tenho que realizar uma pesquisa, recolher dados e analisá-los a fim de redigir uma tese na área de estudos de educação. Portanto, solicito sua gentileza em responder ao questionário que se segue, salientando que, por motivos éticos, a identidade dos participantes desta pesquisa será preservada. Os dados aqui obtidos serão única e exclusivamente utilizados para o propósito acadêmico citado.

Antecipo meus sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Amanda Cristina dos Santos Reis

Lavras, outubro de 2.019.

Nome:

Idade: 25 anos Sexo: Feminino

Pseudônimo: Regina

1. Formação

*Ensino Superior

Curso: Letras – Português e Inglês

Cidade: Boa Vista – Roraima Instituição: UFRR (Pública)

Ano de Conclusão:2019.1

*Intercâmbio na graduação

Curso: Disciplinas na área de Língua e Literatura Inglesa e Educação

Período: 10 meses

Cidade: Uppsala

País: Suécia

Instituição: Uppsala Universitet

Programa: Erasmus EBW+

Mês/Ano: Agosto/2016 a Junho/2017

*Cursos de Línguas Estrangeiras

Curso: Inglês (Básico, Intermediário e Avançado)

Cidade: Boa Vista - RR Instituição: Yázigi(Particular)

2. Responda

1- Para você, o que é uma boa experiência de estudos?

Para mim, uma boa experiência de estudos requer disciplina e determinação do estudante em tentar compreender teoria e conectá-la à prática, bem como a constante prática de pensar criticamente sobre o que é estudado e debatido dentro e fora da sala-de-aula a fim de transformar o conhecimento em mudanças para comunidade. Além disso, uma boa experiência de estudos é complementada por apoio governamental/institucional na criação de oportunidades para expansão dos trabalhos acadêmicos e na oferta de programas de intercâmbio e mobilidade por meio de parcerias nacionais e internacionais.

2- Quais foram suas motivações para participar de um intercâmbio durante a graduação?

Minhas motivações para participar de um intercâmbio durante a graduação variaram desde o desejo antigo e pessoal de conhecer outro país e conseqüentemente outra(s) cultura(s), como o fato de saber que, se bem vivenciado, ele seria um divisor de águas na minha carreira acadêmica e profissional.

3- Quais eram suas expectativas em relação a esse intercâmbio?

Tentei não criar expectativas pois queria me surpreender com tudo, porém como se tratava da realização de um sonho acabei criando a imagem de que seria algo completamente diferente do que eu vivo no Brasil, o que acabou se confirmando.

4- Como você avalia a experiência de formação cultural nesse intercâmbio?

Avalio a experiência de formação cultural como rica, tendo em vista que ao chegar na Suécia, eu tive a oportunidade não só de conhecer os diferentes costumes daquele país, mas também pude conhecer um pouco de outras culturas, já que juntamente a mim, outros alunos internacionais também estavam chegando para vivenciar o intercâmbio e através deles pude conhecer e entender melhor diferentes dinâmicas sociais de outras partes do globo. Além do mais, também foi rico observar como o Brasil é visto através de diferentes lentes e como as opiniões não diferem muito umas das outras.

5- Durante sua graduação, você já viveu as duas experiências de estudo, no Brasil e em outro país. Com qual delas você acredita ter tido um maior aproveitamento? Por quê?

Não conseguiria ter vivido a experiência fora do Brasil se não fossem minhas experiências dentro da UFRR, pois foi lá que construí o histórico e as experiências acadêmicas que me possibilitaram enriquecer meu currículo para participar do Erasmus EBW+. Já através do Erasmus, eu tive a oportunidade de ter novas experiências acadêmicas que enriqueceram ainda mais minha visão de mundo e também contribuíram para o que eu já conhecia. Portanto, tive aproveitamentos diferentes nos dois lugares, o que torna difícil mensurar em qual eu tive o maior deles.

6- Como você vê a inclusão de oportunidades de intercâmbio na graduação na sua área de formação?

Vejo a inclusão de oportunidades de intercâmbio na minha área de formação na graduação ainda caminhando a passos lentos. Há poucas parcerias entre a universidade onde me formei com instituições internacionais, claro que é um quadro que a coordenadoria de relações internacionais

da UFRR tenta mudar, mas ainda sinto falta de mais oportunidades. O que vejo é que os alunos da graduação tem chance de participar de um programa de intercâmbio se ficarem atentos às datas de publicação de editais disponibilizados na internet, pois muitas instituições internacionais oferecem bolsas voltadas especialmente para alunos da América do Sul. Descobri isso apenas depois que fiz o intercâmbio e penso como seria maravilhoso se todos soubessem disso, se fosse mais divulgado.

7- Você acha que o incentivo a intercâmbios deve continuar? Por quê?

Com certeza acho que o incentivo a intercâmbios deve continuar, apesar de estarmos regredindo neste setor. Não se trata de o governo ou alguma organização internacional “bancar” um aluno no exterior, não é isso. Através de um intercâmbio aquele(a) aluno(a) cresce culturalmente e academicamente também, e após um tempo pode voltar para seu país para aplicar o que aprendeu, ajudar na mudança de seu contexto social. Pensar numa educação sem fronteiras é fundamental para tomarmos consciência de que temos nosso lugar no mundo e que nossas contribuições serão importantes em qualquer lugar que formos.

8- Relate suas experiências marcantes em relação ao estudo no exterior.

Tudo foi marcante. Desde a primeira vez morando sozinha, tendo responsabilidades de cuidar do meu lugar, minha alimentação (não tinha papai para fazer minha comida), meus horários até viver a universidade que praticamente era a cidade inteira. Senti-me fazendo parte de uma realidade que antes habitava apenas meus sonhos. Claro que a cidade onde morei também tinha seus problemas, porém foquei apenas no que poderia me enriquecer culturalmente e como ser humana. As pessoas que tive a oportunidade de conhecer foram fundamentais para minha experiência, fiz amizades pra vida toda (Amanda linda!) e pude conhecer, através das diferentes vozes, um pouco da cultura de cada país que dividia naquele momento o mesmo espaço geográfico que eu.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS

Questionário Escrito

Universidade Federal de Lavras – UFLA

Departamento de Educação - DED

Programa de Pós Graduação em Educação – PRPG

Profª. Orientadora Dra. Tania Regina de Souza Romero

Sou aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFLA e, como trabalho final do referido curso tenho que realizar uma pesquisa, recolher dados e analisá-los a fim de redigir uma tese na área de estudos de educação. Portanto, solicito sua gentileza em responder ao questionário que se segue, salientando que, por motivos éticos, a identidade dos participantes desta pesquisa será preservada. Os dados aqui obtidos serão única e exclusivamente utilizados para o propósito acadêmico citado.

Antecipo meus sinceros agradecimentos.

Atenciosamente,

Amanda Cristina dos Santos Reis

Lavras, outubro de 2.019.

Nome
Idade 20 anos Sexo Feminino
Pseudônimo _____

1. Formação

*Ensino Superior

Curso: Letras Inglês/Português
Cidade: Lavras Instituição: Particular Pública
Ano de Conclusão: -

*Intercâmbio na graduação

Curso: Francês Período: duração de 5 meses
Cidade: Boston País: Estados Unidos
Instituição: Howard Extension school
Programa: au pair
Mês/Ano: agosto a dezembro

*Cursos de Línguas Estrangeiras

Curso: Inglês, Espanhol, Francês
Cidade: Lavras - inglês e espanhol Instituição: Particular Pública
Francês - Boston

2. Responda

1- Para você, o que é uma boa experiência de estudos?

Para mim, uma boa experiência de estudos é aproveitar ao máximo cada oportunidade acadêmica, obtendo crescimento pessoal e profissional.

2- Quais foram suas motivações para participar de um intercâmbio durante a graduação?

Como sou aluno de Letras Inglês/Português acredito que para um melhor desenvolvimento e sucesso profissional deveria possuir uma experiência no exterior, já que minha profissão está estritamente ligada ao inglês e ao português (língua já falada no meu país de origem, Brasil).

3- Quais eram suas expectativas em relação a esse intercâmbio?

Tive com a expectativa de melhorar minha pronúncia e ampliar vocabulário na língua inglesa (fim de semana, aprendi como meta realizei um curso na Universidade de Harvard).

4- Como você avalia a experiência de formação cultural nesse intercâmbio?

Um aprendizado constante de como enxergar o mundo fora de uma "bolha". Aqui percebi diversas coisas diferentes do que via no Brasil; outras culturas, outros costumes, outras línguas etc.

5- Durante sua graduação, você já viveu as duas experiências de estudo, no Brasil e em outro país. Com qual delas você acredita ter tido um maior aproveitamento? Por quê?

Acredito que não existe um maior aproveitamento em uma ou em outra. São experiências completamente diferentes com gostos pessoais e profissionais diferentes.

6- Como você vê a inclusão de oportunidades de intercâmbio na graduação na sua área de formação?

Acredito que devíamos ser mais amplos já que mesmo curso de Letras forma profissionais da área de língua inglesa e um intercâmbio faz completa diferença. Eu juntei dinheiro durante 1 ano para ir lá aqui. A UFPA apenas aprova minha matrícula em AAI, mas são muitas oportunidades de ajuda financeira.

7- Você acha que o incentivo a intercâmbios deve continuar? Por quê?

Acredito que deve aumentar. Um intercâmbio acrescenta muito além de pontos profissionais. Fora do país, saímos da zona de conforto completamente, amadurecemos opiniões nessa visão de mundo, conhecemos novas culturas e pessoas.

8- Relate suas experiências marcantes em relação ao estudo no exterior.

Aqui já fiz 1 e já fiz 2 cursos. Em maio fui para São Francisco, na Califórnia aprender sobre política, história e economia da região. Conheci pessoas de diversos lugares do mundo e trocamos experiências de cultura, história e política dos nossos países.

Em agosto ingressei em um programa em Harvard. Nunca imaginei que conseguiria realizar este sonho utópico de estudar em uma das melhores universidades do mundo todo. Foi estudo na classe de Elementary French e como uma aluna observadora, aprendo muito mais que francês: técnicas de lecionar aula em outra língua, como lidar com estudantes estrangeiros, como ensinar a língua para pessoas mais velhas, técnicas de avaliação acadêmica, entre outras.

O intercâmbio está sendo uma das melhores experiências da minha vida.